

Veyzon Campos Muniz
Idola Regina dos Santos Campos (Orgs.)

DIREITO POLÍTICA E CINEMA

(COM SPOILERS)

VOL. 3



DIREITO, POLÍTICA E CINEMA (COM SPOILERS): VOL. 3 é o novo fruto do projeto de pesquisa Participação Política Cidadã, desenvolvido no Curso de Direito da FACCAT. Trata-se de uma compilação de análises críticas, provenientes de muitas cabeças pensantes, mãos criativas e olhos vidrados nas telas, que viram conteúdos políticos e jurídicos em diversas obras cinematográficas. A linguagem do Cinema e os métodos da Ciência Jurídica dão origem, como podemos ler nas produções textuais apresentadas, a mais de trinta reflexões críticas com a atenção a práticas e temas fundamentais à construção de consciência, pensamento e saber políticos. Como no volume inicial, a leitura deste livro é reveladora: desvendando as histórias, revelam-se detalhes narrativos, e abre-se espaço para (re)interpretações sólidas, a partir da compreensão de diversas questões. As relações de biopoder, a democratização da política, a erradicação e a desconstrução de regimes antidemocráticos e a construção de modelos estatais democráticos estão aqui presentes. Nesse sentir, novamente, assevera-se que conjunturas políticas e instabilidades jurídicas ensejam a premência da criticidade popular que permite o real exercício de soberania pelos cidadãos. Um olhar crítico frente ao Direito, à Política e ao Cinema, é o que se encontra entre essas páginas e o que pode ser fomentado por trabalhos científicos e produções artísticas.



**DIREITO
POLÍTICA E
CINEMA
(COM SPOILERS)**

**DIREITO
POLÍTICA E
CINEMA
(COM SPOILERS)
VOL. 3**

Organizadores:

Veyzon Campos Muniz

Idola Regina dos Santos Campos



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

Arte de capa: Poster divulgação do filme 'The Matrix Revolutions', Columbia Pictures(United States), Warner Bros.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MUNIZ, Veyzon Campos; CAMPOS, Idola Regina dos Santos (Orgs.)

Direito, Política e Cinema (com spoilers): volume 3 [recurso eletrônico] / Veyzon Campos Muniz; Idola Regina dos Santos Campos (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

185 p.

ISBN - 978-85-5696-515-8

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Cinema. 2. Interpretação. 3. Filmes. 4. Filosofia. 5. Direito. 6. Política. I. Título.

CDD: 340

Índices para catálogo sistemático:

1. Direito 340

A todas e todos que, como Fellini, acreditam que o cinema é um modo divino de contar a vida e seus fenômenos.

Sumário

Prefácio - Direito e arte fundidos na construção de saberes	13
Marcos Catalan	
Apresentação	17
Carine Raquel Backes Dörr	
Introdução ou O Exercício do Buscar-Saber	19
Veyzon Campos Muniz	
1.....	23
12 Horas Para Sobreviver – O Ano da Eleição	
Eduarda Ortiz Ermel	
2	29
13º Distrito	
Bruna Corbellini	
3	33
A Saga Crepúsculo: Lua Nova	
Maiara Zandoná	
4	37
Até o Último Homem	
Lucas Mateus Jungthon	
5	43
Branca de Neve e o Caçador	
Ana Luísa Schalleberger Alves	
6	47
Cidade do Silêncio	
Caroline Menegazzo Vargas	

7	53
Coach Carter - Treino para a Vida	
Amanda Maqueli da Silva	
8	57
Corra!	
Veyzon Muniz	
9	63
Divergente	
Josiani da Silva Pospichil	
10	67
Eles Não Usam Black-Tie	
Marcelo Müller	
11	71
ELIS	
Marciana Bernardes da Silva	
12.....	75
Footloose	
Caroline Tassiane Keller	
13.....	79
Gran Torino	
Marco Aurelio Duarte da Costa	
14	83
Histórias Cruzadas	
Maria Leatrice Saldanha Pacheco	
15.....	89
Jornada pela Justiça	
Denise Buhler	
16.....	93
Mulher-Maravilha	
Vitória dos Reis Siepmann	
17.....	97
O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias	
Maiara da Rosa Martins	

18	101
O Jogo da Imitação	
Thais Lenz	
19	105
O Livro de Eli	
Heitor Barbosa da Silva	
20	109
O Nascimento de uma Nação	
Veyzon Muniz	
21	115
O Poderoso Chefão, Parte II	
Ane Caroline de Oliveira Riva	
22	119
O Quinto Poder	
Maiara Arnold Corrêa	
23	125
O Senhor dos Anéis: As Duas Torres	
Karina de Oliveira Reis	
24	129
O Sorriso de Mona Lisa	
Pâmela Schwertz	
25	133
Okja	
Lucas Guilherme Soares	
26	137
Olhos da Justiça	
Silvio Luis Cecilio da Silva	
27	141
Os Croods	
Gilza da Silva Machado	
28	145
Os Oito Odiados	
Luana Ferreira	

29	149
Quem Quer Ser Um Milionário?	
Geison Dias	
30	153
Saneamento Básico, o Filme	
Izabel Trentin	
31	157
Sangue Negro	
Régis Bento de Souza	
32	161
Sogra Infernal	
Viviane da Silva	
33	165
Velozes e Furiosos 5: Operação Rio	
Victória Gabriela da Silva	
E o que vem após o apagar das luzes? A Conclusão	169
O Organizador	
Referências	173
Sobre os autores	179
Lista de filmes presentes na coleção	183

Prefácio

Direito e arte fundidos na construção de saberes

*Marcos Catalan*¹

O Direito legado ao Contemporâneo foi erigido na Modernidade e ainda hoje é usualmente identificado nas muitas *regras* espalhadas por códigos e leis especiais que, em tese, foram geometricamente moldadas pela racionalidade humana². Ao mesmo tempo, também é percebido em *princípios* desnecessariamente qualificados como *gerais*³, princípios, aliás, muitas vezes gestados em úteros solipsistas⁴, ou que, mesmo quando democraticamente concebidos, acabam significados com amparo na retórica e sem que haja maior preocupação com a sua adequada densificação hermenêutica e (ou) com a inafastável normatividade que deles pulsa, de forma indelével.

¹ Pós-doutor pela *Facultat de Dret* da *Universitat de Barcelona*. Doutor *summa cum laude* em Direito pela Faculdade do Largo do São Francisco, Universidade de São Paulo. Mestre em Direito pela Universidade Estadual de Londrina. Professor no Mestrado em Direito e Sociedade da Universidade La Salle. Professor no curso de Direito da Unisinos. Editor da Revista Eletrônica Direito e Sociedade. *Visitor Schollar* no *Istituto Universitario di Architettura di Venezia*. Professor visitante no Mestrado em Direito de Danos da Faculdade de Direito da Universidade da República, Uruguai e no Mestrado em Direito. Advogado parecerista. Currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4691603916424874>.

²ALPA, Guido. Las tareas actuales del derecho privado. **Revista de derecho privado**, n. 1, Madrid, ene./feb. 2008, p. 03-12. MAZEAUD, Denis. Diritto dei contratti: la riforma all'orizzonte! **Rivista di Diritto Civile**, v. 60, n. 4, Padova, lug./ago. 2014, p. 800-849.

³CATALAN, Marcos. Do conflito existente entre o modelo adotado pela Lei 10.406/02 (CC/2002) e o artigo 4º da Lei de Introdução ao Código Civil. **Revista de direito privado**, v. 25, São Paulo, 2006, p. 222-232.

⁴STRECK, Lenio. **Dicionário de hermenêutica**. São Paulo: Casa do Direito, 2017.

Em tais cenários, ainda hoje, partes do Direito seguem sendo recortadas e invocadas como se fossem inegável representação do todo e, em tal contexto, como se viessem ao mundo enquanto incontestável prova da pureza e da perfeição daquele mesmo todo. Partes, quase sempre, utilizadas na condução do labor do intérprete através de perigosos atalhos, de trilhas, inegavelmente, simplificadoras e sobre as quais as pegadas deixadas permitem identificar – mesmo que nas palavras não ditas ou nas frases não escritas – tanto o desprezo ao pensamento complexo⁵, como a falta de preocupação com a coerência e a integridade que hão de colorir tudo que se pretenda ser consoante o Direito.

O distanciamento havido entre o Direito e a Sociedade – legado, como antecipado, pela Modernidade ao Contemporâneo – também alcançou a pessoa, qualificando-a como sujeito, sujeito de direito, sujeitos de direitos, no mais das vezes, apenas em teoria. Como aceitar tanta discrepância, tanta exclusão, quando se sabe, hoje, que o eu, somente pode existir na presença do outro. Galatéia não existira sem Pigmaleão, mas, sem ela, ele jamais teria sido capaz de amar, como amou.

O outro ocupou o lugar do indivíduo nos debates hodiernos ao emergir como condição de possibilidade de toda a existência humana⁶, embora, em incomensuráveis ocasiões – mormente, nos cenários coletivamente construídos por sentidos comuns –, não passe de um bárbaro⁷ a alimentar os mais distintos quadros de

⁵MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

⁶SILVA FILHO, José Carlos Moreira da. Pessoa humana e boa-fé objetiva nas relações contratuais: a alteridade que emerge da ipseidade. In: SILVA FILHO, José Carlos Moreira da; PEZZELLA, Maria Cristina Cereser (Coords.). **Mitos e rupturas no direito civil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008, p. 291-323.

⁷TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 24-32. (“A barbárie resulta de uma característica do ser humano; aparentemente, seria ilusório esperar que, um dia, ela possa ser definitivamente eliminada [pois] não corresponde a um período específico da história da humanidade, antiga ou moderna, nem a qualquer população que ocupasse uma região particular do Planeta: ela está em nós, assim como nos outros.”)

ansiedade, angústia e medo. Teria alguém se perguntado, entretanto, se aos olhos do outro – se aos olhos de todos os outros, daqueles que não conhecemos, com os quais não dialogamos por incomensuráveis razões e que, talvez, jamais venhamos a ter qualquer contato –, não seríamos nós, cada um de nós, aquele que é visto como um bárbaro⁸?

Eis aí, talvez, uma importante razão para que olhemos – todos nós – para o outro, para todos os outros com olhos sempre e sempre acolhedores e com o coração prenhe de hospitalidade, despretensiosamente, oferecida⁹, conduta esperada, não apenas, em razão da forte carga ética que as imanta, mas que são impostas pelo Direito na contemporaneidade.

Semeada entremeio a questões como (a) a identificação e o uso das fontes do Direito, (b) a escorreita compreensão dos princípios jurídicos, (c) a eficácia dos direitos fundamentais e sua (in)efetividade, (d) a compreensão hermenêutica do Direito e (e) problemas de Direito e Sociedade, a obra *Direito, Política e Cinema com spoilers* alcança o terceiro volume. Organizada por Veyzon Campos Muniz e Idola Regina dos Santos Campos e composta a partir da sobreposição de agradáveis opúsculos imantados pela leitura – informada por lentes jurídicas – de clássicos da sétima arte como o são *The Godfather* e sua continuação, do instigante e indecifrável *The Matrix Revolution*, da sensível e atualíssima película *Mona Lisa Smile* ou dos sangrentos *The Hateful Eight* e *Kill Bill: vol. 2*. Destaque-se, ainda, as notas aos filmes nacionais, infelizmente, ainda pouco valorizados em nosso país: Eles não usam black-tie, Elis, O ano em que meus pais saíram de férias e Saneamento básico são o pano de fundo artístico para interessantes reflexões.

⁸TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 28.

⁹PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. **A pátria dos sem pátria: direitos humanos & alteridade**. Porto Alegre: Uniritter, 2011, p. 116-125.

A obra compõem, ainda, de notas aos filmes *13th, Bordertown, Brick Mansions, Coach Carter, Divergent, Fast Five, Footloose, Get Out, Gran Torino, Hacksaw Ridge, Psycho In-Law, Secret in Their Eyes, Slumdog Millionaire, Snow White and the Huntsman, The Birth of a Nation, The Book of Eli, The Croods, The Fifth Estate, The Help, The Imitation Game, The Lord of the Rings: The Two Towers, The Purg: Election Year, The Twiligh Saga: New Moon, The Wronged Man, There Will Be Blood e Wonder Woman*, aqui, todos, grafados no original na tentativa de mostrar ao leitor como as traduções podem não ser fiéis.

O que há de mais belo neste trabalho, entretanto, é o fato de ser composto, quase todo ele, por estudantes de graduação que buscam colorir o direito de modo a permitir que ele seja percebido como realidade que não pode ser reduzida aos esquemas patrimoniais privados¹⁰ tão cultuados pelo Mercado¹¹.

Resta, apenas, agradecer o gentilíssimo convite para prefaciar esta obra.

¹⁰RODOTÀ, Stefano. Editoriale. *Rivista critica del diritto privato*, v. 25, n. 1, Napoli, mar. 2007, p. 04.

¹¹CATALAN, Marcos. Estado da arte, riscos do desenvolvimento e proteção do consumidor frente às incertezas contidas no porvir. In: MARQUES, Cláudia Lima; MIRAGEM, Bruno; OLIVEIRA, Amanda Flávio de (Orgs.). **25 anos do Código de Defesa do Consumidor: trajetória e perspectivas**. São Paulo: RT, 2016. CATALAN, Marcos. Um sucinto inventário de vinte e cinco anos de vigência do código de defesa do consumidor no Brasil. *Revista de direito do consumidor*, v. 103, São Paulo, jan./fev. 2016, p. 23-53.

Apresentação

*Carine Raquel Backes Dörr*¹

A formação de profissionais com olhar humanístico e, ao mesmo tempo, técnico, que tenham “autonomia para aprender, por meio de uma prática investigativa com visão inovadora, criativa, sendo capaz de desenvolver processos de comunicação e de aplicação do conhecimento para solução de problemas”² faz desta coletânea o mais belo resultado de um trabalho atento e cuidadoso, e porque não carinhoso, do Professor Veyzon Campos Muniz e de seus alunos da disciplina de Ciência Política e Teoria do Estado.

Com muito envolvimento, estudo, atenção, criatividade, *spoilers* e análises, os autores encantam e prendem a atenção do leitor ao relacionarem a arte ao tema jurídico. São análises com olhares particulares que demonstram o crescimento e a maturidade dos acadêmicos do Curso de Direito da FACCAT. Melhor apresentando: acadêmicos iniciantes do Curso de Direito da FACCAT. Sim, eles são iniciantes e já apresentam relações entre ficção, temas contemporâneos, renomados autores e pensadores de diferentes áreas com seus objetos de estudo. Todos relacionados com o conteúdo jurídico e político discutido nas aulas, com certeza, divertidas e produtivas, ministradas pelo Professor Veyzon. Encontros esses que ficarão na memória de cada acadêmico e acadêmica que, ao chegar no dia de sua esperada e planejada formatura, fará uma retrospectiva e lá estará a construção dos primeiros semestres do Curso de Direito.

¹ Currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7542162220508107>. Vice-Diretora de Graduação da FACCAT

² FACCAT. **Projeto Pedagógico Institucional**. Taquara: FACCAT, 2015, p. 12.

Para despertar a curiosidade e deixar um *spoiler*, a obra apresenta olhares ímpares como a relação entre *A Saga Crepúsculo: Lua Nova* e os pensadores Nicolau Maquiavel e Max Weber, em outro momento relaciona *Branca de Neve e o Caçador* com ideias democráticas... E assim são conectados os diferentes contextos vividos pelos acadêmicos e acadêmicas do Curso de Direito, pelo Professor Veyzon e pelos cineastas de *Corra!*, *Divergente*, *Eles Não Usam Black-Tie*, *Mulher-Maravilha*... apenas para dar um “gostinho” do que nos espera nos próximos capítulos.

O convite para apresentar uma obra de tamanha grandeza para o mundo acadêmico me deixou lisonjeada e me fez refletir: se não somos parceiros ou colegas juristas, por que eu para apresentar tamanha beleza? Concluí que somos muito mais do que isso, somos apaixonados pela educação e confiantes de que esse é o movimento que poderá mudar realidades.

Acredito que, assim como eu, o Professor Veyzon Campos Muniz entra em sala de aula e sente-se como se estivesse em um teatro, ou tela de cinema, inicialmente atuando como o ator principal e, conforme avalia as expressões dos telespectadores, modifica seu texto e sua peça para que os telespectadores ocupem o papel de atores, ora principais, ora coadjuvantes, movimentem o cenário e vivam novas experiências importantes aos futuros profissionais da área jurídica.

E nessa reflexão percebi que o Professor conduziu com sabedoria e criatividade a missão que recebeu ao ser aprovado na seleção docente para o Curso de Direito, da qual participei, que foi trabalhar os princípios institucionais de Formação Integral, Qualidade, Regionalização, Democratização, Sustentabilidade e Empreendedorismo, por meio do caminho metodológico institucional de Flexibilização, Conhecimento em Rede, Metodologias Ativas, Competências, Interdisciplinaridade, Teoria e Prática, e Avaliação Formativa.

Parabéns Professor pela bela condução e parabéns acadêmico pela linda e gratificante produção!

Introdução ou O Exercício do Buscar-Saber

*Veyzon Campos Muniz*¹

Luís Roberto Barroso², em colóquio, afirmou que *“Direito e Política são coisas diferentes”* e que *“essa distinção tem sido considerada essencial no Estado Constitucional Democrático. Na Política vigoram a soberania popular e o princípio majoritário. O domínio da vontade da maioria. No Direito vigoram o primado da lei (o Estado de Direito) e o respeito aos direitos fundamentais. O domínio da razão pública”*. Ele, ainda, aduziu que cabe *“à Constituição fazer a interface entre o Direito e a Política [...] O Direito, portanto, deve ter uma vigorosa pretensão de autonomia em relação à Política. Para bem e para mal, por muitas razões, esta autonomia será apenas relativa. No mundo real, a linha divisória nem sempre é nítida e certamente não é fixa”*.

Com efeito, a reflexão do Ministro da Corte Constitucional brasileira é importante tanto para finalidades didáticas quanto para a instrumentalidade prática. Pensar sobre a relatividade da autonomia entre Direito e Política ganha especial relevo quando nos deparamos com um mundo real que considera o “político” um mal e o “jurídico” surreal. Se no campo político deve prevalecer o interesse popular e no campo jurídico a racionalidade técnica, percebe-se que o “cidadão médio” acaba por se distanciar de ambos por não conseguir perceber como, de fato, suas pretensões e garantias serão respeitados pelas instituições políticas e jurídicas.

¹ Currículo disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5799461465967734>. Contato: veyzon.muniz@gmail.com.

² BARROSO, Luís Roberto. **Constituição, Direito e Política**: o Supremo Tribunal Federal e os Poderes da República. São Paulo: Instituto FHC, 2015. (Comunicação oral)

Esse distanciamento, contudo, é sintomático de uma ineficiência institucional sistêmica e de uma carência de capacidade crítica por parte do cidadão – que caso a detenha, não mais poderá ser adjetivado com o termo “médio”. E é assim que se infere importância à efetividade da cidadania ativa que o conhecimento *juspolítico* confere.

No processo de apreensão de saberes do Direito e Política, o Cinema pode ser uma ferramenta muito eficiente para que o cidadão encontre o domínio da razão pública e da vontade majoritária. Através da experiência cinematográfica pode-se construir, desconstruir e significar alegorias de fenômenos jurídicos e políticos. Alegorias, entendidas como modos de expressão artística que, através de um conjunto imagético, apresentam uma realidade simbólica e constituem metáforas comparáveis a realidades concretas.

Em *O Poderoso Chefão*³ [imagem de capa do primeiro volume], por exemplo, a figura de Don Vito Corleone (Marlon Brando), arquétipo do “mafioso de família”, que faz negócios ilícitos com a conivência e parceria do poder público pode ser análoga a algo bastante presente no ambiente brasileiro contemporâneo, no qual ligações público-privadas espúrias vem sendo reveladas e as falhas de estruturas políticas, juridicamente respaldadas, dão conta de um cenário infelizmente similar. Em *Kill Bill: Volume 2*⁴ [imagem de capa do segundo volume], por sua vez, Bill (David Carradine), o líder de um grupo de assassinos de aluguel, que tentou matar sua amante anos antes (no primeiro volume da obra), faz um interessante monólogo sobre a mitologia do herói. O personagem afirma que o ponto principal da narrativa de super-heróis é a existência de seu alter ego, referindo que *Superman* é único por não se transformar: Clark Kent é seu disfarce, e não o contrário. O ser alienígena se traveste de pessoa,

³ *The Godfather* (1972), de Francis Ford Coppola.

⁴ *Kill Bill: Volume 2* (2004), de Quentin Tarantino.

criando a sua representação do ser humano: alguém fraco, inseguro e covarde. A análise de Bill acerca de como o herói enxerga a humanidade é fundamental à narrativa do filme, eis que ajuda o espectador a conhecer a própria perspectiva do antagonista quanto a questão. Mas, mais do isso, trata-se de uma crítica sobre a auto-percepção humana.

O indivíduo inserido em uma sociedade adere, querendo ou não, a um pacto social que institui regras jurídicas e ordenações políticas de observância obrigatória. Tal qual *Superman* que passa a ter um alter ego indissociável, ele se torna cidadão (sujeito de direitos e de deveres). E, indubitavelmente, é a participação política, idealizada constitucionalmente e necessária ao convívio social, que afasta dele sentimentos de fraqueza, insegurança e covardia diante das imposições do Direito e da Política. Como, na parte final da trilogia *Matrix*, refere Neo (Keanu Reeves): “o que importa é o que a Palavra indica”.⁵ Assim, buscar o saber sobre os significados das letras jurídicas e políticas é o que torna a cidadania efetiva. Assistir a filmes e ler livros podem, nesse sentir, ser ações de descoberta de tais palavras... Então, aproveite o ensejo, e siga nossas palavras...

⁵ *Matrix Revolutions* (*The Matrix Revolutions*). Direção: As Irmãs Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2003. Professor Universitário e Cinéfilo.



12 Horas Para Sobreviver – O Ano da Eleição ^{1 2} (*The Purge: Election Year*, 2016)

Eduarda Ortiz Ermel



O filme aborda um aspecto importante do ser humano, afinal, trata da liberdade em seu mais primitivo sentido: a “lei do mais forte”, ou seja, aquele que tem mais força sobreviverá, na medida em que, na “noite de crime” (da qual a série de filmes se

¹ 12 Horas Para Sobreviver – O Ano da Eleição (*The Purge: Election Year*). Direção: James DeMonaco. Produção: Jason Blum, Michael Blay, Andrew Form, Brad Fuller, Sébastien K. Lemercier. Estados Unidos: Universal Pictures, 2016.

² Figura: Pôster oficial do filme.

ocupa), o indivíduo pode praticar todo e qualquer ato ilícito sem que seja punido. Outro aspecto importante é o fato de que todo o drama da obra se desenrola em torno de uma eleição que é a essência pura da política democrática. Percebe-se no filme que devido à liberdade concedida a todos os cidadãos norte-americanos naquelas doze horas, não havendo punição para qualquer delito praticado, os integrantes de um dos partidos – aquele que deseja manter viva a tradição da purificação – sequestra a candidata à presidência de outro partido, planejando matá-la juntamente com outras pessoas menos favorecidas a fim de se purificarem. Ocorre que além da candidata defensora do fim da purificação, as outras pessoas sequestradas junto com ela deixam claro no filme que apenas pessoas da classe baixa da sociedade sofrem com a chamada “purificação”. Somente as pessoas sem condições acabam sendo vítimas do evento principal da obra, devido ao contexto histórico-social (uma crise econômica nos Estados Unidos) que vivenciam. Para o governo é interessante que aquelas pessoas sem condições financeiras sejam eliminadas, ou como vem muito bem a calhar, sejam expurgadas do país. Com o fim da parcela mais pobre da sociedade, o governo não precisaria mais gastar com programas sociais e teria mais dinheiro para a manutenção do poder. E assim, aqueles que dominam o poder na cúpula de governo lá manter-se-iam sempre, podendo estender seus tentáculos para que novas pessoas com ideias distintas (caso da candidata sequestrada) não ascendessem aos altos cargos governamentais, mantendo-se os velhos costumes dos chamados “pais-fundadores”. Um prisma que se mostra deveras interessante no partido dos novos pais-fundadores é a sua íntima ligação com a religião, sendo que a candidata e as demais pessoas sequestradas são levadas para dentro de uma igreja para que a “sede de sangue” dos integrantes fosse saciada no interior do local de culto religioso. O candidato do partido dos pais-fundadores é um pastor que defende que a noite da purificação seja mantida para que assim os cidadãos norte-americanos possam se “purificar” com o cometimento dos mais

variados delitos sem que haja qualquer sanção. Ora, para um dito representante de Deus, defender o cometimento de delitos, inclusive ceifando vidas, se mostra completamente hipócrita. Ele justificativa suas ações em passagens bíblicas que falam que o sangue será derramado para que a alma do purificador (aquele que está cometendo o ilícito) fique limpa de todos os seus pecados. E, valendo-se dessa premissa, juntamente com os demais participantes do partido, objetiva dar um fim na representante que pretendia, caso eleita, passar a praticar políticas sociais que favorecessem as classes menos favorecidas da sociedade. Percebe-se um integral assassinato da democracia e também da política em si, afinal, a prática política possui como núcleo o debate e a pluralidade de ideias – para que se elenquem pontos positivos e negativos de todas elas e se encontre um juízo comum a ser exercido em comunidade e assim se chegue ao bem-estar social. A partir do momento em que é tirado (ou simplesmente se deseja retirar) do diálogo um candidato com ideias distintas se está cometendo um sacrilégio contra a democracia. A política é a ciência que analisa a organização dos povos, isto é, trata de destrinchar e observar, fazendo apontamentos e fomentando críticas, questões particulares de determinadas relações de poder e responder o porquê tal situação se deu de certa forma. A diversidade de ideias inseridas no debate democrático faz com que se chegue ao bem comum, mas a partir do momento em que essas discussões objetivando o bem-estar social são retiradas de pauta e eliminam-se as ideias “diferentes”, se tem uma tirania em que uma só vontade prevalece – como o cenário apresentado no filme assistido. A obra traz uma crítica social a determinadas práticas políticas, em que a corrupção está instaurada de modo corriqueiro, mostrando que o governo não se importa com os mais necessitados, pretendo abolir políticas de assistência de todas as formas possíveis, mesmo que para isso as vidas de cidadãos sejam tiradas sob a chancela estatal à purificação. Isso nada mais é do que uma alegoria da exclusão pela qual se percebe que aos pobres não é assegurada a

possibilidade de ter voz nem vez, estando subjogados à vontade totalitária de um governo que administra o Estados ao seu bel prazer e dá aos oprimidos apenas as sobras e as migalhas de um bem que deveria ser comum. Essa forma de “purificação” retira dos desprovidos as chances de fazerem parte do debate democrático sobre as políticas públicas que serão desenvolvidas e de que forma serão exercidas. Mesmo que indiretamente, o filme assistido mostra que, sem a oportunidade de dizer aquilo que é necessário para si mesmo, o pobre acaba ficando sem condições de prover-se, sustentar-se, e assim é arrastado para o fim inevitável de qualquer ser humano: a morte. Fazer política ouvindo-se apenas um lado é além de parcial, algo totalmente injusto, afinal a justiça, em sentido amplo, é escutar as pessoas e chegar-se a um meio termo que contente ambas as partes – ricos e pobres. Dessa forma, entende-se que para se obter justiça social, o meio adequado é a política, mas para isso é necessário que se ouça ambas as partes, do mais ao menos favorecido, e sejam utilizadas políticas públicas voltadas para o bem-estar social geral, a fim de se igualar a disparidade existente entre as partes da balança da justiça. Assim, o governo através da política vem para emparelhar essa balança, fazendo com que o bem comum seja baseado na ideia de justiça, o que se concretiza em plenitude com a participação paritária na administração governamental. Se só um lado estiver no poder, somente as vontades e anseios daquele lado que serão ouvidas, deixando o outro à mercê da avaliação de utilidade do lado dominante. Por essa razão, a democracia deve ser exercida por governos compostos por representantes de todas as classes e setores, e todos devem ser ouvidos. Ao não se analisar as ideias de um determinado segmento, pode-se estar deixando de ver uma necessidade vital de um dos grupo da sociedade, o que pode acabar acarretando em um colapso social, como o observado no filme. As sociedades funcionam como uma máquina composta de engrenagens, sendo que estas são os setores e classes do povo. Logo, a partir do momento em que uma determinada peça para de

receber óleo, ela vai enferrujando, chegando ao ponto de parar. E, quando fica inativa, todas as demais param e, por fim, a máquina toda deixa de funcionar. Dito isso, a conclusão lógica é que não dar espaço para a parcela pobre da sociedade é um grave crime contra qualquer sistema social minimamente democrático porque se isso acontecer, a falta daquele grupo acabará por prejudicar toda a comunidade que, em tempo, sucumbirá. A missão do governo de diminuir a desigualdade social para que assim a pobreza deixe de existir (ou passe a ser o menor possível) só é legítima através do desenvolvimento, e não através das mortes. A análise política científica busca compreender esses mecanismos governamentais e a reação social frente eles. A sociedade periodicamente responde nas urnas almejando que seus anseios e valores sejam ouvidos e concretizados, através de seus representantes, que, por sua vez, devem atender a necessidades coletivas e princípios universais de todos (não somente de uma só parcela do eleitorado), para que se escute toda a comunidade e se atinja a paz social.

13º Distrito^{1 2}
(*Brick Mansions*, 2014)

Bruna Corbellini



O longa é uma refilmagem do filme francês B13 – 13º Distrito (de Pierre Morel, 2004). Ele conta a história da cidade de Detroit, na qual vige a separação dos cidadãos por classes sociais, retratando o medo, a violência, o tráfico de drogas, e outras mazelas sociais que tomam conta da parte mais carente da cidade

¹ **13º Distrito** (*Brick Mansions*). Direção: Camille Delamarre. Produção: Luc Besson, Claude Léger, Jonathan Vanger. Canadá: VVS Films, 2014.

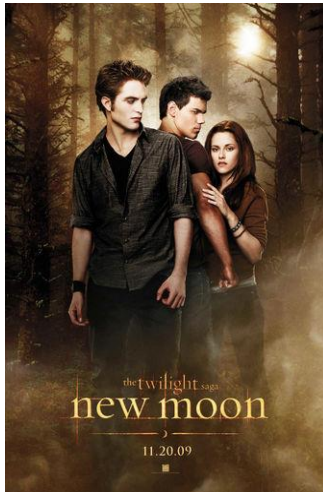
² Figura: Pôster oficial do filme.

onde (sobre)vive a classe mais baixa. Em alegoria à divisão de Berlim no período da Guerra Fria, é construído um muro para isolar a parte “vergonhosa” daquela metrópole, sem, contudo, haver qualquer preocupação política com o atendimento das necessidades daqueles cidadãos, deixando-os a deriva, excluídos de garantias fundamentais, como saúde, educação e segurança. Com isso o traficante Tremaine Alexander (RZA) ganha poder e domínio político de fato na área. Ele é combatido por Lino (David Belle), um especialista em *parkour* (técnica de transpor obstáculos em qualquer ambiente, a partir de práticas de salto, corrida e equilíbrio) que também possui alguns problemas com a polícia (corrompida pelo crime organizado), chegando a ser preso. O Detetive Damien Collier (Paul Walker) é um dos poucos policiais que ainda prezam pela honestidade, não cedendo à corrupção e seguindo as leis. A missão dada para Damien é entrar em *Brick Mansions*, a área atrás do muro, para resgatar uma bomba que pode causar a morte de milhões de pessoas. Nesta tentativa é preciso que uma pessoa que conheça bem a área ingresse com o detetive no 13º Distrito para que o armamento “volte” em segurança para a parte mais desenvolvida da cidade. A pessoa escolhida é Lino. Porém, no decorrer da trama, Damien descobre junto com Lino e Tremaine que a bomba foi uma espécie de isca para que a população que vivia atrás do muro fosse morta com a explosão e a culpa recaísse sobre Alexander. No entanto, a senha de desarme do explosivo era o código de endereçamento postal daquele lugar, ao terem este raciocínio, Tremaine e Lino tentam convencer Damien a utilizar o código. Cooperativamente, eles decidem que não colocariam a senha e esperariam o cronometro terminar a contagem, de modo a saber se a bomba explodiria ou não. O prefeito pensando que seu plano daria certo, concretizando o seu interesse político desumano, confiou em seu agente policial, porém teve uma grande surpresa ao ver que ele estava invadindo a prefeitura junto com os outsiders. O político não teve tempo de escapar, sendo obrigado a confessar seus erros e mostrando para

toda a população que aquela bomba nada mais era que uma ferramenta para atender seus próprios interesses. Ele pretendia expandir a cidade até a parte em que vivia a classe baixa, em benefício das classes média e alta, demolindo todas as construções periféricas que haviam naquela região e reconstruindo novas. Este é um filme que mostra como seria um *apharteid* contemporâneo, em alusão ao regime político de segregação racial estabelecido na África do Sul entre as décadas de 1940 e 1990. Na narrativa do filme, o critério de separação era social, afastava-se a população das classes altas da classe baixa. Em um contexto geral, em experiências democráticas tem-se direitos iguais, contudo, comparando-se com a história, aqueles que estavam por trás do muro, não possuíam direitos garantidos, eram excluídos, inclusive de direitos políticos, em razão de só as pessoas que tinham alto poder aquisitivo podiam votar. A democracia, por sua vez, só se consolida após a derrubada do muro, oportunidade em que todos começam a conviver comunitariamente e os direitos fundamentais passam a ser garantidos e assegurados pelo ordenamento jurídico e pela nova autoridade política.

A Saga Crepúsculo: Lua Nova ^{1 2}
(*The Twilight Saga: New Moon*, 2009)

Maiara Zandoná



A Saga Crepúsculo: Lua Nova é um longa-metragem que fez muito sucesso em seu lançamento, dirigido por Chris Weitz, conta com um formidável elenco, incluindo Robert Pattinson, interpretando Edward Cullen, Kristen Stewart, Isabella/Bella Swan, e Taylor Lautner, Jacob Black. Trata-se de uma continuação d'A

¹ **A Saga Crepúsculo: Lua Nova** (*The Twilight Saga: New Moon*). Direção: Chris Weitz. Produção: Wyck Godfrey, Karen Rosenfelt. Estados Unidos: Paris Filmes, 2009.

² Figura: Pôster oficial do filme.

Saga Crepúsculo na qual Edward e Jacob, membros de grupos diferentes (vampiros e lobisomens), têm segredos revelados e Bella se vê dividida entre o amor do vampiro Edward e a amizade do lobisomem Jacob. Nesse contexto, Jacob pertence a uma matilha de lobos, tendo sido recrutado e subordinando-se ao “líder do bando”, Sam Uley (Solomon Trimble), que decidia o que era o melhor para todos membros que, por sua vez, sempre respeitavam as suas decisões. É interessante analisar, que na matilha o poder político se aproxima do pensamento de Nicolau Maquiavel no sentido de que este era expressão da força estatal e que a legitimação do poder advinha do uso da força. Quem pertencia a matilha dos lobos estava subordinado à figura de autoridade, isto é, ao líder do bando, que comandava essa relação. Assim, para que Jacob continuasse na matilha deveria aceitar o regime político totalitário que ali estava estabelecido. Compreendendo a relação entre indivíduo e Estado, percebe-se a necessidade de Jacob cooperar com a matilha (formada por lobos que se reconhecem como irmãos), tendo em vista a existência de normas e regras internas, pelas quais o exercício do poder advinha tão somente da tomada de decisão do líder político. A saber, foi decidido que o melhor para Jacob era o afastamento da admirável Bella, não pertencente a matilha, que, por sua vez, teria envolvimento com Edward, integrante de outro grupo com conformação política distinta. Ao contrário do modelo adotado por Sam, Dr. Carlisle Cullen (Peter Facinelli), administrador da casa e pai da família, lidera o seu grupo a partir de uma espécie de constituição não escrita ou costumeira. O que ele idealizava fazer em primeiro lugar era consultado à família, e com o assentimento de todos, concretizado no melhor interesse coletivo. Nesse caso, o poder político se aproxima do pensamento de Max Weber, o qual qualificava poder legítimo na medida em que o indivíduo reconhece o monopólio da força na figura estatal, e respalda o exercício de poder, uma vez que percebe a legitimação do seu exercício através de valores éticos e normas jurídicas, viabilizando uma ideia democrática. A relação que Carlisle tem com

sua família se funda na ideia de poder político legítimo, pois mesmo sendo ele a representação da figura estatal, ao decidir os rumos da sociedade (sua família), buscava a aceitação do povo (os Cullen) em relação a suas decisões, legítimas ética e juridicamente. Seguindo o filme, Bella está de aniversário e, em razão da data comemorativa, ela e Edward resolvem celebrar na casa do vampiro. Com todo o clã lá presente, a mortal Bella se vê em perigo quando acidentalmente corta o dedo e sangra no local. Contrariando a decisão política de Carlisle de não atacar humanos, um membro da família o desobedece e atenta contra a vida de Bella, o que posteriormente faz Edward repensar o relacionamento amoroso que mantém com a jovem. Ele então decide se afastar de Bella, o que a faz se aproximar cada vez mais de Jacob que já tinha em mente algo além da amizade. Dividida entre o vampiro e o lobisomem, ela precisa fazer uma escolha, sabendo que sua decisão poderia desencadear uma guerra entre as criaturas. Percebe-se que o sentimento de Edward ao ver Bella e Jacob juntos poderia ensejar uma guerra entre lobos e vampiros, o que jamais deveria acontecer, sob pena de contrariar o que foi pactuado entre gerações passadas, muito antes desse triângulo amoroso. Estabelecia o pacto que se os vampiros prometessem não morder ninguém e se alimentar somente de animais poderiam viver em paz na cidade de Forks. O “contrato” pelo qual os lobisomens aceitaram conviver com a família Cullen caracterizava-se como um acordo entre duas sociedades distintas, a partir de um verdadeiro pacto social em que a confluência das vontades se baseava em uma ideia racional. Tal pacto feito entre os lobos e os vampiros se aproxima a concepção hobbesiana que pressupõe que os homens são maus, e em seu estado natural vivem em desarmonia, o que acarretaria a sua destruição, e a experiência contratual vem para evitar esse desfecho. Ao se analisar o caso do filme, nota-se que se extinguiria alguma das espécies (caso ocorresse a anulação desse pacto), podendo ser tanto a matilha de Sam quanto a família de Carlisle. Portanto, compreende-se que a criação do pacto (que passou por

diversas gerações) se dá para que a região continuasse em harmonia na região, respeitada a soberania sobre suas terras e o modelo de governo que estabeleceram. Por fim, cumpre referir que o acordo feito tinha como fundamento a busca pela sobrevivência e a satisfação das necessidades dos que compactuaram, garantindo, assim, a paz.

Até o Último Homem^{1 2}
(*Hacksaw Ridge*, 2016)

Lucas Mateus Jungthon



Robert Schenkkan, roteirista do filme, referência na área de dramaturgia, possuindo vários trabalhos cinematográficos e teatrais, é peça fundamental desse belo trabalho. O dramaturgo de 65 anos para criar o roteiro se baseou em documentários e

¹ **Até o Último Homem** (*Hacksaw Ridge*). Direção: Mel Gibson. Produção: Bill Mechanic, David Permut, Terry Benedict, Paul Currie, Bruce Davey, Brian Oliver, William D. Johnson. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2016.

² Figura: Pôster oficial do filme.

transcrições de entrevistas reais, mas também criou algumas cenas e personagens fictícios a fim de potencializar o efeito dramático. O famoso diretor Mel Gibson, por sua vez, melhorou sua reputação após a direção deste filme. Gibson sofria com acusações de preconceito em relação a judeus e a homossexuais, e após este filme, apesar de não tratar especificamente do assunto foi reabilitado em Hollywood. O longa metragem teve grande destaque e conquistou o público e a crítica, sendo indicado a seis prêmios Oscar. A explicação dessa história demorar tanto tempo para ser contada nas telas é de que Desmond Doss, o real protagonista, resistiu quase até o fim da vida para vender os direitos para a indústria do cinema. O filme foi baseado na sua história, interpretada com excelência por Andrew Garfield. Trata-se da história do primeiro soldado a alegar o imperativo de consciência, isto é, a objeção ou oposição a determinada prática baseada em uma convicção religiosa, filosófica ou política. Direito que é assegurado a todas as pessoas nos Estados Democráticos, e que consta em documentos internacionais específicos, assim como na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Doss foi o primeiro e único soldado a alegar a objeção de consciência, e ainda ser condecorado com uma medalha de honra. Ele se recusou a pegar em armas e a matar por motivos pessoais e religiosos, mas mesmo assim se alistou no Exército durante a Segunda Guerra Mundial porque acreditava ser a coisa certa a fazer. Depois de uma dura batalha em Okinawa, salvou sozinho mais de 50 militares feridos, deixados para trás no alto de um penhasco. Independentemente de crenças religiosas, a história de um homem que não compromete seus princípios chama atenção. É difícil assistir ao filme e não se perguntar se conseguiríamos ser tão firmes. Aproveita-se para fazer uma primeira consideração crítica: desde aquela época até os dias atuais, há um certo tipo de masculinidade que se sustenta na dominação, falta de empatia, egoísmo, crueldade e indiferença. Mas o personagem interpretado por Garfield mostra outro tipo de masculinidade, baseada no auto sacrifício, na generosidade, na

resiliência, no sentido de lidar com situações adversas, superar pressões, problemas e obstáculos, e reagir positivamente sem sucumbir a conflitos emocionais ou psicológicos. Desmond, em sua infância após uma briga com seu irmão Harold Doss (Nathaniel Buzolic), o atingiu com uma pedra, o qual ficou desacordado, percebendo que podia tê-lo matado entrega-se às orações, em um momento de grande fortalecimento de sua fé. O pai de Doss, Sr. William Thomas (Hugo Weaving) tornara-se um alcóolatra devido ao estresse pós-traumático decorrente de sua participação na Primeira Guerra Mundial.³ No filme é reproduzida a batalha de Okinawa, mas vale ressaltar que a companhia militar a qual o personagem principal fazia parte enfrentou outras batalhas antes dessa, sendo a retratada a mais sangrenta, matando mais de oitenta mil soldados. Na referida missão, o batalhão precisava escalar um paredão de pedras utilizando escadas de corda. No meio de tiros e bombas, desarmado e sem nenhuma identificação, visto que os médicos eram os alvos dos japoneses, o soldado Doss corria para ajudar os colegas, e mesmo quando orientado a abandonar os soldados mais feridos, não deixava nenhum que tivesse mínima chance de sobreviver. Uma das cenas mais marcantes e fiel a realidade é quando o soldado Ralph Morgan (Damien Thomlinson), após uma explosão, perde as duas pernas. Doss é orientado por um paramédico a deixar o soldado ferido visto a impossibilidade de recuperação do mesmo, porém ele não o deixa, e o soldado Ralph realmente sobrevive. Com a vantagem dos japoneses sobre os americanos, foi preciso bater em retirada, porém Doss permaneceu resgatando um a um dos feridos deixados para trás, e após cada

³ Cumpre esclarecer que esta foi uma criação para trazer mais dramaticidade à história, visto que na realidade o pai de Doss era carpinteiro e tinha problemas com álcool, mas nunca foi para um campo de batalha. Na cena fictícia, William brigava com sua esposa, e no calor do momento saca uma arma apontando para ela, momento em que Doss tem de intervir, tomando o objeto. Em transcrição, Desmond conta que o Sr. Thomas teve uma briga com seu cunhado, oportunidade em que saca uma arma. O conflito é apartado por sua esposa, que a pega e entrega para o filho. Posteriormente, ele corre dois quarteirões até um lago, atirando o artefato na água e fazendo o juramento de nunca mais tocar em armamentos.

vítima salva ele soltava o clamor “Deus, me ajude a salvar só mais um”. No ápice de sua empatia, ajudou soldados inimigos. Doss arrastava os feridos até a beira do penhasco, amarrava-os em uma corda e os descia para a área segura, onde o restante do batalhão se recuperava da derrota. Tanto no filme como na história real não há registro do número exato dos salvamentos realizados, mas acredita-se que entre 50 e 100 homens, passadas 12 horas contínuas de trabalho, foram salvos por ele. Após tal ação mostrada no longa, com destaque às dificuldades do resgate, quando voltaram para a base, o respeito dos colegas e comandantes por Desmond Doss era total. Desde o início do filme, percebe-se uma forte intolerância religiosa, ferindo assim a dignidade da pessoa humana do soldado. As atitudes de Doss que antes eram discriminadas e ridicularizadas, agora desencadeavam admiração, tanto que toda a equipe faz silêncio para que fizesse uma oração antes de voltarem para a batalha. Eles inclusive deixam de retornar a campo no dia seguinte por ser sábado, dia de descanso na religião de Doss, que era membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quando novamente escalam a encosta, Doss fica gravemente ferido ao chutar uma granada que iria estourar em direção de seus colegas. Neste processo, ele perde sua Bíblia de bolso que havia o acompanhando durante todo o tempo. Após o paramédico desarmado ser removido para hospitais de cidades vizinhas, um grupo de sua companhia volta ao campo e procura até encontrar aquele objeto de extremo valor para o companheiro. Em 1945, Desmond Doss foi condecorado com Medalha de Honra dos Estados Unidos da América pelo então presidente Harry Truman, sendo a maior condecoração por um ato de bravura naquele país. Juntamente com a insígnia, lhe foi entregue sua Bíblia de bolso, encontrada pelos colegas no campo de batalha. De tantos ensinamentos possíveis de se extrair do longa, percebe-se que a intolerância às diferenças só traz prejuízos à sociedade. Vive-se em um Estado Democrático de Direito e precisa-se continuar defendendo que os direitos fundamentais sejam respeitados, assim

como direitos humanos previstos em convenções e os tratados internacionais. Registra-se, oportunamente, que Desmond Doss foi casado por duas vezes. O primeiro casamento foi com Dorothy Schutte (Teresa Palmer), sua esposa na época da guerra e portanto a única que aparece no filme. Em 1993, casou-se com Frances Doss, a qual escreveu a obra intitulada “Soldado Desarmado”, que conta histórias vividas pelo marido na Segunda Guerra Mundial. Doss morreu em 23 março de 2006, aos 87 anos, no Alabama, e até hoje é lembrado e admirado como referência positiva pelos seus colegas militares, por seus feitos e todos seres humanos por sua defesa à liberdade democrática.

Branca de Neve e o Caçador^{1 2}
(*Snow White and the Huntsman*, 2012)

Ana Luísa Schallemberger Alves



O presente filme, dirigido pelo Rupert Sanders, é uma nova adaptação do conto “Branca de Neve”, registrado pelos Irmãos Grimm, e conta a história de uma jovem princesa, Branca de Neve (Kristen Stewart) que perde seu pai, o Rei Magnus (Noah Huntley), quando criança, no dia em que ele casa com Ravenna (Charlize

¹ **Branca de Neve e o Caçador** (*Snow White and the Huntsman*). Direção: Rupert Sanders. Produção: Sam Mercer, Palak Patel, Joe Roth. Estados Unidos: Universal Pictures, 2012.

² Figura: Pôster oficial do filme.

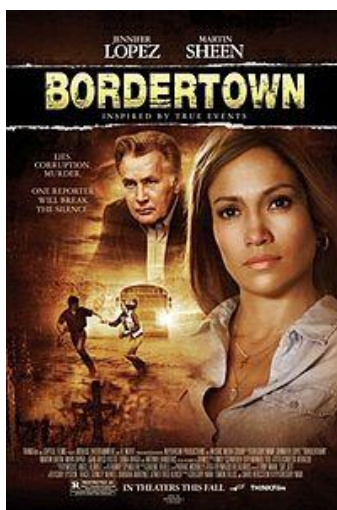
Theron). A rainha, obcecada por sua beleza, todos os dias perguntava a seu espelho mágico quem era a pessoa mais bonita, visto que tinha a ideia que a beleza era poder. Certo dia descobriu que sua enteada Branca de Neve não apenas seria a mulher mais bela, mas também que logo governaria o reino. Em uma lógica maligna, acreditava que a única maneira de permanecer no poder seria consumindo o coração de Branca de Neve. A princesa consegue fugir da torre por onde passou anos presa e foge para a Floresta Negra. Enquanto isso, a Rainha Ravenna recruta um caçador chamado Eric (Chris Hemsworth), a fim de localizar a enteada e prosseguir com seu plano de arrancar o coração dela. O caçador sai a procura de Branca de Neve na Floresta, porém ao se deparar com a princesa sente piedade e decide não entregá-la à Rainha. Vendo o desespero de Branca de Neve, o caçador a ensina a como se defender dos perigos previstos pela frente. Ao longo da fuga contra os capangas da rainha, Eric (Chris Hemsworth) e Branca de Neve (Kristen Stewart) acabam sendo capturados por anões, que posteriormente se aliam aos dois, após descobrirem que ela é a filha do Rei que foi bom para o povo em seu reinado. Em troca de proteção, Branca de Neve auxilia os anões em suas atividades. O Príncipe William (Sam Claflin), ao seu turno, amigo de infância de Branca de Neve que fugiu do reino no dia em que o Rei morreu, descobre que a princesa está viva e decide resgatá-la a qualquer custo. Ravenna acaba descobrindo o paradeiro de sua enteada. Uma certa manhã, Branca de Neve resolve ir caminhar com o suposto Príncipe William – que neste momento é a Rainha utilizando-se de um dos seus feitiços para enganar a princesa. Gentilmente, ele oferece uma maçã à Branca de Neve que acaba aceitando a fruta, e logo em seguida desmaia com o veneno nela contido. Quando o caçador e o príncipe avistam a princesa desmaiada, rapidamente a levam para um refúgio, oportunidade em que o príncipe tenta despertá-la com um beijo, o que não funciona, desanimando o povo que perde a esperança de um novo reino sem o autoritarismo de Ravenna. O caçador desconsolado

acaba eventualmente beijando Branca de Neve, e após o beijo, ela desperta retornando com todas as forças, e decidindo enfrentar a Rainha com ajuda de seu povo. Chegando ao castelo, ocorre o conflito final entre Branca de Neve e a madrasta, no qual ela acaba sendo apunhalada pela princesa, que por fim assume o reino com apoio popular. É nítido que Branca de Neve, o caçador, o príncipe e os anões cultivam ideias democráticas, lutando por justiça e igualdade com intuito de dar voz ao povo, tendo como objetivo principal viver em um ambiente democrático, a semelhança com os tempos do reinado do Rei Magnus, pai de Branca de Neve. No filme, pode-se identificar que a Rainha Ravenna deseja exercer poder frente à população de modo totalitário, se mantendo no poder sem qualquer tipo de ética e ignorando a noção de bem comum. Ela pensa somente em seus interesses próprios. Traz-se a tona também a questão atual de como a busca e a supervalorização da beleza atua na sociedade: a imagem é algo privilegiado e muitas mulheres acabam fazendo dela e da juventude os seus únicos atributos ou ideais. A aparência passa muitas vezes a ser considerada mais importante do que os valores e princípios, o que enseja a crítica à disputas pela estratificação social com base nela. Ainda, identifica-se no filme uma versão diferente das adaptações clássicas da personagem Branca de Neve. Ela se posiciona frente às adversidades na busca do poder e coloca-se como defensora da população do Reino, o que possibilita a reflexão feminista sobre a garantia constitucional de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, e sobre a necessidade de se erradicar violências machistas. No Brasil, por exemplo, a maioria da população é composta pelas mulheres, mas elas, infelizmente, representam percentuais inferiores de representação política. Assim, como Branca de Neve que objetivava retornar ao reinado para libertar o povo da Rainha má, que as mulheres brasileiras igualmente alcancem cada vez mais os espaços políticos.

Cidade do Silêncio ^{1 2}

(*Bordertown*, 2006)

Caroline Menegazzo Vargas



Baseado em fatos reais, o filme de Gregory Nava começa relatando o cotidiano de mulheres que trabalham em uma indústria de televisores na cidade de Juarez, localizada no México e considerada a mais violenta do mundo por cerca de duas décadas. Uma das empregadas da fábrica, uma jovem de 16 anos, Eva

¹ **Cidade do Silêncio** (*Bordertown*). Direção: Gregory Nava. Produção: Gregory Nava, Jennifer Lopez, Simon Fields. Estados Unidos: THINKFILM, 2006.

² Figura: Pôster oficial do filme.

Jimenez (Maya Zapata), ao término de seu turno resolve fazer compras na cidade. Por se tratar de um horário considerado perigoso e por haver vários crimes na cidade que não são desvendados, ela acaba se sentindo amedrontada, acreditando estar sendo seguida, e decide entrar em um ônibus que leva as trabalhadoras para suas casas. Muitas mulheres na cidade já haviam simplesmente sumido sem deixar rastros. Por haver vários turnos na indústria e uma grande quantidade de mulheres trabalhadoras, haviam muitos ônibus com destinos diferentes. Ao entrar em um deles, Eva pergunta ao motorista se ele poderia deixá-la em seu destino, ele responde positivamente. O motorista avisa a jovem que irá parar para abastecer. Ela então percebe que foi completamente enganada ao notar que estão em um local desabitado. Eva depara-se com uma situação cruel: ela é abusada sexualmente pelo homem e um outro sujeito que já estava no local. Após o estupro, eles enterram a adolescente ainda viva. Essa situação não é estranha para os moradores da cidade, pois por muito tempo as buscas pelos corpos das mulheres desaparecidas eram feitas por seus familiares, cavando em lugares aonde “imaginarium” que elas poderiam estar, e muitas vezes, as encontravam enterradas. Entretanto, Eva, com vida, cava sua própria saída da cova na tentativa de escapar e consegue! Ao chegar em casa gravemente ferida, declara para sua mãe que o diabo à atacou, em formas diferentes, para lhe mandar para o inferno. Eva é indiana e suas crenças são peculiares. Contudo, ela sabe que não pode contar com a ajuda da polícia. No contexto em que se encontra, Eva acreditava haver um jogo de interesses pelo qual a autoridade policial acobertava os crimes. Afirmava-se que os crimes noticiados eram decorrência de episódios de violência doméstica isolados, ocultando sua ligação com a corrupção, imigração ilegal, exploração, feminicídio e xenofobia (expostos durante o filme). Os acontecimentos não se tratavam de fatos específicos, e sim de uma prática antiga e estrutural de violência contra as mulheres que buscava silenciar qualquer forma de

empoderamento, fazendo-as se sentirem oprimidas e humilhadas, sem saberem qual caminho tomar. Seja pela dependência econômica ao trabalho, seja pelo medo generalizado, as trabalhadoras acabavam sendo agredidas até a morte, e a autoridade política local abafava os casos sob o pensamento de que era bem mais barato omitir-se do que proteger as mulheres. Com isso, Eva resolve procurar Alfonso Diaz (Antonio Banderas), editor do *El Sol*, um jornal que não aceitava a versão policial sobre a resolução dos crimes na cidade, e acreditava que as notícias divulgadas pelas autoridades eram falsas, sobretudo quanto ao grande número de pessoas desaparecidas. Diaz fazia inúmeras matérias criticando o governo local por não haver qualquer intervenção no enfrentamento dos crimes, o que faz a polícia apreender os jornais impressos como uma forma de represália ao jornalista. Juarez é uma cidade de fronteira com os Estados Unidos e sua extrema violência acaba chamando a atenção de um conhecido e renomado jornal norte-americano que decide enviar uma jornalista até lá. Lauren Adrian (Jennifer Lopez) é designada a fazer uma matéria sobre o caso. Acreditava-se em uma repercussão mundial da reportagem, uma vez que Juarez era conhecida como um polo industrial e os casos de violência que ocorriam lá sabidamente não tinham a devida fiscalização e atenção estatal. O governo, por sua vez, pensava ser mais vantajoso manter a cidade longe dos escândalos e continuar cada vez mais focando-se em seguir produzindo. Lauren aceita cobrir o caso principalmente porque lhe é prometido um cargo muito importante no jornal *Chicago Sentinel*. O editor do jornal americano, George Morgan (Martin Sheen), acredita que Lauren é a melhor escolha para o caso por se tratar de uma mulher de origem mexicana e que já conhecia Diaz, que possuía um grande conhecimento sobre os acontecimentos do local. Ao chegar na cidade, a repórter obtém a informação oficial de que os crimes já haviam sido solucionados, porém tais dados não batiam com os fatos: os crimes continuavam ocorrendo e mais mulheres estavam sendo mortas com crueldade

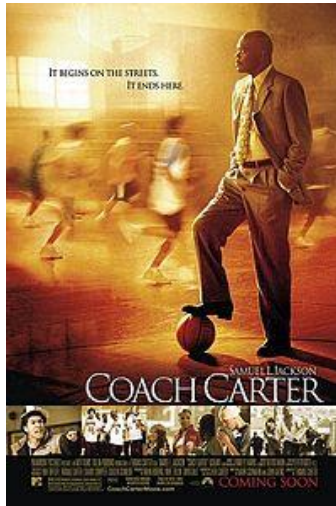
(estrangulamentos, mordidas nos seios, etc.). Lauren percebe que o cenário é de extrema pobreza, e o que mais lhe chama a atenção é ver as famílias escavando os locais em busca dos cadáveres. Era claro que o número de mulheres mortas na região era bem maior do que o divulgado pela polícia. Ela procura Diaz, seu antigo colega de trabalho, e, após alguns minutos conversando, ele a conduz até seu jornal. Lá encontram Eva, que foi em busca de auxílio, porém a polícia local também está a procura da mulher que sobreviveu, suspeitando que ela tentaria se refugiar com Diaz. Lauren imediatamente tenta esconder a garota, por já desconfiar da corrupção policial. A jornalista resolve levar a garota para onde está hospedada achando ser o lugar mais seguro para ela, porém durante a noite vê a menina fugindo em total desespero sem entender o real motivo. Posteriormente, descobre que um dos homens que havia tentado matá-la, a contatou novamente. Eva revela que foi para a fronteira em busca de emprego porque sua família havia sido despejada de casa, por não pagarem regularmente os tributos devidos. Essa prática revela uma forte relação de interesses entre as fábricas e o governo, uma vez que a combinação de baixos salários e altos impostos fazia com que essas pessoas não conseguissem quitar suas dívidas, perdendo seus imóveis. Os criminosos, no decorrer do filme, percebem estar sendo ameaçados pela investigação das duas, e tentam matar Lauren e Diaz. Uma mulher que havia ajudado eles, os convida para um evento que acontecerá na casa de um senador. Durante a festa, Eva reconhece um dos criminosos e sofre um ataque de pânico, Lauren observa a cena e a conduz para fora da festa. Elas se dão conta de que o homem que atacou Eva possui relações com o governo. Ao se deparar com as imagens dos motoristas que Diaz e Lauren haviam tirado, Eva reconhece um de seus agressores. A partir da identificação, Lauren arma uma emboscada para os criminosos se passando por funcionária da fábrica para pegar o mesmo ônibus que Eva havia pego na noite em que foi vitimada. Todavia, o plano não sai como ela espera, mas é socorrida por Diaz

e policiais de sua confiança. O motorista é preso. Lauren conclui a matéria, contudo, é avisada que ela não será publicada, eis que prejudicaria o acordo de livre comércio estabelecido entre os Estados Unidos e o México. Ela então decide deixar o jornal. A certeza da impunidade é devastadora. Os agressores cometeram graves tipos de crimes contra as mulheres por saberem que elas não iriam conseguir se defender, utilizavam de sua força física para amedrontar, abusar e matar seres humanos mais vulneráveis. A violência retratada é sintoma de uma sociedade desigual, que vê com normalidade mulheres sendo mortas ao se deslocar do trabalho para casa ou de casa para o trabalho. Elas foram vítimas porque as empresas locais, suas empregadoras, não lhes ofereciam nenhuma segurança. A polícia não faz questão nenhuma de investigar os acontecimentos, pelo contrário, é omissa, como não seria o caso, se as vítimas não fossem as pessoas menos favorecidas da sociedade. As autoridades policiais possuem conhecimento dos casos de feminicídio e mesmo assim “acobertam” os criminosos, deixando as mulheres da cidade a mercê de seu destino. Registra-se, por fim, que o editor do jornal norte-americano é nítido exemplo de supremacia de interesses próprios sobre interesses públicos: ao descobrir a verdade sobre os crimes cometidos contra a humanidade das mulheres, ele impede a publicação do artigo completo, comprobatório dos crimes, pois o mesmo poderia atrapalhar a relação comercial entre os Estados, obtendo dinheiro para realizar tal ato.

Coach Carter - Treino para a Vida ^{1 2}

(*Coach Carter*, 2005)

Amanda Maqueli da Silva



Ken Carter (Samuel L. Jackson), campeão de basquete quando jovem e atual dono de uma loja de material esportivo, recebe a proposta de retornar a sua antiga escola, em Richmond, Califórnia, com a missão de treinar a equipe de basquete e colocar os estudantes “em forma”. Ao chegar no colégio, depara-se com a

¹ **Coach Carter - Treino para a Vida** (*Coach Carter*). Direção: Thomas Carter. Produção: Michael Tollin, Brian Robbins, David Gale. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2005.

² Figura: Pôster oficial do filme.

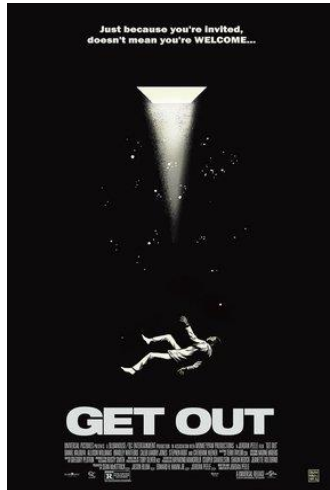
realidade de alunos desinteressados e rebeldes, pais despreocupados e uma direção omissa. Toma por objetivo não apenas treinar bons jogadores, mas transformar os alunos em homens disciplinados e com valores, ou seja, “treiná-los para a vida”. Para obter sucesso em sua missão, percebe a necessidade de implementar um regime rígido, e o faz com regras escritas em um breve contrato assinado por cada aluno que estivesse disposto a participar da equipe. O contrato estabelece que somente jogaria no time os alunos que tivessem uma boa média nas disciplinas escolares, e impõe normas de boa conduta e um comportamento respeitoso. Certos de que isso seria apenas uma formalidade, os alunos decidem assinar o contrato, imaginando que tudo não passaria de mais um professor impondo sua forma de atuar, e que suas habilidades para o esporte prevaleceriam. Acontece que com a rotina de treinos e confrontos com o treinador, os jovens começam a enxergar outra realidade, que faz com que se tornem disciplinados dentro da quadra. Assim, com esforço, Carter acaba por tornar os rapazes grandes jogadores. Aos poucos, percebe-se que o regime imposto por ele mostra resultado, quando o espírito de “trabalho em equipe” e o respeito mudam as atitudes dos jovens alunos. No entanto, em um primeiro momento, Carter não obtém êxito no seu objetivo principal: torná-los bons alunos, dedicados e preocupados com os estudos, para que tivessem um futuro prospero e conseguissem entrar em uma universidade. Como forma de corrigir e atingir sua meta, o treinador deixa os alunos sem treinar pelo tempo necessário, trancando o ginásio da escola até que apresentassem bom desempenho escolar e cumprissem com o que foi determinado contratualmente. Ele passa a ser muito criticado pelos alunos, pais e direção escolar, mas é persistente e defende sua ideia, mesmo com todas as críticas. O tempo faz com que os alunos passem a admirar o treinador, criando uma relação de cumplicidade, o que faz com que reflitam e façam um esforço para que o treinador seguisse com o plano, e finalmente, atingisse o objetivo de torná-los pessoas melhores. O filme traz à tona a

realidade do interesse político de muitas instituições de ensino serem reconhecidas no âmbito esportivo, pautando-se na expectativa de retorno financeiro em função do patrocínio que eventualmente recebem com direitos de imagem e demais proveitos lucrativos, desviando-se da real essência de tornar os alunos pessoas com valores e capacitadas, buscando única e exclusivamente o atendimento a interesses econômicos e ao ego profissional. Sabe-se que o esporte sempre foi um meio de fazer com que crianças e adolescente tivessem uma oportunidade de reescrever suas vidas, saindo de uma rotina pesada dentro de comunidades periféricas, em que muitas vezes, sua única “missão” é dar sequência a atividades ilícitas. O filme mostra a realidade de um dos meninos, que mesmo tendo um grande talento para o esporte, acaba por não saber conduzir sua vida. Com os conselhos do professor como mediador da situação, felizmente consegue contornar seus desvios, passando a entender a importância do estudo para alcançar um futuro prospero e longe de uma realidade ruim. Pode-se relacionar a obra com o que vivemos em nosso país atualmente. Realidade em que interesses financeiros falam mais alto do que interesses públicos, inclusive na prática política. Ainda que o esporte seja uma ferramenta de educação, políticas públicas de incentivo ao esporte são muitas vezes, interpretadas de forma equivocada. Quantas escolas realmente levam a sério a questão do esporte como poder disciplinador? Até que ponto um profissional dessa área é reconhecido e valorizado? Valorização essa que não precisa necessariamente ser financeira, e sim materializada no reconhecimento das pessoas. O processo de ensino deve ser melhor avaliado, bem como as normas de incentivo ao esporte devem ser melhor pensadas, uma vez que o esporte, nesse caso, deve se direcionar à socialização e ao desenvolvimento sustentável. Políticos devem implementar projetos legislativos para que o sistema de educação seja de melhor qualidade, e não apenas construir estruturas (ginásios) usando verbas públicas para garantir votos na eleição seguinte. Deve-se cobrar o desempenho

escolar do jovem, utilizando isso como incentivo ao seu engajamento, como na obra. É fundamental a reflexão quanto a mensagem que o filme transmite: com um plano de ensino que ande lado a lado com a prática esportiva, o resultado individual e coletivo será muito próximo às conquistas de Carter. O sistema de educação é extremamente importante e deve ser priorizado pelas autoridades políticas. A mudança deve acontecer, a busca deve ser constante e deve ser iniciada hoje. Todos os cidadãos são responsáveis por isso, uma vez que vivemos em um país democrático. Queremos um país melhor? Façamos a nossa parte!

Corra!^{1 2}
(*Get Out*, 2017)

Veyzon Muniz



Jordan Peele, famoso comediante norte-americano, faz sua estreia como cineasta com essa peça de terror que propõe uma importante reflexão social. Transcendendo gêneros cinematográficos, questiona-se fundamentalmente qual é o lugar do negro na sociedade contemporânea. Em entrevista para

¹ **Corra!** (*Get Out*). Direção: Jordan Peele. Produção: Sean McKittrick, Jason Blum, Edward H. Hamm Jr., Jordan Peele. Estados Unidos: Universal Pictures, 2017.

² Figura: Pôster oficial do filme.

promover *Corra!*, Jordan foi taxativo a referir que: “*a humanidade é a parte mais assustadora no centro da história*”. Tal afirmação encontra sentido na narrativa do filme que concentra o ápice do terror, não em algo sobrenatural, mas sim na própria ação humana. A obra acompanha Chris (Daniel Kaluuya), fotógrafo negro, que vai até uma cidade do interior dos EUA conhecer a família de sua namorada Rose (Allison Williams), uma mulher branca. O que a princípio parece uma situação comum na vida de qualquer casal, ao longo do filme, se mostra uma perturbadora interação entre o negro e a família branca. A tensão que desde o início é estabelecida pela tentativa da família em lidar, aparentemente de modo normal, com o relacionamento de Rose com um rapaz negro, eclode em um turbilhão de violência. Chris se depara, inicialmente, com o desconforto em se ver em um ambiente em que é o único negro. Os pais de Rose, por sua vez, fazem questão de assegurar ao rapaz de que não são racistas e por isso não apoiam a discriminação racial. Com a eleição de Barack Obama, em 2008, muitos liberais estadunidenses passaram a defender a concepção de que se iniciara uma época *pós-racial*, na qual os problemas decorrentes da segregação histórica haviam sido superados. A representação política exercida por um negro no principal cargo governamental fez-se afirmar no inconsciente coletivo da sociedade norte-americana uma espécie de *negrofilia*. O termo, pensado no contexto europeu para descrever a cultura da elite intelectual e artística da década de 1920, remonta à fascinação branca pela cultura negra e é indiciário de que o período pós-racial aventado não correspondia a um movimento de emancipação dos negros, mas sim a estruturação sistêmica de um modelo de negritude a partir da perspectiva branca, pela qual estereótipos de raça são asseverados. Em *Corra!*, o estranhamento de Chris no núcleo familiar branco logo dá lugar à afirmação de uma negrofilia extremada, revelando-se o real objetivo da branquitude em tela: a apropriação (literal) do corpo negro. Em determinado momento, ao jovem fotógrafo é informado: “*você foi escolhido em razão das*

vantagens físicas que você aproveitou durante toda a sua vida". A fascinação branca pelo estereótipo de vigor físico do negro é justificativa para os brancos tentarem se apropriar de seu corpo. Tal qual se fez durante os séculos de escravidão negra, os Armitage (Catherine Keener e Bradley Whitford) não veem o negro como ser humano, mas como um mero objeto, um corpo acéfalo à sua disposição. A obra de Peele ao combater o discurso pós-racial, se enquadra no que vem sendo cinematograficamente classificado como *pós-terror*. O jornalista Steve Rose, em artigo publicado no *The Guardian*, referiu que os filmes que deixam de lado o sangue, os monstros e os *jump scares*, e passam a se ocupar de questões humanas mais profundas, mas não menos assustadoras, constituem esse subgênero do terror. Com efeito, o próprio diretor, que também escreveu o roteiro (premiado com o Oscar 2018 de Melhor Roteiro Original), afirmou em sua conta na rede social *Twitter* que o filme, essencialmente, trata da marginalização, pontuando que *"não importa o quão alto o negro grite, ele sempre é silenciado"*. A alegoria do Lugar Submerso para onde Chris é levado, ao ser hipnotizado por Missy, mãe de Rose, é figura de linguagem visual pela qual se vê nitidamente esse silenciamento. No ano anterior ao lançamento do filme, o Dicionário *Oxford* elegeu como palavra do ano para a língua inglesa o termo *pós-verdade* (*post-truth*). O substantivo cunhado pelo dramaturgo sérvio Steve Tesich, *"denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos às crenças pessoais"*. O paradigma pós-racial denunciado por *Corra!* é uma pós-verdade que ganhou grande importância no debate político, sobretudo com a ascensão à presidência dos EUA de Donald Trump nas eleições de 2016. A pós-verdade que afirma que o racismo deixou de existir no seio da sociedade norte-americana deu causa a ignorância política frente aos inúmeros casos de violência estatal policial pelos quais a juventude negra

vem sendo vitimada.³ A disseminação, sobretudo em ambientes virtuais, de pós-verdades sem uma efetiva resposta jurídica deu origem a conceituação de *pós-direitos humanos*. A Agência das Nações Unidas para os Refugiados e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha preocupados com a afirmação de um época pós-direitos humanos passaram a discutir a profusão de discursos políticos pautados na negação dos direitos humanos e na crescente tolerância à tortura. O filme, ao seu turno, é um retrato cru da extrema violação da integridade e da dignidade da pessoa negra, do *racismo institucional*⁴ e da tolerância do meio social quanto ao domínio político hegemonicamente branco. O consenso global acerca da erradicação da escravidão e do genocídio negro passa a ser colocado em xeque por uma cultura pós-direitos humanos na qual a cor não é fator determinante à efetividade de políticas públicas e à afirmação de direitos fundamentais, uma vez que as discriminações raciais, em seu discurso falacioso, já teriam sido integralmente superadas. Trata-se de um raciocínio inequivocamente racista, que nega espaço em plano jurídico e político ao debate antidiscriminatório sob o argumento de que essa triste realidade já estaria superada. A defesa da universidade e interdependência dos direitos humanos posicionou, ao menos em plano teórico, os Estados ocidentais na vanguarda da afirmação de bem-estar social à generalidade de seus cidadãos. A era pós-direitos humanos, nesse condão, representa um claro retrocesso social em que a retórica da superação de violações flagrantes arrasta populações vulneráveis para o extermínio. Tal como a negrofilia representa a definição do negro a partir dos desejos e interesses brancos, o período pós-direitos humanos corresponde ao esvaziamento de agendas sustentáveis. Afinal, não há como se

³ Sobre o genocídio e encarceramento massivo da população negra, recomenda-se: **A 13ª Emenda** (13th). Direção: Ava DuVernay. Produção: Howard Barish, Ava DuVernay, Spencer Averick. Estados Unidos: Netflix, 2016.

⁴ Sistema estrutural de desigualdade racial que se sustenta na prática (ou com o aval) de instituições privadas, públicas ou estatais.

pensar em sustentabilidade social sem igualdade racial. Com certeza, *Corra!* se mostra um fascinante manifesto antirracista, anti-discriminatório, contrário à concepção pós-racial, aos argumentos de pós-verdade e à política pós-direitos humanos. Pensado para a realidade norte-americana, sem dúvidas, o filme pode muito bem ser visto a luz da experiência brasileira. Estado signatário da Convenção Internacional de Erradicação de Discriminação Racial e ufanista quanto a sua miscigenação histórica é o país em que 7 de cada 10 pessoas assassinadas são negras, a cada 23 minutos um jovem negro é morto, e que negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças.⁵

⁵ Dados do Atlas da Violência 2017, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf].

Divergente^{1 2}
(*Divergent*, 2014)

Josiani da Silva Pospichil



Beatrice (Shailene Woodley) cresceu em uma Chicago futurista (pós-guerra em que o resto do mundo foi destruído), organizada em cinco facções (Erudição, Audácia, Abnegação, Amizade e Franqueza) a fim de se manter a paz. As facções são separadas conforme as funções que exercem socialmente e seus

¹ **Divergente** (*Divergent*). Direção: Neil Burger. Produção: Douglas Wick, Lucy Fischer e Pouya Shabazian. Estados Unidos: Paris Filmes, 2014.

² Figura: Pôster oficial do filme.

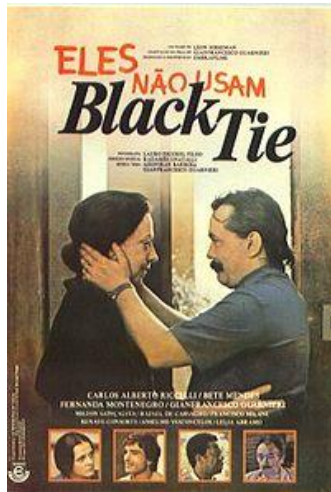
membros são escolhidos de acordo com as habilidades que possuem. A jovem nasceu na Abnegação, facção considerada a mais altruísta, e por isso é responsável pelo governo da cidade. Os líderes desta facção são muito criticados por dividirem sua comida com aqueles que não têm nada, os sem-facção que foram obrigados a viver no final da linha do trem, nas proximidades dos muros que protegem a cidade. Os sem-facção são os socialmente excluídos. A democracia precisa inventar novos mecanismos para gerir os conflitos que surgem por meio da convivência social, e resolvê-los de modo a buscar sua própria definição de pacificação como se observa na tentativa da facção Abnegação ao dividir sua própria comida. A democracia não é meramente um conjunto de instituições, mas uma forma de organização efetiva da sociedade. Compete a ela manter uma dinâmica que permita a criação de novos direitos de forma ininterrupta. Entende-se que a democracia deveria afastar as ideias de estagnação social e eliminar as antigas estruturas ditatoriais do Estado, porém isso nem sempre acontece na sociedade devido algumas falhas na realidade de aplicação de certos direitos e garantias democráticos. Assim como os outros jovens, ao completar dezesseis anos, Beatrice faz um teste para descobrir qual é a sua aptidão com base em sua personalidade e a qual facção poderá pertencer. Como naquela democracia distópica, ela tem o direito de escolha, e pode seguir a indicação do teste escolhendo a facção para a qual tem habilidades. Caso opte por uma facção e não consiga ser aprovada nas provas de iniciação, torna-se uma sem-facção. A recomendação estatal é que os jovens escolham a facção indicada pelo teste. A adolescente sente que não se enquadra em nenhum lugar, tendo medo de trocar de facção ao mesmo tempo em que teme em permanecer onde está. Seu teste indica que ela é uma divergente, ou seja, possui aptidão para mais de uma facção. Revelar isto é perigoso. Tori (Maggie Q), quem executa o teste, manda Beatrice permanecer na Abnegação. Tris, como passa a ser chamada, escolhe a facção Audácia e com a ajuda de um dos líderes desta facção, Four (Theo James), consegue

treinar sua mente para solucionar problemas com base nas características da Audácia sem revelar os traços de personalidade que a fazem divergente. Jeanine Matthews (Kate Winslet), líder da Erudição, alia-se a Eric (Jai Courtney), líder da Audácia, a fim de tirar a Abnegação do governo. Para isso, fazem uma lavagem cerebral nas pessoas colocando o exército da Audácia e o grupo de inteligentes (cientistas e juristas) da Erudição contra os membros da Abnegação que são benevolentes para com os sem-facção. A desigualdade produz um *déficit democrático* por causa das vozes que são silenciadas e esquecidas nas decisões políticas. Elas são mantidas no “esquecimento simbólico” uma vez que há uma ideologia por trás de cada discurso que deve ser conhecida para que se compreenda a retórica em si, revelando seus pressupostos subentendidos que muitas vezes passam despercebidos pela maioria da sociedade. O poder democrático deve emergir contra os poderes constituídos. A invenção da democracia consiste na capacidade extraordinária de questionar-se, encontrar-se falhas e reinventar-se a prática política. Por meio de um discurso muito bem elaborado, Jeanine consegue tomar o governo dos líderes da Abnegação. Tris e Four, entretanto, não são manipulados e reagem. Ou seja, lutam pela democracia contra um poder instituído. Isto faz com que a líder da Erudição perceba que eles são divergentes, uma vez que pensam por conta própria e não seguem seu discurso de manipulação. A partir deste momento, Jeanine passa a persegui-los com a finalidade de exterminá-los e evitar que impeçam sua permanência no poder. O Estado passa a explorar as necessidades reflexivas do povo, deixando de lado seu atributo de instrumento civilizatório. O povo é dominado pelos sujeitos políticos, aceitando passivamente o que lhes é imposto, resultando na decadência social e em corrupção estrutural. É o que acontece quando Jeanine assume o poder, “fingindo” dar ao povo aquilo que ele quer, mas na verdade dando algo muito inferior àquilo que o povo deveria receber. Há um nivelamento por baixo porque o povo aceita o governante que lhe é imposto, uma vez que é facilmente

manipulado. A líder da Erudição usa discursos elaborados com escolhas semânticas precisas, cuidadosamente colocadas para alcançar seus objetivos. As pessoas não percebem que estão sem opções livres, eis que a democracia já não existe e que Jeanine é quem tem a palavra final. Nota-se um povo apático e sem participação política que precisa transcender para tornar-se alguém além do domínio do detentor do poder. Tris e Four são os únicos com o domínio de si e buscam meios para impedir que os demais continuem sendo manipulados. A mesma democracia que se utiliza do discurso pró-igualdade é antagonista dos seus próprios ideais porque o que se vê, na realidade, é uma “falsa igualdade”. Os habitantes da Chicago futurista retratada vivem tempos em que o ser humano encontra-se apático, não existe empatia pelo outro, não se pensa no futuro nem se tenta buscar o sentido das coisas. Perdeu-se o verdadeiro sentido da democracia. Eles perderam seu poder de questionamento, como se sua existência não tivesse nenhum sentido. Isto fica evidente na ganância de Jeanine e Eric, e na forma como as pessoas atacam umas as outras na tentativa de se protegerem. Ao usarem o seu direito de resistência, Tris e Four precisam enfrentar as consequências de suas escolhas. Eles não têm mais uma facção, são perseguidos pelo exército e embarcam no trem que corta a cidade, cuja linha termina quando se chega aos muros. Tris afirma não saber nem mesmo quem ela é, e Four diz ter certeza absoluta de que sabe quem ela é porque encontraram um ao outro e lutarão sempre que for necessário pela vida, e pelo fim da apatia social, e essencialmente pela democracia.

Eles Não Usam Black-Tie ^{1 2} (1981)

Marcelo Müller



O filme originado da peça teatral homônima de Gianfrancesco Guarnieri, escrita em 1958, foi adaptado para o cinema em 1981 pela *Embrafilme*³. Sua trama logra de relevância histórica pelo

¹ **Eles Não Usam Black-Tie**. Direção: Leon Hirszman. Produção: Leon Hirszman, Carlos Alberto Diniz. Brasil: Embrafilme, 1981.

² Figura: Pôster oficial do filme.

³ Empresa estatal, criada pelo Decreto-Lei 862 de 12/09/1969 com a finalidade de fomentar e distribuir a produção cinematográfica brasileira, e extinta em 16/03/1990 no governo Collor por seu programa de desestatização. As funções de regulação, fiscalização e promoção da produção

pano de fundo em que se desenrola narrando fatos marcantes para o Brasil, ao mesmo tempo em que mostra o cotidiano atemporal de famílias em vulnerabilidade social com seus dramas típicos. Ambientado na periferia de uma grande cidade brasileira, em 1979, ele retrata o início do processo de redemocratização em meio ao fortalecimento do movimento sindical com suas greves históricas, concomitantemente com os conflitos familiares e sua relação com o momento político do Brasil, no qual, exemplificativamente, um cidadão sem documentos de identificação em via-pública poderia ser detido para averiguação. Esse tipo de controle do Estado sobre o indivíduo fica evidente em uma cena inicial do filme em que em uma *blitz* policial em um bar procedem dessa forma, o que é presenciado pelo personagem principal Tião (Carlos Alberto Riccelli), metalúrgico, e sua namorada Maria (Bete Mendes), operária na mesma fábrica, após voltarem de uma sessão de cinema e pouco antes dela revelar sua gravidez. Essa notícia desperta em Tião a vontade de formar uma família. Tião e Maria então marcam o noivado, noticiando o evento próximo ao pai de Tião, Otávio (Gianfrancesco Guarnieri), operário de carreira da mesma fábrica e líder sindical, sua mãe, Romana (Fernanda Montenegro), do lar, e seu irmão mais novo, Chiquinho (Flavio Guarnieri). Maria, por sua vez, residia com seu pai, um pedreiro desempregado e alcóolatra, sua mãe, uma dona-de-casa adoentada e seu jovem irmão adotivo, Biá (Fernando Ramos da Silva). Posteriormente, Tião recebe uma proposta de seu colega de fábrica e amigo, Jesuíno (Anselmo Vasconcelos), personagem oportunista e inescrupuloso, para espionar o movimento grevista da metalúrgica e delatar seus líderes e planos em troca de promessas de ascensão profissional rápida. Tião recusa, alegando que suas convicções pessoais não permitiriam que ele fizesse isso, uma vez que defendia a liberdade de todos os trabalhadores se

manifestarem, fossem grevistas ou não. Mesmo com a negativa dada, ele preocupa-se com sua condição social e com a necessidade de trilhar um caminho diverso de seu pai, que com anos de movimento sindical e diversas prisões, nada conseguiu agregar em matéria de conquistas materiais para sua família. Enquanto isso, Otávio e Bráulio (Milton Gonçalves), outro líder grevista, fazem panfletagem a favor do movimento na fábrica. Dentro do sindicato, ambos sofrem a oposição de Sartini (Francisco Milani), também chamado de “Italiano”, personagem de linha política radical no sindicato, que trabalha pela antecipação da deflagração grevista, embora, sua real intensão seja vingar-se dos patrões por ser demitido em razão de delação de Jesuíno. Finalmente, depois de seis meses sem trabalhar, o pai de Maria conquista um emprego em uma obra, mas o infortúnio lhe espera: após seu primeiro dia de trabalho, gasta todo o adiantamento salarial no bar, na volta para casa é assaltado e sem nada a oferecer provoca a ira do assaltante que dispara dois tiros fatais em suas costas. Assim, Tião e Maria planejam ir morar na casa da mãe dela para a cuidarem. Maria manifesta desejo de abortar Durval (nome escolhido para o bebê). Tião, sempre íntegro, fiel a seus princípios, rechaça a ideia com forte reprimenda. Demissões e perda de poder aquisitivo precipitam a deflagração da greve na fábrica. Tião não adere a greve, mas Otávio e Maria, sim. Durante piquete na porta da fábrica, a polícia reprime violentamente o movimento em nome da ordem social. À época, apesar da Constituição Federal de 1967 e da Emenda Constitucional (reformadora) de 1969 garantirem o direito de greve, também consolidaram expressivas exceções. O Decreto-Lei 1.632 de 1978, passou a tratar a greve como assunto de “segurança nacional”, e a legislação penal tipificava como crime a paralisação do trabalho considerado de “interesse coletivo” pelo Estado. O filme retrata esse período através das prisões de grevistas e pela surra que Maria, gestante, toma em passeio público por agentes a serviço estatal em nome da ordem pública. Tião, na saída da fábrica, igualmente apanha dos grevistas por não

aderir ao movimento, sendo salvo do linchamento por Bráulio, liderança política consciente, moderada e estrategista. Tião recebe xingamentos ao chegar em casa por parte de Maria e Otávio. Aconselhado por Romana, parte em busca de oportunidades laborais em outra cidade. No decorrer da paralisação, agentes policiais assassinam Bráulio na rua durante uma manifestação, por o identificarem como líder do movimento e “homem perigoso” para a ordem pública. Seu funeral é acompanhado por centenas de pessoas, e acaba virando protesto a favor do direito à greve e à livre manifestação. Ao final, o filme apresenta uma longa cena, em que Romana e Otávio escolhem feijões na mesa da cozinha, vê-se uma mensagem implícita de amor, companheirismo e paz no seio familiar, mesmo diante de conflitos políticos e sociais. Fica claro que Romana, apesar de não compartilhar das ideias revolucionárias de Otávio, o amava, o compreendia e respeitava seu posicionamento político – algo que parece excesso nos tempos atuais em que o país vive intensa polarização política.

ELIS^{1 2}
(2016)

Marciana Bernardes da Silva



A difícil tarefa de conquistar espaço na sociedade e defender aquilo que acredita, vivendo em um momento histórico ímpar no Brasil, em que a liberdade de expressão não existia, e somando-se a tudo isto, o fato de ser artista e mulher. Eis o contexto que nos apresenta o filme *ELIS*, que conta a trajetória de uma cantora brasileira que se destacou devido a sua voz incomparável e sua

¹ *ELIS*. Direção: Hugo Prata. Produção: Fábio Zavala. Brasil: Downtown Filmes, 2016.

² Figura: Pôster oficial do filme.

personalidade forte, e por vezes conturbada. A cantora é interpretada pela atriz Andreia Horta que por sua semelhança física e pelo cuidado em reproduzir os trejeitos e expressões de Elis Regina traz ao filme veracidade e sensibilidade que merecem destaque. Elis nasceu em Porto Alegre e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde alcançou sucesso e reconhecimento nacional. A direção da obra é de Hugo Prata e o filme foi lançado em 2016, sendo selecionado para a mostra competitiva do Festival de Gramado do mesmo ano – vencendo nas categorias de Melhor Filme (Júri Popular), Melhor Atriz e Melhor Montagem. O filme revela as dificuldades vividas pela artista na construção de sua carreira profissional, em um período de forte repressão estatal e censura a liberdades fundamentais. Ele apresenta a constante angústia de Elis que vive intensamente, e sofre diante das escolhas que precisa fazer durante o caminho. A cantora enfrenta desafios por ser mulher e tem dificuldade em conciliar seus projetos profissionais com sua vida pessoal, o que fatalmente transforma a sua existência em uma verdadeira “luta interna”. É perceptível que a história de Elis é retratada com ênfase em seus conflitos individuais, na contraditória ânsia de ser uma grande artista, e, ao mesmo tempo, uma boa mãe. Ainda é possível observar que os envoltimentos amorosos da cantora acabam por desestabilizá-la, eis que fica clara a constante dificuldade dela em controlar sua ansiedade e angústia – talvez pela excessiva sensibilidade própria das pessoas envolvidas no mundo artístico. O filme também mostra a revolta e a resistência de Elis em relação ao mercado fonográfico, em que se observa uma maior valorização à venda e à comercialização do que à própria arte. Há, ocasionalmente, uma exploração do trabalho do artista que pressionado pela vontade de compartilhar sua criação de forma genuína e a necessidade de ser comercial para sobreviver e atender às exigências mercadológicas, se torna angustiado e, muitas vezes, perde-se emocionalmente nesta angústia. A trajetória da protagonista é constantemente marcada por esta revolta e indignação, além das dúvidas em

relação às suas escolhas profissionais e pessoais. Esse contexto acaba por levá-la ao uso exagerado do álcool e de outras substâncias, o que tornou sua trajetória ainda mais conturbada. Nesta tentativa de ser e fazer sua arte da forma que pensava, e ao mesmo tempo inserir-se no mundo comercial, corresponder ao que se espera culturalmente de uma mãe e adequar-se às regras sociais, a cantora viveu de forma intensa e desestabilizada. Ela morre em São Paulo no ano de 1982, vítima de overdose de substâncias entorpecentes. Outrossim, na narrativa da obra se destaca o contexto social e político da época, uma vez que o Brasil vivia uma experiência ditatorial em que a autoridade política controlava e censurava qualquer manifestação contrária ao governo, reduzia a liberdade de expressão do povo e ignorava a participação das pessoas na tomada de decisões. Este período teve como característica, no que se refere à arte, a intensa criação, advinda da indignação dos artistas em relação a censura: através de metáforas diziam aquilo que queriam expressar; traziam em suas músicas, poemas e outras manifestações, os protestos que não podiam fazer de forma livre. A situação de autoritarismo e intransigência era tão intensa que fazia com que os intelectuais que ousavam criticar a postura governamental ou denunciar o preconceito e desrespeito as liberdades e garantias tivessem sua dignidade abalada com sanções, como a prisão e a extradição do país. Tratava-se de um período em que todas as conquistas construídas a duras penas no decorrer da história global ficassem internamente estagnadas, havendo um nítido retrocesso no que diz respeito aos direitos humanos. Nesta senda, vale reforçar que os movimentos artísticos se fortaleceram na época, sendo talvez o grande meio de protesto da população, embora velado e constantemente censurado. No filme é possível observar os efeitos individuais de tal regime político, em que o Estado é detentor de todo o poder, não havendo espaço para a participação popular. Um momento histórico em que a força vale mais do que qualquer argumento e as vozes são constantemente caladas em nome da

ordem imposta. Há momentos no longa-metragem em que a ideologia autoritária vigente é claramente exposta, como por exemplo, quando Elis sofre intimidação de agentes do governo militar para que cante em um evento promovido pelo Exército, o que gera desconforto para ela e outras colegas artistas. A própria cantora afirma ter participado por medo e insegurança, temendo pela vida de seus filhos e por sentir-se ameaçada pelo autoritarismo vigente. Destaca-se, oportunamente, a fala do cartunista Henfil, grande amigo de Elis, interpretado por Bruce Gomlevsky, que indignado com sua atitude de resignação cria uma charge que retrata Elis cantando para Hitler, renascendo de um túmulo, numa alusão ao ditador e cruel líder do governo nazista que dizimou milhares de vidas na Alemanha. Ao ouvir de Elis que ela havia agido assim por temer pela vida de seus filhos, Henfil lembra que naquele momento dezenas de pessoas estavam sendo torturadas em porões, e em respeito a elas era necessário resistir. Posteriormente, ela, ciente da reflexão do amigo, lança em 1979 a canção-protesto “O bêbado e a equilibrista” em alusão ao evento. Enfim, *ELIS* é marcante e remete a uma reflexão profunda sobre um período que marcou fortemente a vida dos brasileiros no âmbito social e psicológico. Desta forma, cabe destacar que o filme, além de ser uma obra biográfica, é um importante registro político e cultural.

Footloose^{1 2}
(2011)

Caroline Tassiane Keller



Filme de Craig Brewer é remake de *Footloose – Ritmo Louco*, que marcou a geração jovem dos anos 1980. *Footloose* é um musical diferente, pois possui conteúdo muito rico, não se tratando apenas de coreografias e músicas dançantes. Trata-se de um filme que discute a rebeldia dos jovens contrários as regras rigorosas e opressoras

¹ **Footloose**. Direção: Craig Brewer. Produção: Craig Brewer, Neil Meron, Dylan Sellers, Brad Weston. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2011.

² Figura: Pôster oficial do filme.

impostas pela sociedade local. A narrativa começa como um clichê americano, um baile de formatura do ensino médio com música, dança, bebidas e uma tragédia. Após este acontecimento fatídico, o pensamento conservador, retrogrado e arcaico dos líderes políticos da pequena cidade de Bomont, Geórgia, resulta em atitudes extremas com a criação de regras rigorosíssimas para os demais jovens da cidade. Com um discurso carregado de palavras religiosas, eleva-se o Estado ao mais alto nível de soberania autoritária, disfarçada de democracia (uma vez que tais medidas foram submetidas à votação). Assim como nas teorias contratualistas hobbessianas, busca-se a ideia de ordem social, com a transferência da liberdade dos cidadãos para o controle do Estado. É possível perceber principalmente no papel interpretado pelo renomado Denis Quaid como Reverendo Moore, um dos personagens mais importantes do filme, o interesse político demagógico, com excessos e associações religiosas equivocados, utilizados para persuadir as massas. Três anos se passam com as duras leis sendo aplicadas. A eficácia de tais normas, porém, não eram absolutas: alguns deslizes eram cometidos, contudo, faltava coragem aos jovens locais para o enfretamento ao seu “Leviatã”. A chegada de Ren MacCormack (Kenny Worman), vindo da capital para morar na cidade após perder sua mãe, é o ponto de partida para se iniciar a luta pelos direitos de liberdade de expressão, através da dança. Determinado e decidido, Ren vê a música e a dança como forma de arte e expressão e passa a questionar as leis locais proibitivas, mas acaba envolvendo-se num romance com Ariel Moore (Julianne Hough), filha do Reverendo. Ariel sem conseguir superar a perda do irmão e inconformada com as medidas impostas pelo pai, passa a agir como uma jovem rebelde e inconsequente em protesto, mas seu propósito não é percebido, assim como na vida real, percebe-se uma flexibilização na aplicação das leis devido sua filiação. Ainda no desenrolar desse arco do filme, uma das cenas mais marcantes acontece. Após uma briga de Ariel com seu ex-namorado, ela acaba sendo espancada, e posteriormente, amparada por sua família que quer tomar providências e punir os responsáveis. O Reverendo Moore

começa a formular acusações e a planejar medidas que deveriam ser tomadas contra o culpado. Vendo a indignação de seu pai e o sofrimento de sua mãe, Ariel sente que parte da situação havia acontecido por sua culpa, mesmo que nada justificasse ter sofrido uma agressão física, faz um desabafo emocionado, culminado na declaração de que não é mais virgem. O pai, até então seu defensor, tem a moral atingida e a agride com um tapa no rosto, tornando-se também agressor. Eis um reflexo claro da sociedade machista, conservadora e manipuladora, que defende o legal e o justo quando lhe é conveniente e não ofende a sua moral. Em meio a tantos acontecimentos, Ren persiste em seu propósito e passa a demonstrar características de um líder, se articulando com os demais jovens e moradores da cidade, para angariar apoio e levar a proposta de flexibilização de algumas leis para uma nova deliberação. Em uma sessão de votação similar a um referendo (não com voto popular) de líderes nomeados, Ren convoca toda comunidade para apoiá-lo. Neste momento, percebe-se mais um tabu sendo quebrado: a submissão da esposa, situação muito comum (principalmente em sociedades interioranas). Cresce o empoderamento feminino e a esposa do Reverendo Moore (Andie MacDowell) assume uma posição demonstrando publicamente seu apoio ao projeto de Ren. Em tempo, também é possível perceber como uma liderança é capaz de mudar e transformar toda uma sociedade, mesmo que hajam barreiras. Como já era de se esperar, existe um final feliz, não porque se derrotam as autoridades locais soberanas, mas porque os jovens se mantêm persistentes e fiéis ao propósito democrático que haviam estabelecido. Por fim, importante ressaltar que para alcançar o êxito, eles buscaram maneiras legais, pois todo processo capitaneado por Ren foi válido, por ser ético e legítimo, não infringindo as leis estabelecidas, mas lançando mão do uso da criatividade. O filme apresenta, assim, uma comunicação jovem e moderna, tanto por sua linguagem e trilha sonora quanto por seus personagens e contexto histórico.

Gran Torino^{1 2}
(2009)

Marco Aurelio Duarte da Costa



Trata-se de um filme de Clint Eastwood, que além de o dirigir também o protagoniza. Walt Kowalski (Clint Eastwood) é um veterano de guerra, um homem de uma dureza ímpar, muito amargo, que vive sozinho após a perda de sua esposa, mulher pela qual foi muito apaixonado. Walt tem dois filhos que são muito diferentes dele,

¹ *Gran Torino*. Direção: Clint Eastwood. Produção: Bill Gerber, Robert Lorenz, Clint Eastwood. Estados Unidos: Warner Bros., 2008.

² Figura: Pôster oficial do filme.

por serem presumidamente vazios e insignificantes. Walt considera que seus filhos e netos são pessoas que não deram certo, apesar da vida confortável que levam por serem bem-sucedidos financeiramente. Suas únicas companhias são sua cadela Daisy e sua arma, as únicas coisas em que confia. Os antigos vizinhos de Walt estão mortos ou mudaram-se há muito tempo, e o bairro onde reside é agora ocupado por imigrantes asiáticos, os quais Walt tem verdadeiro desprezo. Ele passa o tempo bebendo cerveja americana, sentado em sua varanda. Walt trabalhou na fábrica da Ford e agora está aposentado. Deste período em que trabalhou na empresa, traz consigo a paixão por carros americanos, e como não poderia ser diferente, o automóvel que tem em sua garagem – um autêntico e precioso Ford Gran Torino 1972, que Walt passa o tempo admirando e polindo. Sempre que pode o protagonista reclama com seus filhos pelo fato dos mesmos terem Toyotas ou Hondas, perguntando-lhes: “será que é tão difícil comprar um carro americano”? Ele se mostra muito ranzinza e reclama de tudo, deixando bem claro que não gosta do contato com outras pessoas, e que seu prazer é viver sozinho e em paz. Ironicamente, seus vizinhos são *hmongs* (grupo étnico asiático originária da China), o que lhe lembra a Guerra da Coreia, da qual é veterano, e as mortes que carrega consigo, apesar de terem se passado mais de cinquenta anos. Walt, embora muito doente, de nada se queixa quanto a sua condição de saúde. Por ter dificuldades em aceitar as rápidas mudanças do tempo em que vive, ele, por assim dizer, sente-se fora do seu tempo. Walt passa a impressão de ser racista, por constantemente questionar seus vizinhos asiáticos sobre o quê vieram fazer em seu país. Thao Lor (Bee Vang), um de seus jovens vizinhos, é obrigado por uma gangue local que domina o bairro a roubar o Ford Gran Torino de Walt, o qual além de impedir o furto, quase mata-o, tornando-se assim o herói do quarteirão em que vive, mesmo que isso mais o desagrade do que lhe faça bem. A família de Thao, muito agradecida por Walt ter poupado a vida do jovem, obriga-o a recompensar o veterano, que passa dar ao jovem pequenos trabalhos a serem feitos na comunidade em que vive. Com essa aproximação nasce uma grande amizade entre

os dois, e Walt passa a ensinar a Thao aquilo que julga ser necessário para transformá-lo em um homem de caráter e uma pessoa íntegra. Quando da ocasião do funeral de sua esposa, Walt é procurado pelo jovem Padre Janovich (Christopher Carley) para que fizesse sua confissão, porém responde que não se confessaria para um padre tão jovem, recentemente saído do seminário, e sem nenhuma experiência de vida. Quando Walt fica sabendo da barbárie que a gangue fez à Thao e sua irmã Sue Lor (Ahney Her), a qual tentam violentar, conclui que precisa tomar uma atitude e fazer algo para que cessem os atos de violência no local. Ele finalmente procura a igreja e o padre que tanto lhe cobrava confissão, a qual finalmente é feita e passa a sentir mais leve. Feito isto, Walt vai até a entrada da casa onde moravam os rapazes da gangue, e lá, ao fazer menção que tiraria um isqueiro do bolso para acender um cigarro, é morto pelos infratores que acharam que o veterano sacaria sua arma. Pelo crime, os membros da gangue são presos, pois finalmente existiam provas contra eles. O preço pago para que o bairro voltasse a ter paz foi a própria morte de Walt. A mensagem passada pelo filme é que, embora as pessoas em dado momento da vida, se percebam de mundos diferentes, tudo conspira para que se tornem melhores, bastando para isso, terem uma pequena chance – mesmo que, para isto, às vezes tenham que ir contra tudo aquilo (preconcepções) que acreditam ser certo durante toda a existência. É assim que a questão racial é abordada no filme e na evolução de seu protagonista, homenageando a Declaração Universal dos Direitos Humanos que em seus 1º e 2º artigos prevê que todos são iguais em direitos e dignidade, sem qualquer distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. O filme também, mostra que quando o Estado deixa lacunas, não fazendo aquilo que lhe cabe na área de segurança pública, o caos facilmente se instala, sendo necessário que as pessoas passem a fazer o papel de gestor público, função esta que inicialmente caberia às autoridades políticas e não às pessoas comuns.

Histórias Cruzadas ^{1 2}

(*The Help*, 2012)

Maria Leatrice Saldanha Pacheco



Indicado a quatro Óscares, levando o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante de 2012, *Histórias Cruzadas*, baseado no *best-seller* de Kathryn Stockett e com direção de Tate Taylor, foi um sucesso de bilheteria. A surpreendente obra instiga a reflexão, ao retratar a luta pelos direitos civis e a intolerância social. O filme mostra a

¹ **Histórias Cruzadas** (*The Help*). Direção: Tate Taylor Produção: Chris Columbus, Michael Barnathan, Michael Radcliffe. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2011.

² Figura: Pôster oficial do filme.

vida de empregadas negras em Jackson, uma pequena cidade do Mississippi, nos Estados Unidos da América, na década de 1960. As empregadas domésticas passavam seus dias sendo reprimidas por suas patroas, desencorajadas, lamentando pela vida que tinham, sem esperança de um futuro melhor. Suas vidas mudaram ao conhecer uma sonhadora jovem branca, Eugenia “Skeeter” Phelan (Emma Stone). A garota retorna para sua cidade natal com o sonho de tornar-se uma escritora de sucesso. Seus ideais iam de encontro aos padrões determinados pela sociedade da época, em que jovens brancas tinham como principal preocupação arranjar um bom casamento e gerar belas e saudáveis crianças. A aspirante a escritora buscou emprego em um jornal da cidade e conseguiu vaga na coluna da Srta. Myrna sobre conselhos de limpeza. Devido a sua falta de experiência, ela solicita ajuda de Aibileen Clark (Viola Davis), empregada de uma de suas amigas. Skeeter passa a presenciar situações em que a doméstica sofria constrangimentos. Com o passar dos encontros, a patroa de Aibileen, Elizabeth Leefolt (Ahna O’Reilly), as proíbe, justificando que eles estariam atrapalhando os compromissos domésticos da empregada. Inconformada ao ver como a funcionária era tratada, Skeeter a convida para conversar sobre a situação em que as domésticas viviam. Seu objetivo era escrever um livro a respeito de como era trabalhar para família de pessoas brancas da elite. Em 1960, o Estado norte-americano vivia um momento político que marcou a história, não só do próprio Estado, mas do mundo todo. Martin Luther King (1928-1968), ativista da luta pelos direitos civis dos negros, liderava um movimento contra a discriminação racial, em prol da igualdade e liberdades das pessoas, independentes da cor de sua pele. Apesar de passados muitos anos da escravidão, homens e mulheres brancas ainda se consideravam donos de pessoas negras. As pessoas “de cor”, como caracterizadas no filme, eram consideradas inferiores e até mesmo sujas e capazes de transmitir doenças características. Havia uma ampla política de segregação: igrejas, bares, restaurantes, escolas, hospitais e até

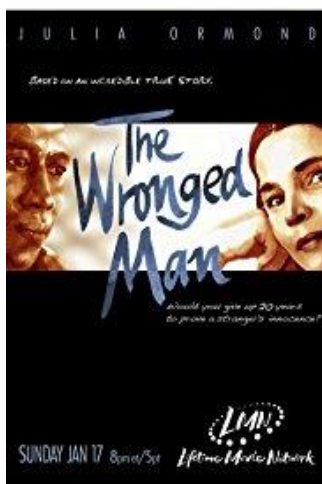
mesmo lugares públicos exclusivos para brancos. Garotas negras deixavam a escola cedo e passavam a trabalhar na casa de pessoas da elite para trazer o sustento às suas famílias. Estas pessoas eram punidas por suas características físicas. Devido a mera diferença de cor, brancos sentiam-se superiores e intocáveis. Aibileen acreditava que seria muito arriscado falar sobre o cotidiano de seu trabalho. Temia que se sua patroa soubesse dos encontros escondidos a colocaria para rua e a difamaria, impedindo-a de conseguir um novo emprego. Com muita insistência da jovem escritora, a empregada se dispôs a falar e também convidou suas amigas para participarem. Desde muito jovens aquelas senhoras criavam filhos de mulheres brancas, deixando suas crianças sozinhas ou aos cuidados de desconhecidos. Aibileen perdeu seu filho, ao ter atendimento médico negado em razão dele ser negro. Ela trabalhava na casa da família dos Leefolt, das 8h às 16h, seis dias por semana, recebendo noventa e cinco centavos por hora, limpando a casa, passando roupas, cozinhando e cuidando de uma criança. As crianças, diferentemente de suas genitoras mostravam carinho por suas babás, considerando-as como suas verdadeiras mães. Aibileen e suas amigas temiam que aquelas doces meninas se tornassem mulheres egoístas e cruéis como suas patroas. Apesar disso, não desistiram delas e as incentivaram a serem corajosas, boas e inteligentes, fazendo-as se sentir especiais. Aibileen, especialmente tinha grande afeto pela menina que cuidava, os cuidados iam além da alimentação e higiene, a educava e a amava. Contudo, o tratamento discriminatório era comum entre as mulheres da sociedade, elas costumavam constranger suas empregadas em público e se reuniam para falar mal sobre elas. As patroas brancas agiam como se ferir a dignidade de uma pessoa fosse motivo de orgulho. Apesar da angústia diária, Aibileen buscava na Igreja forças para não odiar seus inimigos. Hilly Holbrook (Bryce Dallas Howard), patroa de Minny Jackson (Octavia Spencer, vencedora do aludido Óscar), uma das entrevistadas, criou um projeto com o apoio da comunidade da

elite para criação de banheiros exclusivos para suas empregadas, no lado de fora de casa. Para senhoras da elite branca era inaceitável dividir o banheiro com pessoas negras. Uma cena bastante marcante do filme e que certamente colaborou para conquista do prêmio por Spencer, é quando Minny cozinha uma torta para sua antiga patroa com um ingrediente especial: suas fezes. A interpretação dá um tom cômico a um assunto tão lamentável. É possível sentir-se vingado ao assistir. As domésticas também tinham que comer escondido e com talheres separados. Por mais distante que o drama parece estar da atualidade, a discriminação e a desvalorização das domésticas ainda é presente. A valorização do profissional doméstico vem sendo um dos assuntos em pauta nos debates políticos. No Brasil, fato é que boa parte das empregadas domésticas são mulheres (93%) e negras (70%) e isso é o reflexo de uma cultura escravagista. Ressalta-se que o Estado brasileiro, assim não garantia os direitos destas prestadoras de serviço domiciliar até poucos anos. O direito destas trabalhadoras passou a ser legitimado através da “PEC das Domésticas” e desde sua aprovação sob a Emenda Constitucional nº 72, de 2 de abril de 2013, muitas coisas mudaram nessas relações de trabalho. Em 1º de junho de 2015, com a sanção da Lei Complementar nº 150, definiu-se que trabalhador doméstico é aquele que trabalha de forma contínua mais do que duas vezes por semana na mesma residência. Também regulamentando a jornada de trabalho, assegurando a remuneração do tempo excedido e horário de descanso adequado, e prevendo o direito a benefícios específicos. As garantias normativas parecem óbvias por caracterizarem o mínimo já oportunizado a outros profissionais, mas foi uma grande conquista para esta classe trabalhadora. Por longos anos as empregadas domésticas brasileiras foram desvalorizadas e desrespeitadas, vivendo apenas para garantir uma rotina confortável aos seus patrões, sem direito a férias ou licenças médicas. Destarte, questiona-se: o que nos faz pensar que a sociedade atual é tão superior ou melhor do que aquela retratada

no filme? Se em pleno Século XXI possuímos governantes e candidatos a cargos públicos racistas e misóginos nos afastamos da elite retratada? Quando nos omitimos de termos ciência da exploração vivida por empregadas negras não contribuimos para a discriminação? A sociedade brasileira está longe de ser livre, justa e solidária como previsto constitucionalmente. Todo trabalhador necessita de garantias, e quando se vive em um Estado Democrático de Direito não se pode aceitar o retrocesso social. Ressalta-se que, conforme o artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, todos os cidadãos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza. Os direitos assim como os deveres são para todos, não distinguindo raça, religião, gênero ou atividade profissional. A obra cinematográfica nos instiga a refletir quão tem sido difícil a luta de pessoas negras na busca pelo respeito e pela dignidade. Vemo-nos tão distantes daquelas personagens, porém se sairmos da zona de conforto e olharmos à sociedade como um todo, em circunstâncias distintas, observamos as tristes semelhanças. Nesse sentido, juristas necessitam ter iniciativa política consciente, para que assim possam colaborar na mudança deste cenário, prejudicando a capacidade de respeitar o próximo na sua individualidade.

Jornada pela Justiça ^{1 2} (*The Wronged Man*, 2010)

Denise Buhler



Quanto vale vinte e dois anos de uma vida digna... Digna de um ser humano com seus direitos reconhecidos e considerados? A obra *Jornada Pela Justiça*, do diretor Tom McLoughlin, relata a difícil trajetória de Janet Gregory (Julia Ormond), uma mulher em busca da justiça de forma incansável frente a uma difícil situação

¹ **Jornada pela Justiça** (*The Wronged Man*). Direção: Tom McLoughlin. Produção: Gary Ventimiglia, Robert J. Wilson. Estados Unidos: Sony Pictures, 2010.

² Figura: Pôster oficial do filme.

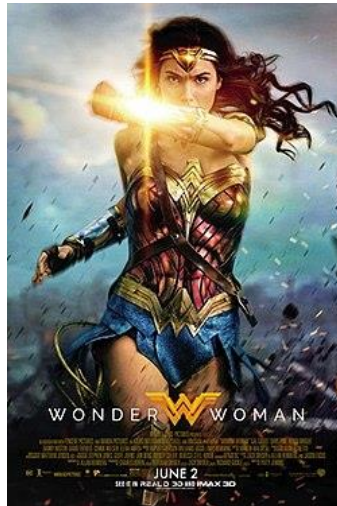
agravada pelo questionamento de seus princípios, e por um passado obscuro mergulhado em decepções e marcas profundas. A profissional defronta-se com um caso de estupro considerado resolvido pelas instituições de justiça e olvidado pela sociedade. Defesa nada fácil para uma mulher que já sofreu as consequências desse mesmo delito. Esquecido em um presídio e considerado culpado por um crime que não cometeu, Calvin Willis (Mahershala Ali) luta com o apoio de sua família e de sua defensora pelo reconhecimento de seus direitos de defesa, e principalmente por sua dignidade humana. Inserido em uma sociedade preconceituosa e injusta, o detento negro encontra dificuldades em apropriar-se de seus direitos e alcançar sucesso na busca da comprovação de sua inocência. Em meio à falta de suportes fáticos concretos, provas forjadas e imprecisas, testemunhas equivocadas, e de um Estado inconsequente, acusado e defensora procuram por muitos anos revelar a verdade às autoridades judiciais para que possam, então, usufruírem dos benefícios da liberdade conquistada com tanto esforço pela humanidade ao longo dos séculos. Baseando-se na noção de um Estado Democrático de Direito, pode-se afirmar que os direitos humanos não foram instituídos para defender criminosos, mas sim para impedir que o Estado se torne o verdadeiro bandido. Tal concepção encaixa-se impecavelmente no desenrolar da obra. A partir do momento em que o Estado, responsável pela tutela e defesa dos direitos dos cidadãos, acaba por inibir tais direitos a uma parcela da sociedade, fazendo com que esta fatia torne-se invisível, ele transforma-se no verdadeiro algoz da situação, usando de sua equivocada seu poder, como uma arma contra seus “próprios filhos”. Quando o homem coloca a defesa de seus direitos sob a tutela de um Estado, ele objetiva que a autoridade estatal salvguarde a garantia de uma vida social digna, humana e igualitária. O Estado surge para sanar a falta de regras e organização presente em um estado de natureza por meio de organizações políticas e de pactos sociais entre civis e governantes, aos quais são destinados à proteção dos direitos do homem. As

regras e normas que norteiam a organização de uma sociedade estruturada em ideologias sociais edificam Constituições com os objetivos principais de preservar direitos fundamentais e dar limites ao poder político. Tal experiência constitucional antecede o governo. Ela vem, anteriormente, para decretar as regras, normas e princípios que se baseiam em direitos naturais, objetivando a organização política e o bem comum. Posteriormente, por si própria, acaba requerendo a existência de um governo compatível, a partir da necessidade de sua autoridade que possa validá-la e pôr suas prescrições em execução, estabelecendo instituições democráticas. Caso se quebre a estrutura formada pela Constituição e pela garantia de divisão de seus Poderes, os governantes postos não se guiam pela soberania popular, e a sociedade não seja consciente de seus direitos e deveres, o homem retrocede à perspectiva medieval, estando suscetível a se submeter a uma aristocracia soberana ou a uma ditadura governamental. Quando o Estado faz uso de seu poder em prol de si mesmo, da vontade elitizada e de grupos privilegiados, ignorando realidades como lhe for conveniente, ele acaba corrompendo o elo firmado com o povo que o constituiu. No decorrer do longa-metragem, tendo seus direitos desvirtuados pelo Judiciário, os protagonistas buscam em princípios e direitos naturais como caminhos para viabilizarem a concretização da liberdade. Percebe-se, especialmente, a comoção da comunidade negra que busca alcançar a Justiça, através de leis divinas, da solidariedade comunitária e dos princípios da ética religiosa. Assim, retorna-se a questão inicial: qual o custo de vinte e dois anos sem liberdade? A resposta encontra-se na análise das grandes batalhas impostas ao homem na afirmação de seus direitos contra uma soberania hierárquica, em busca da democracia e da preservação de direitos básicos. Algo já conquistado, a partir de Cartas Políticas e em decorrência de grandes revoluções na sociedade global, mas que vem sendo deturpado na ficção e também na vida real. Na obra, vinte e dois anos custaram a vida de um homem sem liberdade, de

uma família que não pode ter o pai presente, de uma mãe que passou mais de duas décadas vendo seu filho sobreviver no limite da humanidade, de uma mulher que lutou por justiça sem objetivar recompensa alguma e do filho desta que não conseguiu ter a presença de sua mãe em seu crescimento. Esses anos, ainda, afirmaram o sentimento de incapacidade perante um governo desnorteado e despreocupado de suas funções. A falha estatal roubou vinte e dois anos de um indivíduo e acabou por impactar a vida de muitos outros, caracterizando de forma equivocada e controversa a própria concepção de Direito. O filme oferece ao seu telespectador a oportunidade de analisar um enredo dramático comprometido em evidenciar a realidade da sociedade norte-americana e seu sistema jurídico vigente, mas também pode ser facilmente utilizado para desnudar situações discriminatórias e injustas que ocorrem em proporções mundiais. O clímax da obra a leva a uma avaliação crítica negativa, comprovando que erros do Estado e preconceitos da sociedade transformam-se em agudos instrumentos capazes de retrogradar a efetividade da dignidade humana.

Mulher-Maravilha^{1 2}
(*Wonder Woman*, 2017)

Vitória dos Reis Siepmann



O primeiro filme-solo protagonizado por uma heroína, conta a história de Diana Prince (Gal Gadot). Todo o filme ocorre praticamente no passado, sendo exposta uma pequena Diana (Lilly Aspel), princesa das Amazonas, que cresceu na ilha escondida de Themyscira e sonhava ser uma destemida guerreira, assim como

¹ **Mulher-Maravilha** (*Wonder Woman*). Direção: Patty Jenkins. Produção: Charles Roven, Deborah Snyder, Richard Suckle, Zack Snyder. Estados Unidos: Waner Bros., 2017.

² Figura: Pôster oficial do filme.

toda a raça de amazonas que foram criadas pelos deuses para protegerem a humanidade de Ares (David Thewlis), o Deus da Guerra, que foi banido por Zeus após se rebelar contra sua criação. Sua mãe, a Rainha Hipólita (Connie Nielsen) acredita que Ares jamais voltaria, então proíbe Diana de treinar, pois não entedia como necessário o treinamento e temia por sua segurança. No entanto, sua tia, a General Antíope (Robin Wright), passa por cima das ordens de sua irmã e começa secretamente o treinamento da menina. A Rainha Hipólita descobre o segredo das duas, mas sua irmã lhe convence a permitir que Diana continue a treinar. Anos mais tarde, um avião cai na ilha e Diana se vê obrigada a salvar o piloto, Steve Trevor (Chris Pine), momento em que a ilha é invadida por alemães que o perseguiam. As amazonas matam todos os alemães, mas General Antíope é atingida por uma bala que ia em direção à Diana. Antes de morrer ela tenta contar um segredo à Diana, porém não obtém êxito. Posteriormente, Steve conta às Amazonas que é um espião e que roubou o caderno de uma cientista, a Doutora Veneno (Elena Anaya), contendo informações valiosas sobre uma fórmula mortal de um gás mostarda. Diana acredita que o responsável pela guerra é Ares, se equipa com uma espada cerimonial, a qual pensa ser capaz de vencê-lo, e parte juntamente com Steve para mata-lo. Chegando em Londres, Diana traduz as anotações da cientista e descobre que os alemães pretendem liberar o gás mostarda durante o conflito. Steve e Diana aliaram-se com um ator e um contrabandista para se infiltrarem em linhas inimigas com o objetivo de evitar a liberação da arma química. Na “Terra de Ninguém”, são interrompidos por metralhadoras, todavia, Diana atravessa sozinha, permitindo que as forças aliadas avancem. Eles descobrem que haverá uma festa no Alto Comando Alemão, ocasião em que Steve e Diana se infiltram na festa. Ela acredita que o General Erich Ludendorff (Danny Huston) é, na verdade Ares, e tenta ir atrás dele para matá-lo, mas é impedida por Steve. Ludendorff libera o gás em uma aldeia, matando todos os seus habitantes. Diana culpa Steve por

esse acontecimento, e segue o General até a base militar em que estão fazendo o carregamento do material mortífero. Diana e o General lutam, ela o mata, mas isso não faz com que a guerra acabe, o que deixa Diana desapontada. Sir Patrick, que foi quem financiou a ida de Diana, Steve e seus aliados até a Bélgica, revela à Diana ser Ares. Ele diz a Diana que embora tenha dado ideias e inspirações maldosas aos seres humanos, o livre arbítrio deles é a causa da guerra e da violência. O deus conta que Diana é filha de Zeus, e que somente ela é capaz de lhe matar, não a espada como acreditava, sendo esse o segredo que sua tia tentou lhe contar. Ares tenta convencer Diana de que a humanidade é desonesta, e que ela deve lhe ajudar a destruí-la para restaurarem o paraíso na Terra. Durante a batalha de Diana e Ares, Steve pilota o avião em que se encontra o gás mostarda até uma altitude segura, e então provoca uma explosão, se sacrificando para que a humanidade não fosse atingida. Diana fica arrasada, e Ares tenta convencê-la de matar a cientista. Antes de arremessar um objeto na cientista, ela se lembra de Steve e se entusiasma pensando que os humanos são bons, e não a mata. A guerreira e o deus lutam, o que acarreta a morte de Ares e a paz volta a reinar. Celebra-se o fim da Primeira Guerra Mundial em Londres e Diana recebe uma foto dela com Steve e seus aliados no conflito. A protagonista é corajosa e destemida como uma guerreira, e ao mesmo tempo sensível e carismática como uma menina descobrindo o mundo. Diana possui muita representatividade. Vivia em uma ilha habitada integralmente por mulheres, e parte para enfrentar a guerra em outro local, completamente machista, como é nosso mundo, em que mulheres possuem menos direitos e oportunidades do que os homens, mas isso não a diminuiu. Ela lutou bravamente, sem precisar se afirmar como *Mulher-Maravilha*, uma vez que suas atitudes falavam por si só. Apesar das roupas de Diana serem consideradas curtas, em nenhum momento precisou ser sensual para atrair a atenção do público. Trata-se do primeiro longa centrado na história de uma heroína, tendo sido dirigido por uma mulher, em um espaço

dominado por homens. Filmes de super-heróis rementem a figuras masculinas, o que é uma visão machista. Assim, a história quebra paradigmas em relação à outros filmes em que as protagonistas são sempre indefesas e salvas por super-heróis fortes e másculos. Embora Steve de algum modo mostre o mundo para Diana e muitas vezes diga o que e como ela deve agir, assim como os líderes governamentais não lhe dão ouvidos e nem a deixam participar das reuniões, ela faz apenas o que tem vontade e o que pensa ser correto, e se posiciona onde deseja estar. Diana mostra que mulheres devem ser autoconfiantes para disputar posições de destaque. A trama se passa na segunda fase da Primeira Guerra Mundial, fase das trincheiras, mostrando que o lado inimigo fabricava armas químicas de grande potencial destrutivo. Mesmo não havendo um “lado bom” na guerra, Diana, alheia a isso, possuía um único objetivo: defender a humanidade e buscar a bondade das pessoas. Diana que lutava apenas com seu escudo, sua espada cerimonial e seu chicote, se deparou com armas potentes e bombas, tendo em vista o desenvolvimento da tecnologia bélica. O filme, portanto, remete a uma época em que o mal e a corrupção prevaleciam, mas também ensina que é preciso olhar para o interior de cada pessoa e acreditar que todos possuem pureza e altruísmo. Tem-se aí as grandes mensagens da obra: esperança na humanidade e empoderamento feminino.

O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias ^{1 2} (2006)

Maiara da Rosa Martins



O filme se passa no Brasil no ano de 1970, mesmo ano em que ocorria a Copa do Mundo. A história tem início em Belo Horizonte, mas tem como cenário principal a cidade de São Paulo onde se passa o drama vivido pelo menino Mauro (Michel Joelsas), de 12 anos de idade, e seus pais Bia (Simone Spoladore) e Daniel

¹ **O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias**. Direção: Cao Hamburger. Produção: Cao Hamburger, Caio Gullane, Fabiano Gullane. Brasil: Buena Vista Internacional, 2006.

² Figura: Pôster oficial do filme.

(Eduardo Moreira). Tudo começa quando Mauro recebe a notícia de que seus pais terão que “sair de férias” e ele ficará na casa do avô paterno. Repentinamente e sem explicar os motivos, eles precisaram sair de sua casa em Belo Horizonte às pressas, deixando o filho na casa do avô em São Paulo, porém no mesmo dia em que o menino é deixado lá, seu avô falece e os pais do adolescente nem ficam sabendo. Diante dos fatos, o menino ainda confuso com os acontecimentos se vê abrigado por um senhor judeu chamado Shlomo (Germano Haiut) que era vizinho de seu avô. Inicialmente, ele resiste a ficar com o garoto devido ao fato do menino não ser judeu e ter costumes muito diferentes dos dele, mas depois de um tempo de convivência ele acostuma-se com a ideia e até mostra parte dos seus costumes judaicos ao jovem. Os acontecimentos do filme se passam em um cenário conflituoso, momento em que se vivia uma ditadura militar no Brasil, e a parte da população que vinha de encontro a esse regime político era perseguida e acabava tendo que fugir ou esconder-se para não ser presa, torturada ou até morta. O que justamente motivou a perseguição política aos pais de Mauro, que como muitas outras pessoas, se viram obrigados a sair de suas casas para não serem pegos pelos agentes militares. Parte da população tinha como ideal modificar o regime político, defendia a bandeira comunista, advogando por uma proposta social, política e econômica de criação de uma sociedade sem classes sociais, em que todos teriam os mesmos direitos, de modo que fossem excluídas as propriedades privadas. No decorrer do filme, o menino percebe que seus pais estavam demorando muito para “voltar de férias”, pois haviam prometido voltar quando a Copa do Mundo iniciasse, o que não ocorreu. Shlomo, preocupado com a situação do menino, resolve ir até a sua casa em Belo Horizonte para tentar buscar informações sobre seus pais, mas infelizmente não obtém sucesso. Entre um jogo e outro, Mauro se dividia em alegrias pelo bom desempenho da seleção brasileira, e tristezas pela demora do retorno dos familiares. Durante este período, o menino faz algumas amizades e

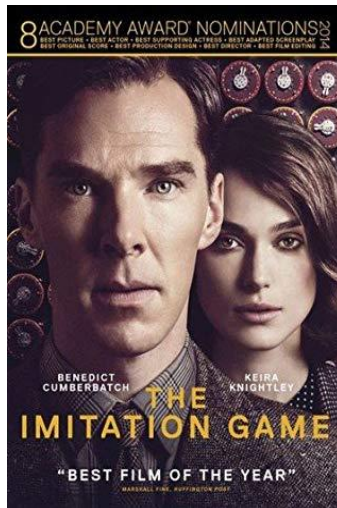
conhece um amigo do seu pai, também ligado ao movimento comunista. Certo dia, Mauro acompanha Shlomo em um ritual judaico seguido de uma grande festa, porém algo chama a atenção das crianças que estavam no local: eles veem muitos militares a cavalo passando, e curiosos correm para ver o que estava acontecendo. Ao chegar próximo a uma universidade, as crianças se depararam com cenas de violência dos militares contra pessoas que são violentamente agredidas sem condições de defesa. Com o passar do tempo, Mauro percebe que o clima era tenso e começa a ver que estavam ocorrendo prisões de pessoas conhecidas. Nota-se que o menino começou a prestar mais atenção nas atitudes daquelas pessoas com as quais vinha convivendo, incluindo Shlomo, que em um momento da trama é levado para prestar depoimento e dar explicações. Neste mesmo momento, abrigava-se na casa do seu falecido avô um amigo de seu pai chamado Ítalo (Caio Blat), comunista que estava se escondendo da polícia. Estes fatos fizeram com que o menino entendesse melhor a situação autoritária vivida na época, em que o uso da força e da violência eram apenas contra quem era contrário ao regime político, sendo claramente uma imposição do poder estatal de modo disseminado. A Copa do Mundo, contudo, desviava o foco dos cidadãos, e apesar do clima tenso, as pessoas davam grande importância ao evento esportivo, torcendo muito pela seleção brasileira que sagrou-se tricampeã naquele ano. Com o final da Copa, Shlomo retorna para casa trazendo consigo a mãe de Mauro, porém seu pai não retornou, dando a entender que havia sido morto pelos militares. O filme que tem como protagonista um adolescente de 12 anos propõe a reflexão sobre as atitudes da sociedade e do Estado em relação às crianças e adolescentes da época. Apesar de ser um momento de grave conflito, a inocência das crianças sobre o que estava acontecendo fica evidente. Ele apresenta imagens relacionadas diretamente à resistência ao regime estabelecido, como na cena em que Ítalo picha em um muro “abaixo a ditadura”, mas centra-se em muitas cenas típicas de um cotidiano comum.

Muitos filmes sobre a ditadura militar mostram cenas de torturas como uma forma de atentar às atrocidades cometidas naquele período, porém neste pode-se perceber que há uma preocupação em não chocar o público, mas ao mesmo tempo possui imagens que apresentam o autoritarismo daquele período de uma maneira sutil. Ao final do filme, o menino Mauro é exilado – mesmo sem saber o que significava aquele termo. Mal sabia ele que, mesmo com apenas 12 anos de idade, devido ao posicionamento político de seus pais, fora destinado a viver longe da sua pátria, sem opção de escolha. Hoje em dia, o Brasil vive sob um regime político diferente. No regime democrático, permite-se a participação de toda a população na escolha de seus governantes, tendo um governo feito para o povo e pelo povo, deixando de lado o autoritarismo do regime militar da época. Porém, ainda temos uma grande parcela de cidadãos que acreditam que o autoritarismo militar é a melhor solução para acabar com a corrupção em nosso país, pelo que percebe-se que é necessário reeducar as pessoas.

O Jogo da Imitação^{1 2}

(*The Imitation Game*, 2014)

Thais Lenz



O filme foi inspirado no livro *Alan Turing: The Enigma*, de Andrew Hodges, e se passa na Inglaterra, contando a vida de Alan Turing, britânico e criptoanalista. Baseada em fatos reais, a narrativa acontece durante a Segunda Guerra Mundial, acompanhando a história de um grande gênio da matemática que

¹ **O Jogo da Imitação** (*The Imitation Game*). Direção: Morten Tyldum. Produção: Nora Grossman, Ido Ostrowsky, Teddy Schwarzman. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2014.

² Figura: Pôster oficial do filme.

recebeu a missão de liderar uma equipe da inteligência britânica, e decifrar os códigos da máquina Enigma utilizada pelos nazistas para a sua comunicação. Na época, o equipamento era conhecido mundialmente por ter mensagens criptografadas impossíveis de serem decodificadas. Trata-se do retrato da vida de um homem que foi peça-chave para a derrota do nazismo, e que segundo dados apresentados ao final do filme, salvou milhões de vidas, encurtando o conflito em dois anos, e que foi importantíssimo na evolução tecnológica. Pesquisadores inclusive nomearam como as máquinas que originaram os computadores de Turing. O filme mostra o desdém dele pela hierarquia, como nota-se em seu diálogo com o comandante Alastair Denniston (Charles Dance), e no decorrer da história, é nítido a sua dificuldade de relacionamento interpessoal, decorrente de graves ataques e *bullying* na fase escolar. Naquela época, a exceção de seu colega de classe Christopher Morcom (Jack Bannon), todos os rapazes eram muito agressivos com Turing que acaba por nutrir uma paixão platônica por ele. Morcom acaba por falecer no decorrer do filme por conta de uma tuberculose, o que abala fortemente Turing. Assim, quando ele cria a hoje conhecida “Máquina de Turing” decide nomeá-la com nome de Christopher, uma forma de homenageá-lo, e também de sentir-se de alguma forma próximo de seu amor nunca revelado. O fato de ser homossexual em uma época em que a orientação sexual era considerada crime foi crucial para excluir cada vez mais Turing da sociedade. O forte poder totalitário do nazismo mantinha a Aliança do Eixo a frente na guerra. Assim, a única maneira dos Aliados terem uma chance de derrotá-la era decifrar o seu enigma de comunicação. A máquina possuía mais de 159 milhões de possíveis configurações, que poderiam ser testadas somente uma a uma, caso se possuísse dez homens checando cada codificação por minuto, 24 horas por dia, sete dias por semana, o que levaria aproximadamente 20 milhões de anos. A grande dificuldade apresentada no filme dá dimensão ao grande feito histórico e importantíssimo de Turing e sua equipe

para o desfecho da Segunda Guerra Mundial. Sua equipe era composta por homens e uma mulher, Joan Clarke (Keira Knightley) que sofria forte discriminação pelo machismo vigente. Ela sempre tinha que provar a sua capacidade e também sofria pressões familiares por estar longe de casa e ser solteira, o que acaba ocasionando o seu noivado com Turing no decorrer da história. A relação não passava de uma jogada para manter a sua genial colega por perto, e assim avançarem cada vez mais em sua busca pela resolução do problema. Clarke se tornou grande amiga de Turing, e também o auxiliou para que pudesse ter um melhor relacionamento com a equipe. O desfecho desta história é forte, triste e brilhante. Chegado o dia em que Turing consegue enfim que sua máquina funcione, trazendo as informações de todos os movimentos das tropas, frotas e esquadrilhas inimigas, os Aliados conseguem prever todos os ataques com antecedência, e conseguem planejar ofensivas de surpresa, indo pouco a pouco de maneira impercebível derrotar os nazistas. No final do filme, percebe-se que a manipulação de informações pelo Estado mantém secretamente a descoberta de Turing, mandando atear fogo sobre todos os documentos, ordenando que fosse feita uma divisão entre o grupo, e deixando claro a proibição de divulgação do trabalho. Essa história permaneceu em segredo durante 50 anos. A partir de um assalto sofrido por Turing se abrem suspeitas sobre seus segredos e neste momento é descoberta sua homossexualidade que era coibida legalmente. Essa descoberta acaba por tirar sua vida precocemente: Turing, aos 41 anos, se suicidou após passar por uma castração química, e um forte tratamento de terapia hormonal a que foi submetido como punição. Um lamentável relato de toda a opressão e discriminação sofrida pelos homossexuais que eram mortos nos dois lados da guerra, e que até hoje claramente necessitam lutar por seus direitos mais fundamentais. O filme também fornece dados que entre 1885 a 1967, aproximadamente 49 mil homossexuais foram condenados por obscenidade na Grã-Bretanha, o que nos faz refletir sobre

atitudes opressoras mesmo em regimes teoricamente democráticos. Em 2013, a rainha Elizabeth II concedeu perdão real à Turing, honrando suas conquistas sem precedentes, o qual estimasse ter salvado milhões de pessoas, e foi peça principal para o desenvolvimento da tecnologia computacional. Parafraseando fala de Christopher à Turing na infância: “às vezes aqueles de quem menos esperamos fazem coisas que ninguém imagina”.

O Livro de Eli ^{1 2}
(*The Book of Eli*, 2010)

Heitor Barbosa da Silva



Trata-se de um filme de Albert e Allen Hughes que se passa em um período pós-apocalíptico em que grande parte do planeta ficou devastada devido a uma grande guerra que ocorreu, segundo relatos do protagonista, 30 anos antes dos acontecimentos retratados na obra. Em meio a esse cenário, o andarilho Eli (Denzel

¹ **O Livro de Eli** (*The Book of Eli*). Direção: Allen Hughes, Albert Hughes. Produção: Andrew A. Kosove, Broderick Johnson, Joel Silver, David Valdes, Denzel Washington. Estados Unidos: Sony Pictures, 2010.

² Figura: Pôster oficial do filme.

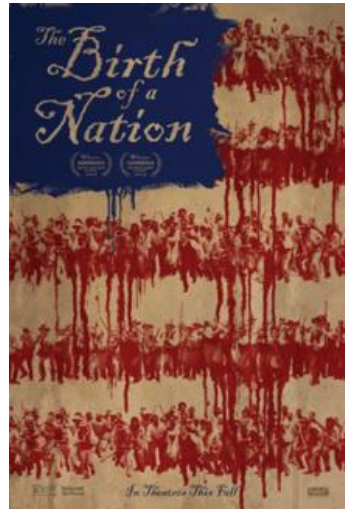
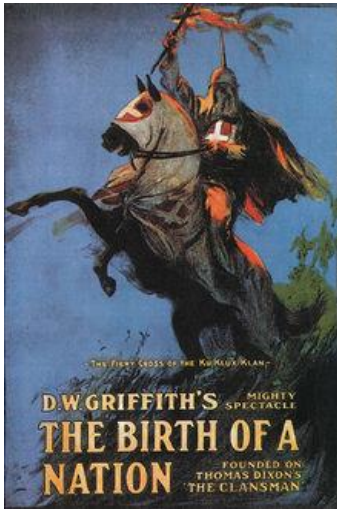
Washington) carrega consigo um livro que ele protege com sua própria vida. Esse livro é a Bíblia, talvez o único exemplar que sobrou depois da grande guerra. Eli é um homem com experiência e destreza para viver no mundo retratado no filme. Ele segue orientações de uma voz que escuta em sua cabeça, e tem como objetivo principal seguir rumo ao Oeste, onde acredita que poderá deixar o livro seguro e em boas mãos, fazendo cópias e longe de quem possa fazer um mau uso dele. Tal cenário pós-apocalíptico sugere um ambiente em um caos total, com muitas dificuldades, recursos escassos que são fundamentais para a vida, e interações violentas entre indivíduos que não fazem parte do mesmo grupo social. Esses grupos foram criados para somarem forças e ficarem mais fortes, com o intuito de facilitar a luta e a busca por condições inerentes à vida. O filme cita a existência de pessoas que adotaram o canibalismo como forma de sobrevivência devido à precariedade de alimentação. Esse cenário remete a *teoria hobbesiana* que se funda na ideia de um estado de natureza em que não há um governo civil e nem uma normatização jurídica, e todos tem direitos iguais, porém a preocupação fundamental dos indivíduos é a preservação da vida, eis que vivem em constante luta pela sobrevivência e pelo poder. Hobbes identifica o homem como “lobo” do próprio homem, sendo mau por natureza e indutor de uma guerra de “todos contra todos”. Como os bens são escassos, todos convivem com o medo constante e a insegurança toma parte da rotina diária das pessoas que vivem sempre em alerta total. Em busca de água e suprimentos, Eli se dirige a uma “cidade” que mostra semelhanças com regimes políticos absolutistas. Lá o poder é concentrado nas mãos de uma pessoa, sem democracia, com altos impostos e preços abusivos pelos quais as pessoas pagam muito por pouca coisa. A segurança e o poder são mantidos bem estruturados, nota-se a presença de trabalhos forçados e tratamento extremamente desigual entre pessoas de diferentes níveis de influência no local. Não havia também participação nos processos legislativos, e os princípios existentes advinham

exclusivamente dos interesses do governante. No filme, nota-se que as pessoas mesmo fazendo parte de um “Estado” não estavam satisfeitas com a situação econômica e financeira em que se encontravam. O governante se apresentava na figura de um “rei”, o ganancioso Carnegie (Gary Oldman). Ele se mostrava uma pessoa culta por estar lendo livros frequentemente. As pessoas que decidiram se estabelecer naquele local fizeram uma espécie de contrato social, que na concepção de Hobbes corresponde a abrir mão de alguns direitos e a restringir liberdades. Concentra-se o poder nas mãos do Estado, tendo tal “contrato” o intuito de conter a constante luta dos homens por sobrevivência, e de garantir uma maior segurança em relação a bens e a vida. Carnegie é completamente obcecado pelo livro que Eli carrega, sendo capaz de fazer qualquer coisa para obter a Bíblia. Na visão de Carnegie, o livro é uma ferramenta fundamental para expandir seu domínio político para muito além daquela “cidadezinha”. Ele sabe do grande poder que as palavras escritas no livro têm de influenciar as pessoas, e criar uma espécie de doutrinação. Quando Eli entra em um bar do local a procura de água, ele tem um grande desentendimento com alguns clientes que frequentemente faziam trabalhos para Carnegie, e acabam entrando em uma violenta luta corporal. Ao final do conflito, Eli consegue sair vencedor e todos os que estavam presentes no bar ficam, ao mesmo tempo, assustados e admirados pelas habilidades que ele possui. Entretanto, ele é rendido pelos homens que faziam a segurança do local, e é obrigado a passar uma noite em um quarto da cidade. Lá conhece Solara (Mila Kunis). Ela é levada ao quarto em que Eli estava preso com a finalidade de forçadamente prestar a ele serviço de prostituição, com objetivo de convencê-lo a trabalhar para Carnegie – que ficou interessado na grande experiência e habilidades de exímio guerreiro de Eli. No amanhecer do dia, ao escutar a conversa entre Solara e sua mãe, Carnegie descobre que o livro que tanto deseja está nas mãos de Eli. Como o governante mantém o poder no local todo concentrado em sua pessoa, usa

disso como vantagem, sendo capaz de atentar contra a vida do andarilho visando saciar o desejo de ter o livro sagrado. Porém, quando vai em busca do livro é tarde de mais, Eli e Solara haviam fugido. Ela fez a escolha de acompanhar o andarilho em sua jornada, pois estava cansada de viver sob rígidas ordens, e com a sua liberdade limitada em um núcleo familiar. Tem-se no ambiente em que vivia a ideia de um regime totalitário no convívio de Solara, sua mãe, Claudia (Jennifer Beals), e Carnegie, pelo qual somente ele tinha o domínio do poder e da razão, não havendo normas justas destinadas às mulheres na casa. Passando por vários conflitos no decorrer do caminho, Eli e Carnegie se encontram, e depois de muitas batalhas, o livro finalmente cai em suas mãos. Mas a decepção toma conta do governante em razão de a Bíblia estar escrita em Braille, sistema de escrita utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão, e ele não exercer poder sobre ninguém que possa ajudá-lo a ler. Quando Eli chega a seu destino, ele é recebido com uma forte segurança, em um local onde existem muitas coisas raras e objetos preciosos protegidos. Esses bens são guardados com o objetivo de conservar o arcabouço histórico e cultural da humanidade para um possível recomeço pós guerra, preservando-se parte relevante do patrimônio imaterial da sociedade humana constituído até o momento da grande guerra. Eli tem em sua memória o conteúdo das páginas do livro, uma vez que além de carregá-lo, ele o lia diariamente. Ele então narra às histórias bíblicas, assim, possibilitando a impressão de cópias da obra.

O Nascimento de uma Nação ^{1 2} (*The Birth of a Nation*, 1915; 2016)

Veyzon Muniz



O que é possuir empatia? O que isso tem a ver com assistir a um filme? Existem consequências sociais decorrentes de um olhar (individual) empático? A empatia corresponde à capacidade de um indivíduo se colocar no lugar de outro. Trata-se da ação de sentir-

¹ **O Nascimento de uma Nação** (*The Birth of a Nation*). Direção: D. W. Griffith. Produção: D. W. Griffith, Harry Aitken. Estados Unidos: Epoch Producing Co., 1915. | **O Nascimento de uma Nação** (*The Birth of a Nation*). Direção: Nate Parker. Produção: Nate Parker, Kevin Turen, Jason Michael Berman, Aaron L. Gilbert, Preston Holmes. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2016.

² Figuras: Pôsteres oficiais dos filmes.

se e imaginar-se vivenciando a situação que outra pessoa experienciava, com atenção aos seus sentimentos e a suas emoções, procurando experimentar tal “transferência” e, racionalmente, aproveitar essa investigação como estratégia de um entendimento da realidade alheia. A D. W. Griffith, homem branco, diretor da obra cinematográfica centenária, não faltou empatia na realização do épico histórico que objetivava contar o “nascimento” da nação estadunidense branca. Considerado por muitos o pai do cinema hollywoodiano, Griffith conseguiu tal título com o aludido filme que inovou a linguagem cinematográfica, ousando em processos de edição, introdução de montagens paralelas complexas e valorização gráfica da expressividade dos autores, o que na era do cinema mudo foi um avanço sem precedentes. Contudo, cumpre explicitar e pontuar que a empatia de Griffith dirigiu-se apenas aos norte-americanos brancos. Adaptando o romance (e peça teatral) *The Clansman: An Historical Romance of the Ku Klux Klan* (KKK), de Thomas F. Dixon, o cineasta levou as telas um retrato abjeto dos negros, que influenciou, para além da indústria cinematográfica, a sociedade estadunidense, afirmando estereótipos raciais, deturpando eventos reais e desnudando o *racismo institucional*³. A história d’*O Nascimento de uma Nação* acompanha duas famílias, os Stoneman do Norte e os Cameron do Sul, enfrentando a Guerra de Secessão (1861-1865), que dividiu os EUA entre ideologias: de um lado, os abolicionistas ao norte, e, de outro, os escravagistas ao sul. O cenário político incidente ao estado de guerra é pano de fundo para o “romance proibido” entre o rapaz nortista e a donzela sulista. O primeiro ato do filme, centrado no conflito armado, termina com o assassinato de Abraham Lincoln – presidente que preservou a união federal frente à guerra e aboliu a escravidão no país. Esse fato torna-se na narrativa proposta indiciário de que os infortúnios estadunidenses no pós-guerra apenas haviam se iniciado. As mazelas sociais da sociedade passam a ter uma causa

³ Sistemática estrutural de desigualdade racial que se sustenta na prática social e política.

mater: a abolição da escravatura. Os negros livres, representados por brancos valendo-se de *blackface*⁴, ora figuram como negros domesticados, a quem a liberdade tornou menos eficientes (preguiçosos ou insubordinados), ora figuram como negros bestializados, a quem a liberdade deixou fora de controle, agindo deliberadamente de modo violento e antissocial. É no segundo ato do filme que ocorre a cena mais memorável da obra: a perseguição do negro Gus a uma moça branca da família Cameron. Utilizando expressivamente o “close” e o paralelismo na edição, Griffith consegue criar um clima de suspense e chegar ao ápice dramático de sua obra quando mostra a mulher branca cometendo suicídio para escapar do potencial estupro que o homem negro tentava insanamente consumir. A violência dos negros livres era crescente e precisava ser coibida. Diante de uma figura estatal apática, a sociedade civil, composta por “cidadãos de bem” (brancos) decide tomar uma ação direta. Assim, no terceiro ato do filme, observa-se a criação da KKK, instituição “pacificadora”, única via de controle sobre as ações nocivas dos negros e mecanismo de punição a sua violência. Nota-se que em um Estado que encara a liberdade como principal dos direitos fundamentais, a existência de movimentos defensores da supremacia branca nunca foi ilegal. Trata-se de um ambiente em que se prima pela livre expressão de pensamento, mesmo que em detrimento da erradicação da discriminação. Com o desenvolvimento da indústria cinematográfica, o filme de Griffith fazendo jus ao seu título inaugurou o “nascimento” de uma nova “nação”, aquela que vê o cinema como uma fonte de diversão e cultura. O cinema norte-americano passou, de fato, a ser um entretenimento lucrativo. A história de enaltecimento da KKK foi, nesse sentir, o filme mais lucrativo de sua época, podendo-se dizer que foi um dos primeiros *blockbuster*⁵ da história. Quando do seu

⁴ Técnica de pintura facial e corporal para retratar os personagens pretos, em regra, de forma exagerada e pejorativa.

⁵ Produção artística que tenha um elevado nível de popularidade e de retorno financeiro.

lançamento a *National Association for the Advancement of Colored People* (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor) propôs o boicote à produção, em razão de sua equivocada narrativa racista e da promoção de concepções discriminatórias que evidenciava. *O Nascimento de uma Nação*, entretanto, tornou-se o primeiro filme a ser veiculado em sessão na Casa Branca, residência oficial da presidência dos EUA. Cem anos após sua estreia, a obra seguiu sendo considerada um marco para a criação da indústria cinematográfica, minimizando-se o discurso de ódio que transmitia. Outrossim, em 2016, os EUA já não eram mais como antes: o presidente, inclusive, era negro, porém ativistas de direitos humanos constituíram um movimento chamado *BlackLivesMatter* (Vidas Negras Importam), que, ao contrário da KKK, não pregava a supremacia racial, mas sim objetivava pautar, na opinião pública, nas mídias virtuais, no debate eleitoral e nas vias governamentais, a necessidade de se discutir e se erradicar a violência policial e o encarceramento em massa sofrido pela população negra. Nesse ambiente, Nate Parker, homem negro, cineasta iniciante, com sensível empatia, se propôs a construir um novo épico histórico, a partir da “desconstrução” da narrativa homônima, mas com um objetivo diametralmente oposto: levar às telas o “nascimento” da nação estadunidense negra. A história d’*O Nascimento de uma Nação* acompanha Nat Turner (Parker), escravo alfabetizado que liderou uma rebelião na Virgínia em 1831. Ao longo do filme, acompanha-se o protagonista desde a infância, quando Nat é descoberto lendo. Ao invés de punição, os senhores de escravos veem na criança negra letrada uma possibilidade de dominação cultural dos outros negros. A crença no texto religioso faz com que Nat, já adulto e dotado de notável poder de oratória, passe a pregar aos seus pares. Ele vale-se de seu “dom” para exercer privilégios: não faz trabalhos forçados, estritamente braçais, e constitui uma família. Contudo, Samuel Turner (Armie Hammer), o “dono” de Nat, aproveitando-se do fascínio que o escravo exercia sobre os demais, passou a “alugá-lo” para outros

senhores de escravos como um método de contenção de eventuais revoltas dos negros. Vê-se nitidamente a utilização do discurso religioso como tática bem-sucedida de controle social. O contato do protagonista com negros sem privilégios e em condições brutais começa despertar a sua empatia e catalisa uma releitura por ele dos textos bíblicos: a mesma narrativa que antes justificava a escravidão, igualmente, poderia fundamentar uma revolução. No entanto, a motivação definitiva para ele vem com o violento estupro de sua esposa, Cherry (Aja Naomi King), por um grupo de homens brancos. O negro busca a intervenção de seu dono com vista a responsabilização dos brancos que cometeram o hediondo crime. É quando, finalmente, ele percebe, com nitidez, a sua condição: não havia crime quando a vítima não era um ser humano, e os negros naquele contexto eram meros objetos. Nat então decide se insurgir. O filme mostra, com cenas cruas e bastante gráficas, a história de violência branca que culminou em uma tentativa de insurreição, até então pouco conhecida. O “nascimento” proposto na obra denuncia a intolerância e preconceito enraizados na história norte-americana (e, em linhas gerais, na história da humanidade). A rebelião fracassou. Mais de 60 brancos foram mortos, mais de 200 negros foram assassinados, em retaliação. Os revoltosos foram capturados, e Nat foi enforcado como exemplo para evitar novas revoltas. As consequências da reação negra, ainda, revelaram uma realidade inglória: o Estado na figura de inúmeros governos estaduais, adotou normas subtraindo direitos de negros escravos e libertos. Proibiu-se qualquer espécie de educação para negros, tolheu-se a liberdade de reunião para negros libertos, vedou-se o direito ao voto e a posse de armas a população negra. Deu-se também especial atenção ao do fato de se tratar de um líder religioso negro, que com Bíblia e armas capitaneou a revolta, e por esse motivo estabeleceu-se que brancos deveriam supervisionar todos cultos religiosos de negros. Posteriormente, a comunidade negra e o movimento antiescravagista, ao seu turno, passaram a reconhecer o líder como

símbolo de resistência. É inegável que Parker (diretor, produtor, roteirista e protagonista do filme) pretendeu trazer a conhecimento do grande público contemporâneo a história de um homem que com o passar dos séculos e a estrutura política segregatória, ficou escondida. *“Hollywood como organização foi construída sobre o racismo. Foi construída sobre a ideia de que para se manter deveria existir um opressor e alguns oprimidos. Essa era a ideia de D.W. Griffith. Essa era a ideia da Ku Klux Klan. E, se não estivermos dispostos a balançar esses alicerces, vamos continuar lidando com esse problema durante anos”*, afirmou ele em entrevista ao *El País*, durante o Festival de Sundance de 2016, no qual a produção ganhou os Prêmios do Júri e da Audiência. Como bem indicou *The New York Times*: *“Filmes como O Nascimento de uma Nação ajudam a escrever o próximo capítulo na história do cinema norte-americano”*. Assevera-se, assim, que o filme pode não entrar para a história pelas inovações técnicas ou pelos rendimentos econômicos obtidos como seu homônimo, porém mostra-se, dentro e fora do âmbito cinematográfico, como uma justa reparação histórica e um verdadeiro manifesto pela antidiscriminação.

O Poderoso Chefão, Parte II ^{1 2}

(The Godfather Part II, 1974)

Ane Caroline de Oliveira Riva



O presente filme, baseado na obra literário Mario Puzo, é uma continuação da história do personagem Michael Corleone (Al Pacino), filho caçula do ilustre personagem Vito Corleone (Marlon Brando, na primeira parte da história). A narrativa também apresenta a história de Michael em paralelo aos eventos da vida de

¹ **O Poderoso Chefão, Parte II** (*The Godfather Part II*). Direção: Francis Ford Coppola. Produção Francis Ford Coppola, Gray Frederickson, Fred Ross. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1974.

² Figura: Pôster oficial do filme.

seu pai, Vito Andolini (Oreste Baldini), que aos nove anos de idade, após perder a sua família devido à vingança orquestrada pelo mafioso Don Francesco Ciccio (Giuseppe Sillato) e ser jurado de morte por ele, foge para os Estados Unidos da América. Na sua chegada aquele país, por não falar inglês acaba sendo registrado com o sobrenome Corleone, escrito em seu crachá devido a sua cidade de origem, na região da Sicília, na Itália. O menino torna-se, assim, Vito Corleone (Robert De Niro). Ele se casa com a ítalo-americana Carmela (Morgana King), formando uma família com cinco filhos. Ao iniciar amizades com pessoas ligadas ao crime, Vito começa a praticar pequenos delitos, fazendo favores em troca de lealdade. Ele então comete o primeiro homicídio, executando Don Fanucci (Gastone Moschin), chefe da máfia local que extorquia comerciantes e pessoas na região. Após alguns anos, com os filhos ainda pequenos, durante uma viagem à Sicília, ele decide iniciar um negócio de importação de azeite juntamente com Genco Abbando (Frank Sivero). Porém, tratava-se de uma “fachada” para realizar operações ilegais, e também vingar seus pais e irmão. Ele assassina Don Ciccio e seus comparsas. Passados mais alguns anos, Corleone tornou-se o chefe da “Família”, uma facção criminosa ligada ao mercado de jogos nos Estados Unidos. Nota-se o autoritarismo na relação dele com os membros da “Família”, uma vez que ele é o único líder, chamado de “O Padrinho”, exigindo fidelidade e lealdade das pessoas, sem margem para negativas, e, posteriormente, cobrando algo em troca do favor ou serviço prestado aos “afilhados”. Com efeito, tanto Michael quanto Vito Corleone demonstram absolutismo no exercício de seu poder, institucionalizado nas relações criminosas, pelo qual cada membro da Família possuía funções claramente definidas e coordenadas entre si para satisfação dos interesses do líder absoluto. Como em uma monarquia, o comando da facção foi transmitido hereditariamente de pai para filho, o qual toma suas decisões a respeito dos negócios na maioria das vezes sozinho, consultando eventualmente Tom Hagen (Robert Duvall). Neste

brilhante filme que foi indicado a onze prêmios Oscar, incluindo as categoriais de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator Coadjuvante (De Niro) e Melhor Roteiro Adaptado, observa-se que Vito age por amor a sua esposa e filhos, e trabalha para o desenvolvimento de seus negócios fundando-se no respeito que ele conquistara, afirmando seu poder de modo legítimo e coerente com seus princípios morais. O poder político do patriarca Corleone é exercido de modo weberiano, sendo o “Padrinho” respeitado por sua influencia sobre as pessoas e em virtude da sua própria respeitabilidade. A fidelidade e a lealdade conquistadas pelo pai, contudo, não foram transmitidas ao filho juntamente com o poder de fato que a “Família” detinha. Michael faz uso exclusivo da força e da intimidação para garantir a autoridade e manter todos ao seu redor sob controle, para de modo maquiavélico, honrar a memória paterna, preservar o nome da Família e garantir a segurança de sua mulher e filhos. Ele pretende legalizar os negócios da facção, expandindo-os, mas encontra inimigos neste caminho, e os elimina um a um, não conseguindo cumprir seu objetivo inicial. Concomitantemente, enfrenta um julgamento realizado pelo Senado norte-americano que busca erradicar a máfia ítalo-americana. Frente a tentativa de intervenção estatal nas suas ações, ele pauta sua defesa ameaçando testemunhas, utilizando-se da influência e a força que a “Família” angariou por décadas. Assim, por falta provas, é inocentado das acusações. Michael Corleone nitidamente importa-se mais com o passado, na preservação dos feitos da “Família”, negligenciando o futuro de sua vida pessoal, o que acaba destruindo o seu casamento, incapacitando-o de confiar nas pessoas. O filme termina com ele sozinho.

O Quinto Poder^{1 2}
(*The Fifth Estate*, 2013)

Maiara Arnold Corrêa



O filme nos apresenta o meio pelo qual notícias e informações sobre governos emergem no Século 21, mediante dados confidenciais disponibilizados pelo site Wikileaks (<https://wikileaks.org/>), possibilitando aos cidadãos o acesso a

¹ **O Quinto Poder** (*The Fifth Estate*). Direção: Bill Condon. Produção: Michael Sugar, Steve Golin, Brad Dorros. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2013.

² Figura: Pôster oficial do filme.

informações divulgadas nas redes, juntamente a milhares de documentos referentes à política externa e vários assuntos sensíveis. Julian Assange (Benedict Cumberbatch) e seu parceiro Daniel Domscheit-Berg (Daniel Brühl) criam um projeto único oportunizando aos cidadãos publicar sob anonimato informações governamentais sigilosas. Rapidamente as publicações disponibilizadas na Wikileaks causam grande impacto no mundo todo. Assange e Berg com o entendimento de que iniciaram uma “revolução”, passam a se questionar sobre o modo de como proceder. Seguidamente, os princípios estabelecidos entravam em conflito: o primeiro correspondente à integridade de quem fornecia às informações e o segundo referente a exposição dos documentos no website sem fazer alterações. Neste sentido, se os hackers publicassem os documentos na íntegra transpareceriam as suas “fontes”, de outra forma, os documentos publicados seriam alterados, fazendo-o com que estes perdessem a sua credibilidade, tal qual como ocorre com a mídia comum, ensejando possível censura. O filme, de forma intrigante, desperta uma reflexão sobre qual a melhor forma de compartilhar informações ao público, evitando consequências drásticas. A intenção de manter o site de forma neutra (garantindo o sigilo a quem lhe fornecia às informações) e a sua independência fica nítida. Pode-se dizer que o Wikileaks elaborou uma lógica alternativa com intuito de circular às informações, de forma a romper estruturas do poder já estabelecidas.³ A política bem como a sua dinâmica, tanto em um ambiente privado, quanto em um ambiente público são semelhantes. O domínio de liberdade dos cidadãos no sentido de divulgarem documentos sigilosos, estabeleceu um poder muito grande, sendo estes capazes de atuar e manipular o domínio político mediante ao seu posicionamento privado, prejudicando a autoridade formal. Assim, a Wikileaks pode ter mudado a dinâmica

³ O primeiro poder do Estado; o segundo do mercado; o terceiro da sociedade civil organizada; e o quarto da mídia tradicional.

do modo como as informações transitam pelo mundo afora, ocasionando um grande impacto através da maneira de receber e transmitir dados, deixando o denunciante em anonimato e apresentando documentos sem qualquer edição, o que é completamente impensável para a mídia comum. Este fenômeno impulsionou governos soberanos a perder grandes poderes, que portavam por meio da centralização e manipulação informacional, de uma forma que os possibilitassem criar um cenário propício para sua imagem e os reflexos dela junto ao povo. O poder informacional muitas vezes vai além de nossa compreensão: uma simples informação falsa plantada na mídia mundial, por diversas vezes pode vir a ocasionar ou justificar um grave conflito, assim como destruir completamente a reputação de um governo. Nesta linha, pode-se imaginar quantas desavenças foram embasadas por mentiras apresentadas como verdades na mídia, instigando o povo a concordar em arriscar muitas vidas e milhões de dinheiros públicos para responde-las. Vive-se em um mundo fantasioso, inteiramente manipulado por agentes que possuem o poder de influenciar as informações expostas globalmente. E alterar esta realidade é o grande objetivo dos criadores do site, no entanto, para que isso acontecesse, os criadores precisaram ocultar a participação dos voluntários que de alguma forma os ajudavam na disseminação das informações. O website se transformou em um grande inimigo de pessoas, empresas e governos que por meio de mentiras se beneficiavam diante a alguma situação. Ele retrata a situação de diversos governos, divulgando também grandes esquemas de corrupção. Com efeito, é por meio da política que se determina o destino de um Estado, assim como o do povo, portanto controlar esta política pode comprometer a vida de uma população inteira. Uma sociedade amplamente politizada deve saber como se posicionar perante a informações implantadas pela diversas formas de mídia. Deste modo, o Estado deve intervir nos casos em que a mídia extrapola, utilizando-se da sua autonomia mediante suas prerrogativas constitucionais. Contudo, cumpre

registrar que em todas as sociedades em que vige o autoritarismo, a mídia sofre com intervenção e constrangimentos desproporcionais. Todos os meios de comunicação, que atingem de modo geral toda a população, adquirem para si uma certa autonomia, e assim, gozam de liberdade constitucional, possuindo um grande poder perante a sociedade, devendo atender o seu principal objetivo de informar os cidadãos. A opinião pública é tida como uma espécie de quarto poder, possuindo autoridade sobre a maior parte das informações e como elas serão transmitidas ao povo. Porém, havendo dúvidas sobre a veracidade do que é publicado pela mídia tradicional, percebe-se necessária a criação de um quinto poder, conforme o título do filme sugere. A Wikileaks e outros websites semelhantes apresentando na íntegra documentos, não editados ou processados pelos mecanismos da grande mídia e destinados as pessoas que tiverem interesse, constituem esse novo poder. Hoje dificilmente consegue-se destruir tal poder, pois a ideia nele exposta já é entendida por diversas pessoas e se disseminou globalmente. A internet tornou o mundo totalmente globalizado, as informações são disponibilizadas em redes sociais de forma muito rápida, e a proporção da mudança que isso ocasiona no mundo é extraordinária. A autonomia e a liberdade que essas espécies de mídias dispõem tornam-se um privilégio observado em relação aos meios de comunicação tradicional, quanto à democratização de seu acesso (em regra, gratuito), porém mostram-se muito capazes de influenciar e manipular a população (tal qual faziam os Estados quando detentores exclusivos do monopólio da informação). Fato é que, dentro daquilo que é diretamente transparente ao cidadão, este acredita de forma ingênua que toma decisões totalmente livres, sem observar todos os estímulos construídos ao seu redor. Essa naturalização da mídia gera outro fenômeno constituído por ela mesma. Trata-se de uma poluição midiática, que se refere ao modo de contaminação das informações. Por meio de mentiras, distorções e manipulações, informações não fidedignas divulgadas em grande em abundância acabam poluindo o ambiente social (e

determinando decisões políticas). O que acontece, pois, por muito tempo o acesso às informações foi completamente escasso, e após a criação de meios de comunicação (jornal, rádio, televisão), a disseminação das informações não deu protagonismo ao receptor delas. A internet possibilitou a criação de dados por quem antes apenas os recebia, e ainda está descobrindo como espalhá-los de forma adequada. A mídia, antes da era informática encontrava-se facilmente controlável, e tornou-se dominada por atores públicos e privados (governos e empresas). Contudo, os cidadãos descobriram que poderiam se expressar ou publicar o que desejassem, valendo-se do anonimato, e possivelmente atingiriam todas as pessoas que fizessem uso da internet. Surge aí, um dos grandes problemas enfrentados por quem tornaria tais informações públicas, ciente de que estaria passível de sofrer retaliações e ameaças, sobretudo dos antigos donos do poder. Hoje, felizmente, há dificuldade de se esconder a verdade, pela ação da Wikileaks. Com o tempo, surgiram outros sites semelhantes a ela, mas indubitavelmente o site foi precursor na mudança quanto a forma como as informações transitam ao redor do mundo. Devido à importância do direito a liberdade de informações para a construção de instituições democráticas, é necessário que os emissores possuam responsabilidade e interesse social perante as atividades informativas, não invadindo a proteção de outros direitos primordiais. Para tanto, a imprensa e demais agentes de comunicação devem ter conscientização e responsabilidade. Em plano individual, deve-se usar do livre arbítrio ao fazer postagens, levando-se em consideração que devem ser veiculadas informações verídicas, especialmente quando de interesse coletivo, a toda a sociedade, não submetendo-se a práticas de manipulação política, e delimitando-se pela busca do bem comum. Espera-se, assim, que a população passe a se interessar mais por mecanismos fiscalizatórios virtuais, compreendidos nesse quinto poder, não apenas com finalidade de servir a interesses político-ideológicos (como normalmente têm sido utilizados), mas sim como

ferramentas de incentivo à participação nos controles das gestões públicas e de auto-regulação comportamental. Destaca-se, oportunamente, o seu impacto no tema das *fake news*, isto é, notícias falsas ou modificadas que são publicadas na internet abertamente ao público em geral, com a finalidade de distorcer a realidade para atender interesses determinados. O bom direcionamento do quinto poder com o manejo adequado do acesso às informações confiáveis afasta a propagação destas notícias ligadas ao sensacionalismo, à busca por atenção e à obtenção de lucros mediante a “likes”. De forma clara, percebe-se o efeito que tais notícias falsas ocasionam, angariando possibilidades de constituir um novíssimo poder altamente destrutivo, capaz de acarretar prejuízos morais, impactar negativamente na segurança das informações autênticas e perpetuar uma cultura nociva de ignorância ao direito a informações adequadas e verídicas.

O Senhor dos Anéis: As Duas Torres ^{1 2}
(*The Lord of the Rings: The Two Towers*, 2002)

Karina de Oliveira Reis



O filme nos conta a história de dois *hobbits* (seres fictícios criados pelo escritor J. R. R. Tolkien) que partem em uma jornada para salvar o seu povo da tirania do Senhor do Escuro, Sauron (Sala Baker). A missão dos protagonistas consiste em destruir um anel mágico, o qual pode dar a Sauron o poder ilimitado para

¹ **O Senhor dos Anéis: As Duas Torres** (*The Lord of the Rings: The Two Towers*) Direção: Peter Jackson. Produção: Barrie M. Osborne, Fran Walsh, Peter Jackson. Nova Zelândia: New Line Cinema, 2002.

² Figura: Pôster oficial do filme.

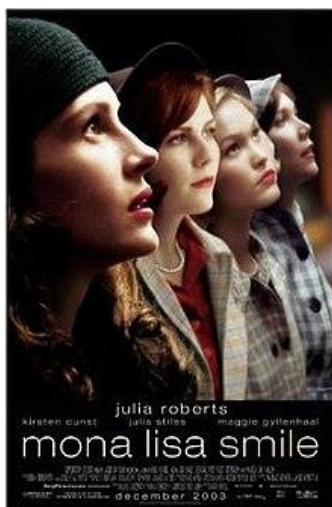
escravizar todos os povos. A obra faz parte de uma trilogia que conta essa história de forma integral. É notável a alegoria política abordada na trama dos livros de Tolkien adaptados ao cinema. De um lado, tem-se o Condado, a pacata aldeia dos *hobbits*. O local é basicamente um pequeno município no qual vige um sistema democrático de poder descentralizado, seus cidadãos possuem um forte apego à comunidade e um comportamento ambientalista, voltado principalmente para o cultivo e a preservação dos recursos naturais. Opondo-se ao Condado dos *hobbits*, há a terra de Mordor governada por Sauron. Lá regime político consiste no estabelecimento de uma experiência totalitária centralizada na figura do Senhor do Escuro que, por sua vez, é tirano e adepto de políticas escravagistas sobre outros povos e suas terras. A aparência da terra de Mordor se opõe fortemente à do Condado: seus recursos naturais foram exauridos de modo que o lugar tornou-se um deserto sem vida. Pode-se verificar uma crítica de Tolkien à degradação ambiental quando se analisam as iniciativas tomadas por Sauron e por seu servo Saruman (Christopher Lee), o Branco – um mago antes considerado sábio que se alia ao Senhor da Escuridão em seu plano de dominação global. O mago destrói florestas e represa rios a fim de obter matéria-prima para forjar armas, armaduras e máquinas de guerra. Em determinado momento, o Branco fala sobre a queda de um “Velho Mundo” e o surgimento de um “Novo Mundo”, o qual será governado pelo ferro, pela espada e pelo punho de aço de seus soldados. A falta de visão de Saruman em sua obsessão pelo poder acaba sendo sua própria ruína. Ao queimar florestas, ele provoca a ira dos *Ents*, criaturas em forma de árvores que protegem as matas. Em um acesso de fúria, os *Ents* atacam a fortaleza do mago, destruindo suas máquinas, rompendo as represas e aprisionando-o em uma torre. Com isso, é transmitida a ideia de que a busca desenfreada pelo progresso e pela industrialização não-sustentáveis resulta, metaforicamente, em na fúria vinda da natureza, visto que os recursos naturais serão esgotados e a humanidade extinta. O ponto

mais importante na trama, contudo, é o anel do poder e o domínio que este exerce sobre a mente humana. O anel mágico foi fundido pelo próprio Senhor do Escuro, e sendo assim carrega em si toda a carga de totalitarismo vigente no reino de Mordor. O objeto possui o poder perverso de corromper a consciência de seu portador. Aquele que o carrega torna-se obcecado por ele, sendo capaz até mesmo de matar outras pessoas para garantir a sua posse. É visível, diante disso, que o anel simboliza na história o poder político que os governantes exercem sobre os governados. Os humanos, na narrativa apresentada, são identificados como sendo a raça mais facilmente manipulável pelo desejo que o anel proporciona. Porém, o filme demonstra que até mesmo os indivíduos aparentemente mais sábios e justos podem se tornar vítimas dessa tentação. Exemplo disso é o que ocorre quando Frodo (Elijah Wood) oferece o anel à Galadriel (Cate Blanchett), uma sábia e justa rainha élfica. O objeto a afeta de tal forma que ela entra em uma espécie de frenesi, alegando aos gritos que o anel fará dela uma rainha – não escura, como Sauron – bela e terrível, de tal forma que todos irão concomitantemente amá-la e se desesperar em sua presença. Esse evento é igualmente crucial no que tange à exposição de experiências ditatoriais no filme, demonstrando um traço muito presente em diversos ditadores do mundo real: a busca pelo amor do povo, conquistado principalmente através de práticas populistas e de uma falsa imagem messiânica, para que depois se possa governar com mãos de ferro. Tal face sedutora dos ditadores, em verdade, é exposta ao longo da trilogia. Saruman durante o início da saga utiliza sua suposta sabedoria para transpassar uma imagem de bondade. Até mesmo suas roupas branquíssimas visam simbolizar pureza e benevolência. Em certa cena, o humano Aragorn (Viggo Mortesen) conta que, há muitos séculos, Sauron (a quem ele chama de “Trapaceiro”) ofereceu nove anéis do poder a nove reis, e um a um, estes reis caíram sob o seu controle, transformando-se em espectros a seu serviço. O que expõe as táticas políticas de ditadores, que em uma fase inicial se utilizam de

populismo, propinas e discursos sedutores, a fim de conquistar o poder que desejam. Sendo assim, conclui-se que *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres* é uma obra de forte temática política e moral, manifestada através de profundas alegorias. A obra cinematográfica aborda temas como o totalitarismo, as problemáticas da industrialização, a dinâmica do poder político e a necessidade de preservação do meio ambiente. Tolkien, através das lentes de Peter Jackson, tece fortes críticas aos déficits democráticos, defendendo a descentralização do poder, o ambientalismo, a proteção a direitos fundamentais e a limitação no exercício do poder político.

O Sorriso de Mona Lisa ^{1 2}
(*Mona Lisa Smile*, 2003)

Pâmela Schwertz



O Sorriso de Mona Lisa é um longa-metragem, dirigido por Mike Newell e roteirizado por Lawrence Konner e Mark Rosenthal, que retrata a submissão das mulheres da década de 1950, contexto histórico e político que evidencia uma sociedade machista, tradicionalista e patriarcal. O filme narra a história de uma

¹ **O Sorriso de Mona Lisa** (*Mona Lisa Smile*). Direção: Mike Newell. Produção: Fredward Johanson. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2003.

² Figura: Pôster oficial do filme.

professora de História da Arte, Katherine Watson (Julia Roberts), graduada pela Universidade de Berkeley na Califórnia, que resolve para fins de aprimoramento profissional, lecionar na faculdade para mulheres Wellesley College em Massachusetts. A Wellesley College é referida como um referencial de instituição de ensino superior, sendo considerada uma das melhores faculdades do país no campo das artes.³ A escola é retrata de forma metódica com costumes, autoritária com as alunas e tradicional nas visões de mundo, estando preocupada em preparar suas alunas para serem esposas, mães e mulheres responsáveis e excelentes donas de casa. A história se passa no período pós-Segunda Guerra, em que se percebe a tentativa de reestruturação do papel social da mulher. A posição de submissão em um período anterior à guerra, com o envolvimento dos homens no conflito bélico, dá lugar ao início do protagonismo das mulheres no mercado de trabalho, uma vez que a sociedade civil passa a aceitar a presença feminina no ambiente corporativo para suprir a falta de mão de obra masculina. A proposta de trabalho da professora Watson era criar uma estratégia de ensino-aprendizagem, pela qual as alunas obteriam consciência de que não precisam tão somente serem mães, esposas ou donas de casa, podendo também seguir uma carreira profissional ou ir em busca de seus ideais. Contudo, em um contexto de polarização político-ideológica (vivia-se o contexto de bipolaridade), a instituição e algumas alunas discordavam desse método de ensino, afirmando que a docente era subversiva e que incentivava as alunas a rejeitar os papéis que nasceram para desempenhar, desrespeitando o sacramento do matrimônio e a tradicional visão familiar. É nesse momento que existe um confronto entre o que as alunas veem como mulher ideal e o papel

³ A instituição estadunidense formou mulheres notáveis como Hillary Clinton (ex-Secretária de Estado, Senadora, Primeira Dama, e candidata democrata à presidência dos Estados Unidos em 2016), Madeleine Albright (primeira mulher a ocupar o cargo de Secretária de Estado nos Estados Unidos), Jane Bolin (primeira mulher negra a ascender ao cargo de juíza naquele país) e Ruth Rowland Nichols (pioneira da aviação estadunidense).

social que realmente logram: na sociedade que as desvaloriza e as incentiva a perpetuar o costume de submissão. A professora igualmente se vê em uma situação conflitante, optando entre abrir mão de sua prática docente ou seguir as normas impostas pela instituição, ela escolhe valorizar seus ideais, deixando o trabalho. No decorrer da narrativa, chama atenção a história da aluna Joan Brandwyn (Julia Styles) que demonstra interesse em se inscrever em uma Escola de Direito de Yale. Ela preenche o formulário de inscrição da Universidade, e posteriormente consegue a vaga. Porém, desiste, escolhendo viver dentro do modelo tradicional vigente, ou seja, dedicar-se exclusivamente à família. Isso causa um grande impacto na professora, que mesmo com ideais contrários à opção da aluna, respeita o seu posicionamento por saber que ela detinha instrução suficiente, e escolheu racionalmente o seu estilo de vida. Com o passar do tempo, a totalidade das alunas passam a entender o que Watson gostaria que elas realmente aprendessem, isto é, a necessidade de comparar os seus conhecimentos com os fatos decorrentes de seus cotidianos. A semelhança do retratado na obra, ainda nos dias de hoje, há muita dificuldade na afirmação do empoderamento feminino e, principalmente, no aumento da presença das mulheres nos espaços de poder. Vive-se em uma sociedade em que o sistema social e político do patriarcado ainda é dominante. Nas cenas dos anos de 1950, e infelizmente na realidade dos anos 2000, revelam-se valores rudimentares na sociedade, e autoritarismo no exercício do poder estatal que dificultam a efetividade da dignidade das mulheres e com isso as ideias de democracia e de direitos fundamentais seguem a sofrer graves violações.

25

Okja^{1 2}
(2017)

Lucas Guilherme Soares



Uma poderosa empresária de Nova Iorque chamada Lucy Mirando (Tilda Swinton) apresenta ao mundo uma nova espécie de animal “descoberta” no Chile batizada de superporco. A criatura gigante viria para servir ao sistema alimentício do mundo por produzir mais carne e gerar menos excrementos, o que seria uma

¹ *Okja*. Direção: Bong Joon-ho. Produção: Dede Gardner, Jeremy Kleiner, Lewis Taewan Kim, Dooho Choi, Seo Woo-sik, Bong Joon-ho, Ted Sarandos. Coreia do Sul, Estados Unidos: Netflix, 2017.

² Figura: Pôster oficial do filme.

interessante ideia ao mercado, levando em consideração a relação custo-benefício. Porém, na verdade, o superporco é apenas uma criatura criada em laboratório de acordo com os padrões que agradam ao próprio mercado alimentício, de modo antiético e anticonstitucional. Lucy Mirando apresenta características autoritárias, por sua conduta pessoal, e monarquistas, pois é vista como rainha perante muitos, e também herdou a liderança da empresa de seu pai, em um regime hereditário. Em fase de “testes”, mas principalmente para fins de marketing, são mandados vinte e seis superporcos um para cada parte do mundo, a fazendeiros distintos para que criassem os animais de acordo com a sua cultura local. Passados dez anos, foi realizado um concurso escolhendo a melhor e mais bem desenvolvida criatura. Na Coreia do Sul, a menina Mija (Ahn Seo-hyun), sob os cuidados de seu avô Heebong (Byun Hee-bong) que é fazendeiro, convive com um desses superporcos em sua fazenda. Batizada por Mija e seu avô de Okja, este superporco fêmea, torna-se um animal incrivelmente dócil e a melhor amiga da infante. Chega o dia em que Okja é avaliada no certame, e então escolhida como o melhor superporco do mundo. Logo, é levada à central da empresa de Lucy Mirando em Nova Iorque, iniciando assim o desespero de Mija para conseguir ficar com sua amiga. Enquanto, Okja era levada pelos “súditos” de Lucy, Mija corre atrás de Okja para tentar resgatá-la, nessa oportunidade se depara com o grupo “Frente de Libertação Animal”, que no mesmo intuito de Mija, também pretendia libertar Okja – em ação direta de protesto. Os partidários da libertação animal junto com Mija decretam uma “guerra” contra a empresa de Lucy. Ao conseguir resgatar Okja, o grupo pergunta à Mija se ela aceita que mostrem a realidade do que é um superporco, para o mundo através de um plano já estipulado ou se ela quer levar Okja de volta para casa. Mija responde que quer ficar com Okja em sua casa, porém um dos integrantes do grupo traduz, por vontade própria, as palavras dele a de maneira errada ao restante dos libertários, agindo de forma antiética, afirmando que Mija aceitava mostrar

Okja ao mundo. Assim, o grupo instala um aparelho discreto no animal que grava tudo o que ela passaria, incluindo todas as atrocidades cometidas em laboratório pela empresa. Eles entregam Okja novamente às mãos de Mirando. Ela é jogada em uma masmorra (laboratório) e forçada a procriar. Lucy Mirando, ao ver que seu plano de marketing estava indo por água a baixo, nota que a guerra não havia terminado quando recuperou Okja, pois a má repercussão de sua primeira batalha estava estragando seus planos. Como a mídia havia mostrado Mija e sua melhor amiga sendo separadas, um dos principais “mão direita da rainha”, Frank Dawson (Giancarlo Esposito), cria um novo plano de marketing: o reencontro da menina com a superporca. No dia do tão esperado encontro, reúne-se milhares de pessoas em Nova Iorque para vê-la, é quando a “Frente de Libertação Animal” aparece repentinamente formulando um ataque surpresa, mostrando para todo aquele público presente as realidades sobre aqueles animais, mediante tudo que foi gravado através de Okja. A guerra continua até que Okja vai parar em um abatedouro da empresa de Lucy Mirando, onde são descobertos muitos outros super-porcos prontos para o abate. Mija e o grupo político vão até o local, e quando Okja está prestes a ser abatida, a garota apresenta um “porquinho de ouro” que ganhou de seu avô e pede para comprar a porca, fascinados pelo ouro e por seu valor financeiro, eles aceitam trocar o animal pelo objeto. Assim, Okja é liberada a voltar junto de Mija para a Coreia do Sul. Ainda no caminho de volta, dentro do abatedouro, os outros super-porcos, ao verem Okja sendo libertada, dão um “grito de guerra” como ato de repúdio aos sacrifícios que lhes infligem. Pontua-se, portanto, que pelo simples fato de Okja demonstrar sentimentos, vê-se nela uma representação de todos os animais que merecem respeito e que não devem ser tratados como objetos, uma vez que são dignos por direito.

Olhos da Justiça^{1 2}
(Secret In Their Eyes, 2015)

Silvio Luis Cecilio da Silva



Adaptação norte-americana do filme argentino *El Secreto de sus Ojos* (2009), de Juan José Campanella, inspirado no romance *La Pregunta de Sus Ojos* (2005), do escritor Eduardo Sacheri. Trata-se de um filme incrível que nos oportuniza pensar sobre a verdade e a justiça. Com artistas de alto nível, mostra o impacto na vida de

¹ **Olhos da Justiça** (*Secret In Their Eyes*). Direção: Billy Ray. Produção: Mark Johnson, Juan José Campanella. Estados Unidos: Diamond Films, 2015.

² Figura: Pôster oficial do filme.

várias pessoas causado por um cruel assassinato de uma adolescente. O filme contém cenas de violência e mostra a dificuldade enfrentada em um ambiente em que a obsessão pelo poder dificulta os meios de se fazer justiça. Em 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos da América sofreram os maiores atentados terroristas de sua história: uma série de ataques suicidas coordenados por uma organização fundamentalista islâmica, a Al-Qaeda. Quatro meses após os ataques que deixaram inúmeros mortos e feridos, os arranha-céus e hospitais de Nova Iorque continuavam despreparados para responder a um novo ataque terrorista, oficiais da inteligência trabalhavam e se preocupavam muito com conversas interceptadas de alguns grupos extremistas e membros da administração pública afirmavam que poderiam existir células terroristas espalhados pelo país planejando um novo ataque. A Segurança Nacional, então, elevou o nível de ameaça para “vermelho”. Nesse contexto, Ray Kasten (Chiwetel Ejiofor) é um investigador do FBI na unidade de campo de Manhattan, que é transferido para Los Angeles para vigiar uma mesquita suspeita de reunir grupos terroristas. Ray tem como parceira Jessica Cobb (Julia Roberts), e ainda coopera com os trabalhos da promotora de justiça Claire Sloane (Nicole Kidman) que veio da unidade de narcóticos da Filadélfia para supervisionar a área de homicídios. Kasten tem uma “queda” explícita por Claire, porém Jessica, por vezes mostra, o lembra que ele não teria chance, pois segundo ela, Ray era um agente policial proletário (que veio do lado errado do Brooklin), e Claire era membro do Ministério Público (vinda de uma alta casta), formada pela Escola de Direito da Universidade de Harvard. Jéssica alerta-o sobre a divisão de classes que se faz presente em todos os cantos, trazendo nitidamente uma narrativa implícita sobre o preconceito, eis que Ray era negro e Claire branca. No transcorrer das investigações sobre os atentados terroristas, a polícia de Los Angeles informa a Promotoria de Justiça que havia sido localizado um corpo em uma lixeira, em um prédio ao lado da mesquita Al Ankara que vinha sendo monitorada. Ray e Jessica são enviados para

apurar tal acontecimento. A equipe ao chegar ao local, onde já se encontravam diversas autoridades policiais, se dirige a lixeira em que corpo se encontrava e acaba descobrindo que se tratava de Caroline Cobb (Zoe Graham), filha de Jessica. Com o corpo não foram encontrados nenhum pertence, estando ele encharcado de alvejante, pois o criminoso tentara ao máximo evitar deixar qualquer indício de DNA. O filme confunde um pouco o público, pois avança e retroage diversas vezes no tempo para narrar os fatos. Em primeiro momento, a maior suspeita recai sobre um “dito” terrorista cujo nome é Al Fawid que estava sendo investigado por suspeita de terrorismo. Após varias tentativas de sua localização sem sucesso, o caso é arquivado. Jessica vai para uma cidade mais calma e se mantém por lá. Enquanto isso, seu ora ex-parceiro Ray se investe por 13 anos na busca pela descoberta do assassino. Ele descobre uma pista relevante, e chega ao suspeito Clay Becwwith/Marzim (Joe Cole) que se encontra em liberdade condicional por um assalto a mão armada. O trabalho intenso e incansável de Ray sempre com o pensamento e a dedicação ao seu trabalho, mostra a importância da qualidade e eficiência que são esperadas de quem adquire um cargo público em qualquer parte do mundo. Essa dedicação de Kasten é o peculiar ao seu intérprete, Chiwetel Ejioford, que fez um papel brilhante no filme *12 Anos de Escravidão* (*12 Years a Slave*, 2013), no qual lutava veementemente em busca da justiça e da liberdade. Ray acaba descobrindo que o suspeito do homicídio era um informante de seu colega de trabalho, Reg Siefert (Michael Kelly), e que este sabia do caso, mas acobertava o suspeito por questões pessoais. Percebe-se que a prática política e a manutenção do poder por parte de autoridades que queriam estar a frente de um bom gabinete, com altos salários e diversas mordomias prestadas pelo Estado, faziam perpetuar um ambiente de desprezo pela vida da vítima e de seus familiares, algo que infelizmente acontece muito ainda nos dias de hoje e em diversos lugares do mundo. Ray pede para Clair reabrir o caso, mas enfrenta tantos problemas funcionais no desenvolvimento da investigação que acaba quase perdendo o

seu cargo. Usando das estratégias adquiridas em sua longa carreira e em seus estudos especializados, a promotora consegue a confissão de Marzim, porém não consegue mantê-lo preso, o que deixa perplexos todos envolvidos diretamente ao caso. Ray pensa em matá-lo, fazer justiça com as próprias mãos, já que o sistema está corrompido e inacessível para que se faça a justiça por meios legais. Nos Estados Unidos, em algumas unidades federativas existe pena de morte, ignorando tratados internacionais de direitos humanos e, de certa forma, desrespeitando e violando os direitos da pessoa humana que deveriam prevalecer no mundo todo. O filme nos mostra e nos faz pensar sobre a busca pela justiça, a partir do uso da dicotomia justiça e injustiça. Jessica descobre quem realmente matou sua filha, e sem que ninguém saiba o sequestra e o mantém em cárcere privado. Mas quem mais acaba sofrendo é ela própria, pois vive o pesadelo todos os dias de conviver com o criminoso. Essa “justiça” de Jessica, na realidade, a fez infringir a lei e se tornar uma criminosa. Ray e Claire descobrem a verdade, mas acabam fazendo “vistas grossas”, fechando os olhos para a justiça. Não aguentando mais aquele sofrimento, Jessica decide dar um fim àquela situação, matando o assassino de sua filha. A promotora de justiça, após saber do caso e percebendo quantas falhas do sistema de justiça estavam envolvidas, empreende uma luta contra as grandes autoridades que contribuíram para que as leis fossem desrespeitadas, pondo fim a um período de grandes injustiças estruturais em prol de um alegado antiterrorismo. Nesse sentido, deve-se olhar e pensar: o que realmente é justiça? Como se pode fazer justiça sem que se perpassse os ditames das leis? O que se deve esperar das pessoas e das instituições em relação às formas de fazer justiça? Será que, por vezes, a justiça pode ser de algum modo usar de um meio injusto? Como se pode olhar com os “olhos da justiça”? Pensemos!

Os Croods^{1 2}
(*The Croods*, 2013)

Gilza da Silva Machado



A animação retrata a vida dos homens das cavernas, na pré-história. Há somente uma família naquele local. Eles são os Croods: Grug (pai), Ugga (mãe), Eep (filha), Thunk (filho), Gran (avó) e Sandy (bebê). Passam a maior parte do dia e da noite em uma caverna, saindo apenas para caçar e encontrar comida. Uma das

¹ **Os Croods** (*The Croods*). Direção: Chris Sanders, Kirk DeMicco. Produção: Jane Hartwell, Kristine Belson. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2013.

² Figura: Pôster oficial do filme.

muitas regras impostas pelo pai, é que nenhum deles pode deixar a caverna a noite e muito mesmo se afastar do grupo. O medo para o chefe da família era o que os mantinham vivos. Por puro instinto, eles fazem uma formação estratégica para caçar, em que todos participam (inclusive o bebê e a avó). Nem sempre eles obtêm sucesso, mas se acostumam a sobreviver com quase nada. Afinal, é a realidade que eles conhecem. A filha, por sua vez, é uma adolescente questionadora e curiosa. Em certa noite, ela descumpra a regra de não saírem da caverna, vê uma luz, e mesmo sem saber do que se trata, vai atrás dela. Ao tentar caçar a luz, avista fuligens e uma tocha com fogo, assim, tenta tocá-la a fim de descobrir do que se tratava. Aparece então, uma criatura estranha com cabeça de javali. Ela se assusta e começa a bater neste ser estranho. Com isso o fogo se apaga, ela assim percebe que se tratava de um garoto fantasiado que tentava reacender o fogo. Eep acredita que o fogo tem vida e que faz o que o rapaz manda. O garoto se apresenta como Guy, conta que o mundo está acabando, faz uma breve dramatização e propõem que Eep vá com ele para um local que considera seguro. Ela fala que não pode. Ele dá a ela uma concha que quando assoprada emite um som, este seria o sinal para chamá-lo, caso sobrevivesse e precisasse da sua ajuda. O garoto vai embora. Grug que sentiu a falta da filha dentro da caverna, a repreende por ter saído. Ela conta para a família que descobriu uma coisa nova e o pai considera aquilo um perigo. Iniciam-se fortes tremores de terra e pedras começam a desabar das montanhas. Eles correm para se salvar, indo até um novo local, verde e florido. Eep sugere que eles explorem o local, porém aparece uma criatura que persegue a família e faz com eles caíam em um local desconhecido. O pai ordena que procurem uma nova caverna para se protegerem. Conforme vão andando, outras criaturas estranhas vão surgindo, ameaçando a segurança deles. Eep sopra a concha. Guy com muita esperteza e usando uma tocha de fogo salva a família do perigo. Tudo vira uma confusão engraçada, uma vez que nenhum deles havia visto fogo antes. Ele

explica que “o fim” ainda não aconteceu e que precisa ir até uma montanha alta. A família conclui que devem ir com Guy. O rapaz mostra-se muito esperto, fazendo sapatos, guarda-chuvas e armadilhas para caça. Suas histórias hilárias divertem a família. Grug sente que está perdendo a liderança do grupo, que antes seguia somente as suas regras. O rapaz explica que para ter ideias, usa o que chama de “cérebro”, o pai afirma que os Croods viveram muito bem “sem cérebro”, e que irão continuar a procura por uma nova caverna. Guy sugere que eles se separem para poderem explorar mais locais, o pai titubeia. Neste momento caem em uma espécie de labirinto que se abre no solo, com isso Grug fica separado do restante do grupo. Já é noite quando todos conseguem sair do labirinto, exceto o pai. Este consegue escapar mais tarde. Na oportunidade, todos estão descontraídos contando histórias sob a proteção de Guy. Grug passa a noite tentando usar o cérebro e ter ideias boas para impressionar o grupo. Na manhã seguinte, ele começa a mostrar suas ideias esdrúxulas e sem nenhum sentido, tentando assim ter de volta a admiração dos membros da família. Há novamente um evento de perigo, Grug sugere que a família entre em uma caverna para se esconder, porém eles se negam. Eep argumenta que agora eles estavam vivendo e não apenas sobrevivendo. Ela diz que eles não estariam mais vivos se tivessem escondidos. Grug acredita que Guy é a causa da desobediência e começa a lutar com ele, até que os dois caem em poço. O rapaz fica desanimado e explica que a família dele morreu em uma situação similar. Após algum esforço, eles conseguem se libertar, e a partir deste episódio, Grug começa a gostar de Guy e decide ir com o rapaz em busca do “novo amanhã”. Novas erupções acontecem formando um abismo com muita poeira, a mãe sugere que eles se escondam em uma caverna próxima. Grug, contudo, vê no meio daquela névoa que ainda há esperança de irem atrás do sol. Assim, todos salvam-se indo para o outro lado do abismo através da força de Grug que os arremessa. O pai é o único que fica do lado perigoso que começa a desabar. Ele corre em direção a uma

caverna. Lá ele consegue fazer fogo, mas se dá por conta que está sozinho. Grug tenta pensar em uma solução para reencontrar a família. Do outro lado, Eep não desiste de chamar pelo pai, mas os outros já estão apreensivos: eles têm que sair daquele local, pois não é mais seguro. Neste instante, Grug surge no meio da poeira e todos ficam juntos novamente. Os Croods avistam uma linda praia e resolvem ir até lá. Agora eles não são mais homens das cavernas, graças a Grug que mostrou-se aberto a mudanças, e colocou em prática ideias inovadoras para o bem comum de todos. Apesar de inicialmente observar-se um regime familiar com traços autoritários, pode-se concluir que este pai que detinha o poder de modo antidemocrático frente os membros da família, mudou. Por medo e falta de conhecimento, eles seguiam sem críticas o que o líder impunha como o correto e seguro a ser feito. A questão é que nem sempre a liderança política está certa, e muitas vezes, somente com a necessidade se vê obrigada a rever suas concepções e práticas. Ao contrário do que se pode ver na vidareal e nos dias atuais, muitos detentores do poder, mesmo com claras demonstrações de erro em sua conduta, permanecem com as mesmas regras, muito embora isso venha a ferir o que deveria ser a maior finalidade do poder público, ou seja, o bem comum.

Os Oito Odiados^{1 2}
(*The Hateful Eight*, 2015)

Luana Ferreira



O filme começa com uma diligência em deslocamento para a cidade de Red Rock no Wyoming, nos Estados Unidos. O temido John Ruth (Kurt Russel), também conhecido como “o Carrasco”, tinha como objetivo levar Daisy Domergue (Jennifer Jason leigh), uma assassina fugitiva para ser enfocada e pegar uma recompensa

¹ **Os Oito Odiados** (*The Hateful Eight*). Direção: Quentin Tarantino. Produção: Richard N. Gladstein, Shannon McIntosh, Stacey Sher. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2015.

² Figura: Pôster oficial do filme.

de dez mil dólares por sua captura. Durante o trajeto em meio a uma forte nevasca, o cocheiro para a diligência, pois surge em meio à nevasca um forasteiro fora da lei, o major Marquise Warren (Samuel Jackson), caçador de recompensas e ex-oficial da cavalaria, que lutou anos antes na Guerra Civil Norte-Americana. Em meio à nevasca, ele juntamente com três corpos (cada um com determinado valor de recompensa) esperava uma diligência, pois os seus cavalos não resistiram ao frio deixando-o sem condições para seguir viagem. Após uma série de exigências, Ruth concede um lugar em seu transporte a Warren. No desfecho do filme, percebe-se que o pós-guerra possuía grande influência e também determinava a maneira como os personagens se relacionavam, o que começa a ser notado a partir do momento em que outro forasteiro aparece no meio da nevasca. Chris Mannix (Walton Goggins) vindo da região sul do país, ex-militar confederado que também tinha como objetivo chegar a cidade, uma vez que, segundo alegava, seria nomeado como novo xerife da cidade. A partir do momento em que os quatro seguem viagem, a rivalidade entre o Norte e Sul americano passa a ser visível. Durante um diálogo entre o major e Mannix, surge o assunto sobre a guerra. Eles contam que os confederados viam no major uma ameaça, tendo sido sua cabeça colocada a prêmio durante o conflito. Chris conta que Warren colocou fogo em um regimento, num campo de prisioneiros, matando vários confederados para conseguir fugir daquele lugar. A nevasca estava cada vez mais forte e diante desse imprevisto, a diligência se vê obrigada a parar em um armazém, o famoso Armazém da Minnie. Quando os quatro chegam ao local, encontram outra diligência e quatro homens desconhecidos. Um desses homens era Bob (Demián Bichir), um mexicano que se apresentou como o responsável pelo estabelecimento, já que naquele momento a proprietária se encontrava em viagem com seu marido, e o deixou cuidando do negócio. Além dele, havia no local o responsável pelo enforcamento de Daisy, Oswaldo Mobray (Tim Roth), e em sua companhia dois homens: um com perfil de

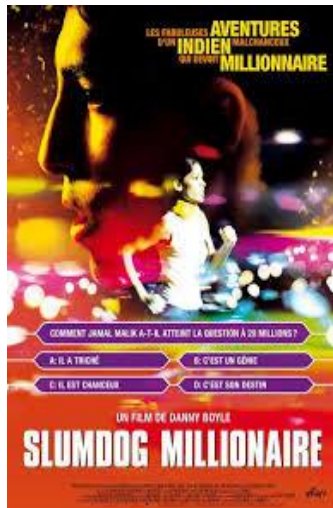
vaqueiro e poucas palavras, Joe Gage (Michael Madsen), e um senhor de idade, Sandy Smithers (Bruce Dern). Quando os quatro homens desconhecidos encontram os forasteiros, a história ganha um ar de ação, mistério e intrigas, pois os conflitos causados pela guerra são expostos, e o fato de todos estarem interligados acaba ocasionando revelações conflituosas sobre o passado dos foras da lei. Smithers, ex-general confederado idoso, se vê diante de Marquis, outrora caçado pelos confederados durante a guerra, que sem saber era o assassino de seu filho. O major faz questão de contar com detalhes como torturou o rebento de Sandy. Ela argumenta que ao ver o general sofrendo pela perda de seu filho amenizava um pouco todo o mal que fizera com os negros durante a guerra. Essa rivalidade entre o Norte e o Sul, e o latente preconceito são marcas da guerra civil, ocorrida entre 1861 e 1865, a partir do clima de tensão gerado no país pela eleição presidencial de Abraham Lincoln, e por seu projeto político abolicionista. A importância de Lincoln é destacada durante o filme, John Ruth tinha uma singela admiração por Warren, pois ele carregava sempre uma carta, e dizia que tal presidente a havia lhe remetido, o que era mentira. O major via como defesa a carta do presidente, pois as pessoas o respeitavam mais por esse motivo. O povo norte-americano via em Lincoln um símbolo de respeito e crescimento, e por isso Marquis sentia orgulho em afirmar ter mantido uma “amizade” com o presidente. A rixa entre nortistas e sulistas tinha origem no processo de desenvolvimento de cada uma das regiões. O Sul prosperava sustentado no trabalho escravo e na exportação de matérias-primas oriundas dele, ao passo que o Norte privilegiou o trabalho assalariado e a articulação do livre comércio. Diante desse contexto, após a abolição e o fim da guerra, restou o preconceito. A superioridade que o homem branco dizia ter sobre os negros, explica a relação entre os personagens, e mostra a evolução de uma cultura e o quanto evoluíram as relações sociais. Após o conflito e a revelação, o major acaba matando o ex-general. Outra parte da história desenrola-se após o cocheiro e Ruth serem

envenenados, quando se revela que os três homens desconhecidos estavam ali para salvar Domergue – todos eram do mesmo bando e haviam se disfarçado o tempo todo: Bob era Marco, o Mexicano, Mobray era Pete Hicox, e Gage era Grouch Douglass. Antes de a diligência chegar, o bando de Daisy foi até o armazém e matou todos. No desfecho do filme, Warren manda que todos ficassem de costas para parede, assim como obra do destino, dessa vez Mannix estava do mesmo lado de um negro. Com a situação sob seu controle, o major começa a descobrir toda verdade, os assassinatos cometidos e o motivo de tudo ter acabado da maneira que acabou. Ao final, Marquis e Chris sobrevivem e, para honrar a memória, de Jhon Ruth os dois enforcam Daisy, aguardando e lamentando a morte inevitável.

Quem Quer Ser Um Milionário?^{1 2}

(*Slumdog Millionaire*, 2008)

Geison Dias



Violência, miséria, manipulação, problemas esses frequentes na realidade do povo de diferentes países... Palavras que descrevem muito a situação atual de nosso país. Todavia, a realidade a qual o filme refere, apesar de muito parecida a com a nossa, encontra-se bem distante do nosso território. É com grande efetividade que o

¹ **Quem Quer Ser Um Milionário?** (*Slumdog Millionaire*). Direção: Danny Boyle. Produção: Christian Colson, Simon Beaufoy. Reino Unido: Warner Bros, 2008.

² Figura: Pôster oficial do filme.

cineasta Danny Boyle faz com que o sentimento de impotência frente às desigualdades sociais, e manipulação por parte da mídia fique visível em todas as situações vividas por Jamal Malik (Dev Patel/Tanay Chheda/Ayush Khedekar) desde sua movimentada infância e adolescência nas favelas de Juhu em Bombaim, até o dia em que chega em um lugar por muitos cobiçados. Jamal tem a oportunidade de mudar totalmente o curso de sua vida ao participar do programa de perguntas e respostas mais famoso da Índia, “Quem quer ser um milionário?”, que jamais teve em sua história alguém que tivesse conseguido responder todas as perguntas corretamente e sair de lá com o prêmio máximo. O protagonista, por sua vez, seria o primeiro a realizar esse feito. O garoto viveu uma infância difícil: viu sua própria mãe ser morta em consequência da enorme onda de violência que assombrava o povo indiano, por graves e dramáticos conflitos religiosos, teve suas garantias fundamentais suprimidas, aprendeu a sobreviver à extrema pobreza juntamente com seu irmão mais velho. Com uma diferença de apenas dois anos, Salim (Madhur Mittal/Ashtosh Gajiwala/Azharuddin Ismail) era corajoso, astuto e ganancioso. Assim, um cuidava do outro para superarem as condições tão precárias que aquele cenário lhes oferecia. O trabalho escravo e a exploração infantil eram visíveis, Jamal e seu irmão mesmo esgotados, trabalhavam muito e recebiam muito pouco, o que remete à realidade contemporânea de muitas famílias que na maioria das vezes não tem escolha em relação aos postos de emprego, por falta de qualificação profissional que inviabiliza o ingresso adequado e crescimento no mercado de trabalho. Já na juventude, quando Jamal tem a real oportunidade de mudar a sua história, ele se vê pressionado por um sistema de manipulação (da mídia com apoio estatal) que contraria seus interesses e viola seus direitos. De fato, ele não poderia sair do referido programa com aquele prêmio, o que não era explícito por parte do apresentador do programa, Prem Kumar (Anil Kapoor), mas era a regra “não escrita” daquela mídia ardilosa. O jovem, frente a isso, segue o

princípio de chegar ao topo para mostrar que pessoas de classes sociais inferiores também podem alcançar o tão desejado sonho de disputar o prêmio milionário no programa. Como, um garoto que nasceu e cresceu nas ruas, sem pai e sem mãe, sobrevivendo diariamente a todo tipo de atrocidades e perigos, que nunca estudou ou teve qualidade de vida ou estrutura familiar e financeira, poderia vencer aquele show? Foram essas indagações que levaram um inspetor de polícia (Irrfan Khan) interrogar Jamal, o questionando sobre qual mecanismo ele usou para chegar até a pergunta final. Vê-se Jamal respondendo as perguntas na gravação do programa, uma a uma, enquanto conta à autoridade policial toda a história de sua vida, mostrando que cada evento revelava uma resposta para cada pergunta. Jamal podia não ter uma inteligência notável, mas era observador e prestava atenção em tudo que acontecia ao seu redor. Como ele viveu uma vida de momentos marcantes e intensos, pode associar cada experiência que teve com alguma reflexão que permitiu responder as perguntas. Dentre todas as suas experiências, Malik tinha uma motivação maior para que quisesse cada vez mais vencer aquele desafio: o nome dela era Latika (Freida Pinto/Tanvi Lonkar/Rubina Ali), uma bela garota que ele conheceu na infância, mas que o destino e seu irmão fizeram se desencontrar. Na adolescência, Salim exercia poder sobre Jamal, ele o influenciava, e muitas vezes o comandava de maneira contínua e autoritária, suprimindo sua liberdade, por ser irmão mais novo e de certo modo dependente dele. O protagonista obedecia as ordens impostas por Salim, até decidir seguir um caminho diferente ao ver ele em meio a corrupção e outras atividades ilícitas. Jamal, então, procura um emprego para levar uma vida digna. Essas diferentes escolhas são feitas diariamente pela maioria dos jovens brasileiros nas comunidades de classe social precária, a quem cabe decidir o caminho a seguir. Optando pelo lado da criminalidade, infelizmente muitos terminam como Salim, envolvidos com pessoas perigosas, colocando o dinheiro a frente de valores éticos.

Jamal, por sua vez, preferiu seguir uma vida digna apesar de todas as dificuldades que encontrou pelo caminho, buscando meios de desenvolvimento pessoal e profissional. Então, finalmente se encontrava diante do apresentador que fez de tudo pra que ele não ganhasse (inclusive, manipular o programa e indicá-lo à violência policial) e lhe fazia a pergunta final. Assim, ao respondê-la corretamente sairia de lá com o prêmio milionário – o que o chamou a atenção de toda a Índia, que o assistia. Pouco antes, o apresentador passa para o garoto uma resposta errada, mas Jamal não segue o conselho e sai dos estúdios milionário e eufórico para encontrar Latika. Com efeito, entende-se que vivemos em um ambiente hostil, como o retratado no filme, onde quem não tem atributos sociais para seguir determinado caminho é visto como alguém que está trapaceando ou burlando as normas de alguma maneira para que o resultado aconteça. As pessoas com mais recursos financeiros ou culturais, entretanto, muitas vezes são aquelas que se envolvem em escândalos de corrupção e praticam crimes de grande repercussão coletiva (sejam delitos políticos, sejam ilícitos comum), acabando por ferir a dignidade humana e limitar garantias fundamentais de outros cidadãos. Tal realidade é algo que vem se tornando cada vez mais comum, e que deve ser combatida por cada um dos membros da sociedade sob pena de jamais ser modificada.

Saneamento Básico, o Filme ^{1 2} (2007)

Izabel Trentin



Na pequena comunidade de Cristal havia um arroio que passava atrás da igreja, e nele eram jogados todos os resíduos produzidos no local, sem nenhum saneamento básico, trazendo mau cheiro e também risco à saúde da população que ali vivia. Alguns cidadãos se reuniram formando um grupo para discutir a

¹ **Saneamento Básico, o Filme.** Direção: Jorge Furtado. Produção: Zu Escobar. Brasil: Globo Filmes, 2007.

² Figura: Pôster oficial do filme.

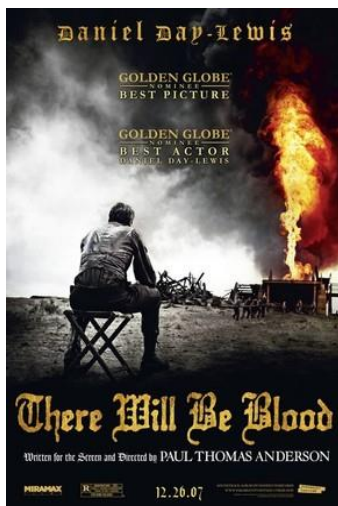
melhor forma de resolver o problema que já vinha se alastrando há vários anos, destacando-se que já haviam várias comunicações à subprefeitura local, sem nenhuma solução. Como resultado da reunião, resolveram destacar duas pessoas do grupo, o casal Marina (Fernanda Torres) e Joaquim (Wagner Moura), para levar em mãos um projeto à autoridade municipal. O orçamento necessário para a obra de saneamento de oitenta mil reais fora feito por uma construtora local. Conversando com a secretária competente, eles são informados de que não existiam verbas suficientes para aquele ano. A única verba disponível tinha sido solicitada pelo filho do prefeito e aprovada no montante de dez mil reais para realização de um filme. O solicitante, contudo, havia desistido da subvenção, porém o valor só poderia ser usado em prol de sua destinação específica (produção de vídeo ou filme de ficção) ou então revoltaria para os cofres da União. Assim, os dois representantes do grupo voltaram para casa pensando o que poderiam fazer para garantir que os dez mil reais não voltassem para Brasília, e conseguissem resolver o problema da comunidade. Joaquim então tem a ideia de fazer um filme sobre o “monstro do fosso”. A ideia era filmar um monstro saindo do arroio, atacando uma mocinha que vinha passando toda feliz, pois estava indo a sua formatura, quando é surpreendida. Silene (Camila Pitanga), irmã da Marina, era a mocinha do filme e o seu namorado, Fabrício (Bruno Garcia), ajudava na filmagem, uma vez que tinha uma filmadora. Joaquim se dividia entre a filmagem e o papel do monstro. Além de ser uma obra de ficção, era exigido que o filme contivesse no mínimo dez minutos, o que não estava conseguindo ser atingido. Os responsáveis pelo filme então decidem ir à cidade de Bento Gonçalves para obter ajuda profissional. Enquanto isso, o construtor que havia ganhado a licitação para execução da obra, sem qualquer concorrência, compra um carro e mostra para um amigo. A secretária da subprefeitura vai fiscalizar o andamento do empreendimento, sendo informada pelo construtor que precisaria de um aditivo para comprar mais cimento e tijolos, não previstos

no orçamento inicial. O restante do elenco, por sua vez, visita o comércio pedindo ajuda para a realização do filme: o vestido da mocinha, a maquiagem dos atores e algum dinheiro a título de patrocínio. O subprefeito, finalmente, vai até a obra acompanhado de um repórter, cinegrafistas e alguns colaboradores. Eles fotografam o local, entrevistam um morador e também o construtor da obra, que discutiam naquele momento sobre a necessidade de se fazer uma pinguela para que os transeuntes pudessem atravessar o arroio. O construtor lembrava que faltava dinheiro na obra e que não poderia fazer a passagem. O problema então é resolvido criativamente. Com a visita do subprefeito havia sido colocada uma placa de inauguração, que foi retirada e utilizada como instrumento de passagem. Marina e Fabrício conseguem contratar um produtor de vídeos, Zico (Lázaro Ramos), para finalmente terminar o filme, completando os minutos faltantes. Todavia, ele cobra caro para terminar a película e faz várias modificações, utilizando mais dinheiro. A obra, ao seu turno, estava parada, o construtor alegava que não havia dinheiro para concluí-la. Enquanto o filme não ficava pronto, não poderia ser liberado o dinheiro. Finalmente, chega o grande dia da estreia do filme. Toda comunidade se reúne no salão paroquial, estando presentes autoridades políticas municipais e estaduais. Após os agradecimentos dos envolvidos na produção, o filme é exibido. Todos aplaudem, elogiam muito o filme, a atuação de Silene faz muito sucesso, e o representante estadual afirma que a peça entrará na grade curricular das escolas. Contudo, infelizmente, a causa inicial que levou a ser feito o filme, a canalização de esgoto, acabou não sendo concretizada. Com a falta da verba a obra restou completamente parada. Com o grande sucesso do filme, Cristal passou a ter um aumento de visitantes, todo o comércio logrou movimento, a única pousada local teve mais hospedagens, e assim, gradativamente, os problemas da comunidade passaram a serem resolvidos. O construtor, inclusive, sugeriu à secretária fazer uma grande obra na cidade, recebendo negativa por falta de dinheiro

disponível. Ele então, sugere que retirasse verba de alimentação das crianças por elas estudarem em somente um turno, não precisando de merenda na sua avaliação. Com efeito, é comum depararmos-nos com situações como as retratadas em *Saneamento Básico*. Verbas são constantemente desviados de seu destino, e o que deveria servir à comunidade, com melhorias nas áreas de saúde, segurança, educação e alimentação, é simplesmente utilizado em benefício de particulares.

Sangue Negro ^{1 2}
(*There Will Be Blood*, 2007)

Régis Bento de Souza



Produção marcada pelo sentimento de um cidadão americano audacioso, promissor, vitorioso e muito ambicioso, por sua ação em negócios originais e profícuos, e pelo sentimento afetivo de derrota que carrega por não possuir uma família consolidada. *Sangue Negro*, título do filme na língua portuguesa, ou *There Will De Blood*

¹ **Sangue Negro** (*There Will Be Blood*). Direção: Paul Thomas Anderson. Produção: JoAnne Sellar, Paul Thomas Anderson, Daniel Lupi. Estados Unidos: Miramax Filmes, 2007.

² Figura: Pôster oficial do filme.

“Haverá sangue”, em livre tradução) dá ênfase ao fato da extração de petróleo custar muitas vidas tanto nas questões produtivas e de mão de obra, quanto nos interesses pessoais, ideológicos, religiosos, amorosos e familiares incidentes a ela. Vislumbra-se na obra, o poder construído pelo eixo que liga as posições de mando e de obediência bem característico dos fenômenos sociais humanos estudados pela Ciência Política. A história apresentada remete a meados do Século XIX, nas divisas da Califórnia. Daniel Plainview (Daniel Day-Lewis) é um mineiro de minas de prata sem sucesso, “quebrado”, que tem um filho. Um dia ele descobre a existência de uma localidade no Oeste em que um “mar” de petróleo está transbordando do solo. Daniel decide partir para o local com seu filho, H.W. (Dillon Freasier). O nome da localidade é Little Boston. A única diversão do local é a igreja do singelo pastor Eli Sunday (Paul Dano). Daniel tem o interesse de comprar as terras das pessoas que residem no local, e assim inicia a propagação de uma série de informações assimétricas: diz que seu interesse é para cassar codornas, quando na verdade é perfurar poços e obter petróleo. Desta forma, Daniel e H.W. assumem riscos, e logo encontram um poço de petróleo que lhes traz as iniciais riquezas e também uma série de problemas para suas vidas íntimas. Com efeito, a história foca-se tanto no mineiro Daniel quanto no pastor Eli. O primeiro se torna um magnata do petróleo e odeia todos os seres humanos, querendo cada vez mais poder (“poder pelo poder”); o segundo, não menos ambicioso, também se torna obcecado pelo poder, mas um poder diferente: abstrato, invisível e intangível, ou seja, a fé. É um dado fático que o “vício” pelo poder corrompe os valores das pessoas, afirmando contravalores não legítimos nos mais diversos ambientes. O enredo da ênfase à ascensão e queda de Plainview que fica cego pelo poder, indo do extremo de um pai carinhoso a um vilão impiedoso, passando de empresário em ascensão e criativo nos negócios a um homem vingativo e sem pudor. Sunday (Paul Dano) surge como complemento da história, aprofundando nítidos aspectos de fanatismo religioso. O filme destaca a capacidade de interpretação de ambos os atores, tendo

Daniel Day-Lewis se sagrou o vencedor do Oscar 2008 de Melhor Ator. Inspirado no livro “Oil” (Petróleo!, 1927), de Upton Sinclair, a obra faz o espectador pensar e encontrar novas interpretações a cada vez que se assiste. Evidencia-se o uso de qualquer artifício para manutenção do poder (a morte de um suposto irmão, a morte do pastor, a declaração ao filho bastardo de não ser seu filho realmente de sangue, o abuso da bebida alcoólica). A busca por dinheiro leva o protagonista a não ter mais amor e discernimento sobre os que o rodeavam e queriam seu bem, prevalecendo a sua vontade de ter mais acima de tudo, até mesmo do bem maior, a vida. Na obra cinematográfica é clara na inexistência de uma sociedade livre, justa e solidária, pois o autoritarismo imposto é deflagrado nas ações empreendidas para se obter patrimônio alheio independente da vontade do outro. A solidariedade e as justas causas são consumidas, mesmo dentro do seio familiar, quando os interesses econômicos superam a lógica do bem comum. Mostra-se de modo surpreendente a discriminação com a religião, com as pessoas portadoras de deficiência auditiva, com aqueles que não têm a mesma instrução ou condição social, e toda sorte de preconceitos de origem, raça, sexo, cor e idade, em total desvalia com a vida do ser humano. Naquele contexto, não se vislumbrava a necessidade de diminuição da desigualdade social: as famílias que possuíam terras com valor agregado pela atividade petrolífera, objetivavam somente sua “causa particular”, nunca pensando no desenvolvimento nacional, mesmo que a base de sua riqueza e poder fosse uma matéria-prima que deveria ser coletiva e protegida pelo Estado. Em conclusão, observa-se a difusão social de interesses particulares e financeiros, restando a morte aos que contrariavam esse exercício generalizado de poder autoritário, antidemocrático e opressor. Percebendo-se, assim, uma Little Boston tomada pelo que Harmah Arendt referiu como *banalidade do mal*.

Sogra Infernal^{1 2}
(*Psycho In-Law*, 2017)

Viviane da Silva



O filme conta a história de Brock Nichols (Mike Faiola), médico e viúvo de Lorna Miller (Angie Patterson), advogada, com quem teve uma filha, Harper (Brooke Fontana), de 10 anos de idade. Lorna morreu em um acidente de carro, no qual sua mãe Joyce Miller (Catherine Dyer) era a motorista. Joyce e Lorna

¹ **Sogra Infernal** (*Psycho In-Law*). Direção: Jeff Hare. Produção: Ken Sanders. Estados Unidos: Reel One Entertainment, 2017.

² Figura: Pôster oficial do filme.

estavam discutindo sobre como Lorna criava Harper, quando ocorreu o sinistro. Joyce não aceitava que sua filha deixasse sua neta aos cuidados de uma babá para seguir sua carreira de advogada – ela não aceitava nem que a neta comesse um lanche feito pela escola. Joyce era totalmente autoritária em relação a criação da neta, como nos regimes políticos autoritários. Após a morte de Lorna, Joyce se aproxima muito do genro para ajudá-lo na criação da neta, e para que ela continuasse sendo feita da forma que queria. O conflito se estabelece quando Brock, após três anos da morte de Lorna, começa a namorar Tina (Katie Leclerc) e decide casar com ela. A sogra Joyce chega de uma viagem de férias com o marido, o advogado Duane Miller (Paul Messinger), e fica enlouquecida quando vê que Brock planejou um jantar para apresentar Tina aos amigos. O marido diz a Joyce para não se meter na vida de Brock, ela rebate afirmando que o problema não é Brock se casar, e sim, outra mulher intervir na criação de Harper. Quando Tina é apresentada a Joyce, ela logo quer saber qual a profissão da moça, que é designer de interiores, para posteriormente fazer várias armações para que o casamento não ocorra, e a criação da neta não saia de seu controle. Vê-se claramente que Joyce, assim como fazem governantes autoritários, com o objetivo de manter seu poder, no caso de mando e de orientação da neta, é capaz de fazer qualquer coisa, como criar histórias falsas (*fake news*), aliciar pessoas, e, inclusive, matar, tudo para não perder o poder. Joyce começa a por seus planos em ação quando Brock decide que quem vai levar Harper a escola todos os dias é Tina e não ela. Joyce aproveita o tempo que fica sozinha na casa, enche o local com fotos da falecida filha e esconde o calendário das atividades escolares de Harper. Após uma armação da avó, Harper pede ao pai para que Tina não a leve mais na escola. Brock decide levar ele mesmo a filha na escola, mas antes de sair vê que a criança ainda está de pijama. Tina procura o calendário escolar de Harper e não o encontra. Ela diz ao companheiro que Harper pode ir assim mesmo, pois acha que é o

dia do pijama na escola. Ao chegar à escola com a filha, no entanto, descobre que não era o dia do pijama, o que o deixa muito bravo com Tina. Joyce vai ao consultório do genro e lhe mostra algumas fotos antigas de sua pretendeste, afirmando que ela não serve para ser a madrasta de Harper. Brock não entra no jogo da sogra e afirma que é bom que Tina continue participando da vida da menina. Saindo do consultório e vendo que seu plano não deu certo, decide alterá-lo. Aproveitando que seu marido é advogado, faz alguns contatos e contrata um detetive. Ele descobre que não a nada de errado no passado de Tina, porém encontra um ex-namorado e marca um falso encontro da moça com o ex. Assim, faz com que Brock dê um “flagrante” em Tina, que sem jeito aduz não saber o porquê do ex ter ido até seu escritório. Além disso, Joyce também trama com a ex-sócia de Tina, que passa acusá-la de roubo. Tina fica tão atordoada com a história que se esquece de buscar Harper na escola. Mais uma vez Joyce conversa com o genro sobre sua companheira, oportunidade em que ele diz que Tina está apenas passando por um momento conturbado em sua vida, mas será uma boa mãe. Na volta para casa, Duane diz à esposa que descobriu toda a sua armação contra Tina e pede a ela para contar tudo ao casal. Joyce diz ao marido que não irá fazer isso. Duane passa mal, tem um infarto e pede a mulher o seu remédio. A sogra infernal para não ser descoberta, não dá o remédio ao marido, se desfaz do fármaco, e ele morre. Joyce liga para Brock, que vai até sua residência, e afirma que não encontrou o remédio de Duane, e por isso ele morreu. Desse modo, Joyce deixa bem claro que pelo poder, assim como governos autoritários, é capaz de tudo com o intuito de não perdê-lo, inclusive de matar quem não está do seu lado, não importando quem fosse. No dia do casamento de Tina e Brock, a noiva e sua mãe vão ao salão de beleza. Lá a jovem descobre que Joyce havia contratado um detetive e que quem roubou a sua ex-sócia foi uma presa, tendo ambos ligação com o falecido marido da sogra. Joyce entra no apartamento e tem uma discussão com a irmã de Tina que diz ter descoberto as suas

intrigas. Joyce então empurra a mulher pela janela do apartamento, deixa o lugar e segue para o local do casamento. Lá encontra Tina sozinha e tenta matá-la, porém a mãe de Tina chega a tempo e salva a filha. Brock interna Joyce em uma clínica psiquiátrica, a irmã de Tina sai do hospital (apenas com o braço quebrado) e finalmente o médico e sua companheira se casam. O filme mostra que pelo poder algumas pessoas são capazes de violar a dignidade humana dos outros. Joyce, a avó, sempre fez de tudo para manter o poder de mando sobre a neta, inclusive sendo capaz de matar o seu próprio marido. Nos regimes autoritários, igualmente pessoas são mortas por se oporem ao governo, informações são manipuladas, e crimes são praticados pela própria autoridade estatal em prol de se manter no poder.

Velozes e Furiosos 5: Operação Rio ^{1 2} (*Fast Five*, 2011)

Victória Gabriela da Silva



O filme é uma sequência que traz novamente às telas a história de um grupo norte-americano que vive inserido no mundo crime. Desde 2001, ano em que foi lançado o primeiro longa da franquia, o grupo que pode ser classificado como uma quadrilha organizada, efetua furtos de grande valor e comete atos ilícitos à

¹ **Velozes e Furiosos 5: Operação Rio** (*Fast Five*). Direção: Justin Lin. Produção: Neal H. Moritz, Vin Diesel, Michael Fottrell. Estados Unidos: Universal Pictures, 2011.

² Figura: Pôster oficial do filme.

legislação dos Estados Unidos. Em *Velozes e Furiosos 5: Operação Rio*, isso não é diferente. Dominic Toretto (Vin Diesel), Mia Toretto (Jordana Brewster) e Brian O'Conner (Paul Walker), integrantes principais do grupo, se veem obrigados a fugir para outro Estado, devido ao histórico de crimes cometidos, e por estarem sendo procurados pelas autoridades americanas. Assim, é no Brasil que eles encontram refúgio, mais precisamente no Rio de Janeiro, ou como é conhecida: a Cidade Maravilhosa. Toretto, Mia e Brian ao chegarem ao país, seguem direto para a favela da Rocinha. Lá, eles encontram Vince (Matt Schulze), também membro do grupo, que oferece um “serviço” para o trio, visto que os mesmos precisavam de dinheiro. O único detalhe que Vince deixa de fora é que eles iriam justamente furtar o maior dos ladrões: o prefeito do Rio de Janeiro, Hernan Reis (Joaquim de Almeida). O político mais poderoso da região que em tese não poderia faltar com a ética inerente ao seu cargo faz suas próprias regras e possui tudo e todos na palma de sua mão. Como prefeito, ele possui o poder político legítimo, estabelecendo relações de mando e obediência com os cidadãos. A quadrilha vai ao encontro de onde o prefeito iria efetuar mais um de seus esquemas que consistia em transportar em um carro um microchip que continha todas as informações sobre as operações de lavagem de dinheiro e o local em que o montante era escondido. Assim, após efetuar o furto, o grupo passou a ser procurado pelos agentes federais norte-americanos e também pelos capangas de Hernan. Ao descobrirem o conteúdo do microchip, o grupo decide se apossar do dinheiro, e para isso eles chamam reforços dos quatro cantos do mundo. Com um esquema muito bem elaborado e com a equipe reforçada é possível perceber a institucionalização do poder, a partir do plano articulado que estipulou funções claramente definidas para cada integrante. O prefeito mantinha seu dinheiro em empresas fantasmas espalhadas pela cidade. Logo, o grupo estabeleceu o seguinte raciocínio: ao queimar o dinheiro de uma delas, o político faria de tudo para proteger a restante. Porém, eles não imaginaram

que ele utilizaria a polícia local como guardião dessa quantia. Para piorar a situação, agentes policiais estrangeiros chegam ao Brasil à procura do Toretto.³ Na favela, vê-se um nítido conflito de poder, os “chefes” do território entram em confronto com os agentes norte-americanos: o poder de direito representado pela polícia estrangeira que invade o local, e o poder de fato de quem comandava a favela mandando e desmandando naquele território. Com tal conflito, inicia-se um tiroteio. O filme, assim, retrata problema comum das comunidades brasileiras em que residem pessoas que não tem nada a ver com disputas de poder como aquela, mas acabam se envolvendo como vítimas de autoridades estatais e paraestatais que não possuem controle. O prefeito que deveria promover a segurança da população é a própria causa do caos retratado. Logo, nas ações dele a finalidade pretendida não é o bem comum, mas sim a sua própria preocupação em garantir seus bens oriundos de modo ilícito. Apesar de tudo, os protagonistas conseguem escapar dos agentes e dos perseguidores, e utilizam de uma forma democrática para decidir se irão prosseguir ou não com os planos iniciais. A maioria do grupo, mesmo achando loucura roubar um cofre localizado dentro de um prédio da polícia, concorda em continuar com o planejado. Então, eles retiram o objeto de dentro do órgão policial, arrastam-no pela cidade e somem. Observa-se que apesar dos personagens principais serem os “queridinhos” na trama, não é possível excluí-los da culpa pelos ilícitos que cometem. É perceptível, ao considerar a atual situação do Brasil que os crimes mostrados no filme não sejam um exagero fictício, mas sim uma realidade, com políticos corruptos que negligenciam a calamidade de suas cidades para desviar dinheiro público para o seu próprio uso pessoal. Fato é que já não se sabe mais quem são os “maus” e quem são os “bons”. No tocante a ação dos protagonistas e ainda a forma que eles saem impunes,

³ No filme anterior, ele havia sido condenado à prisão pelo Poder Judiciário dos Estados Unidos, todavia, na trajetória ao presídio, foi resgatado por Mia e Brian.

transmite-se uma ideia de que é normal roubar milhões, o que igualmente não é nada utópico. Então, faz-se repensar as prescrições constitucionais brasileiras que deveriam ser o guia normativo do país, mas que a cada dia vem sendo rasgadas por aqueles que possuem o poder. A corrupção, assim, parece ser contagiosa. Não é apenas um prefeito, vereador, governador, deputado ou delegado que operam ações questionáveis, mas também a população em geral. Aquele que justifica o ato ilícito alegando que o político também o pratica, não é menos culpado do que a pessoa que detém o poder.

E o que vem após o apagar das luzes?

A Conclusão

Os Organizadores

Definir é um verbo que por vezes imprime a ilusão do estabelecimento de limites em certas situações ou de contornos precisos a um determinado objeto. É a indicação de que se chegou a um verdadeiro sentido para alguma análise. Contudo, embora tenha se chegado ao momento definitivo, definições não se aplicam (e nunca se aplicarão) às reflexões ora empreendidas. Definir Direito, Política ou Cinema é tentar, inevitável e frustradamente, delimitar tais campos de modo a buscar compreendê-los de uma só maneira. Porém, a busca por compreensão não compreende ao encontro definitivo dos elementos essenciais de um fenômeno.

O Direito corresponde minimamente a uma expectativa que os cidadãos depositam no estabelecimento de um sistema normativo pelo qual se viabiliza uma convivência social mínima. A Política referencia a possibilidade democrática de participação em assuntos de interesse público e comunitário, bem como a necessidade do desenvolvimento de consciência crítica acerca da realidade e da gestão públicas operacionalizadas por vias estatais. O Cinema, ao seu turno, nos apresenta a arte do registro de impressões luminosas e de movimento que contam histórias e reconstituem experiências humanas. Três fenômenos distintos, dotados de definições suficientes, mas nunca plenamente completos em si mesmos.

O que acontece quando termina o Direito? O que ocorre quando finda a Política? Quando um filme se encerra, o apagar das

luzes põe fim ao que se via e ouvia. Mas o que se sente acaba? Dificilmente. A luz, a imagem e o som são instrumentos pelos quais o cineasta desenvolve o seu trabalho. A reflexão sobre o produto do trabalho cinematográfico é o que leva um espectador a, por si, empreender críticas sobre os filmes e suas narrativas, mas também sobre a sua condição pessoal. Quando a reflexão sobre o Cinema transcende os contornos artísticos e toca às facetas humanas atinentes à construção da vida em sociedade, consegue-se sentir que o Direito e a Política vivem nos filmes. Direito e Política, assim, não se encerram em processos jurídicos ou pleitos eleitorais: eles chegaram, através das telas, ao seu destinatário, ou seja, ao cidadão.

Contudo, quando as luzes do Direito e da Política se apagam, o que resta deles é o analfabetismo político. O dramaturgo alemão Bertolt Brecht, em sua destacada poesia, bem apontou que “*o pior analfabeto é o analfabeto político*”, aquele que “*não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos*” e que “*se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a Política*” e que, ao encerrar das luzes, gera “*o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista*”. O trabalho que ora se finda corresponde uma singela tentativa de se minimizar no seio acadêmico a existência tanto de analfabetos políticos quanto de políticos vigaristas. Quanto ao primeiro arquétipo, registra-se que, sem sombra de dúvidas, logrou-se sucesso. Dezenas de alunos aceitaram o desafio de ver um filme, além do lazer, e refletir jurídica e politicamente acerca da repercussão de sua narrativa no contexto do Direito que estudam e da Política que vivenciam e, certamente, o produto de seus trabalhos intelectuais comprova o quão emancipador é, no apagar das luzes, saber que o seu próprio conhecimento é chama que ilumina tempos obscuros – potencializando a erradicação do segundo arquétipo.

Assim, percebe-se o presente produto (e seus antecessores) como fruto de um projeto (*Participação Política Cidadã*) tido como uma similar iluminação. Se a historiografia política, indica que o

movimento iluminista oitocentista fez ressurgir ideais greco-romanos de garantias e direitos fundamentais, esta “empreitada” literária buscou fazer reavivar a tradição jurídica de dialogar com fontes empíricas. Aqui nada mais se fez do que proporcionar aos alunos-autores o exercício ativo do estudo e da pesquisa direcionado à conteúdos jurídicos e políticos, através do poderoso instrumento que é a Arte, especialmente o Cinema. Trata-se, de fato, da utilização de uma metodologia ativa igualmente poderosa, qual seja, o realismo jurídico aplicado. Mas, para além disso, trata-se de um estado de coisas ideal no qual cidadãos que buscam conhecimento técnico-jurídico como qualificação acadêmico-profissional olham para o mundo dos fatos com clareza e percebem o quão fundamental é se apropriar da dimensão política da vida, sem, de modo algum, ignorar a oxigenação que o Cinema proporciona.

Por fim, nessa alegoria que encerra esse livro e fecha essa trilogia literária, permite-se pedir ao generoso leitor que, nesse apagar de luzes, compartilhe da impressão que o filósofo esloveno Slavoj Žižek outrora trouxe a baila: a utopia (essa utopia, a nossa utopia) é “a *única maneira de você construir o seu futuro*” e, por conseguinte, efetivar o Direito e transformar a Política.

Referências

- 12 Horas Para Sobreviver – O Ano da Eleição** (*The Purg: Election Year*). Direção: James DeMonaco. Produção: Jason Blum, Michael Blay, Andrew Form, Brad Fuller, Sébastien K. Lemercier. Estados Unidos: Universal Pictures, 2016.
- 13º Distrito** (*Brick Mansions*). Direção: Camile Delamarre. Produção: Luc Besson, Claude Léger, Jonathan Vanger. Canadá: VVS Films, 2014.
- A 13ª Emenda** (13th). Direção: Ava DuVernay. Produção: Howard Barish, Ava DuVernay, Spencer Averick. Estados Unidos: Netflix, 2016.
- ALPA, Guido. Las tareas actuales del derecho privado. **Revista de derecho privado**, n. 1, Madrid, ene./feb. 2008.
- A Saga Crepúsculo: Lua Nova** (*The Twilight Saga: New Moon*). Direção: Chris Weitz. Produção: Wyck Godfrey, Karen Rosenfelt. Estados Unidos: Paris Filmes, 2009.
- Até o Último Homem** (*Hacksaw Ridge*). Direção: Mel Gibson. Produção: Bill Mechanic, David Permut, Terry Benedict, Paul Currie, Bruce Davey, Brian Oliver, William D. Johnson. Estados Unidos: Summit Entertainment, 2016.
- BARROSO, Luís Roberto. **Constituição, Direito e Política**: o Supremo Tribunal Federal e os Poderes da República. São Paulo: Instituto FHC, 2015.
- Branca de Neve e o Caçador** (*Snow White and the Huntsman*). Direção: Rupert Sanders. Produção: Sam Mercer, Palak Patel, Joe Roth. Estados Unidos: Universal Pictures, 2012.
- CATALAN, Marcos. Do conflito existente entre o modelo adotado pela Lei 10.406/02 (CC/2002) e o artigo 4º da Lei de Introdução ao Código Civil. **Revista de direito privado**, v. 25, São Paulo, 2006.

CATALAN, Marcos. Um sucinto inventário de vinte e cinco anos de vigência do código de defesa do consumidor no Brasil. **Revista de direito do consumidor**, v. 103, São Paulo, jan./fev. 2016.

Cidade do Silêncio (*Bordertown*). Direção: Gregory Nava. Produção: Gregory Nava, Jennifer Lopez, Simon Fields. Estados Unidos: THINKFilm, 2006.

Coach Carter - Treino para a Vida (*Coach Carter*). Direção: Thomas Carter. Produção: Michael Tollin, Brian Robbins, David Gale. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2005.

Corra! (*Get Out*). Direção: Jordan Peele. Produção: Sean McKittrick, Jason Blum, Edward H. Hamm Jr., Jordan Peele. Estados Unidos: Universal Pictures, 2017.

Divergente (*Divergent*). Direção: Neil Burger. Produção: Douglas Wick, Lucy Fischer e Pouya Shabazian. Estados Unidos: Paris Filmes, 2014.

Eles Não Usam Black-Tie. Direção: Leon Hirszman. Produção: Leon Hirszman, Carlos Alberto Diniz. Brasil: Embrafilme, 1981.

ELIS. Direção: Hugo Prata. Produção: Fábio Zavala. Brasil: Downtown Filmes, 2016.

FACCAT. **Projeto Pedagógico Institucional**. Taquara: FACCAT, 2015

Footloose. Direção: Craig Brewer. Produção: Craig Brewer, Neil Meron, Dylan Sellers, Brad Weston. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2011.

Gran Torino. Direção: Clint Eastwood. Produção: Bill Gerber, Robert Lorenz, Clint Eastwood. Estados Unidos: Warner Bros., 2008.

Histórias Cruzadas (*The Help*). Direção: Tate Taylor. Produção: Chris Columbus, Michael Barnathan, Michael Radcliffe. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2011.

IPEA. **Atlas da Violência 2017**. Disponível em: [\[http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf\]](http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf).

Jornada pela Justiça (*The Wronged Man*). Direção: Tom McLoughlin. Produção: Gary Ventimiglia, Robert J. Wilson. Estados Unidos: Sony Pictures, 2010.

Kill Bill: Volume 2. Direção: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. Estados Unidos: Miramax Films, 2004.

MARQUES, Cláudia Lima; MIRAGEM, Bruno; OLIVEIRA, Amanda Flávio de (Orgs.). **25 anos do Código de Defesa do Consumidor: trajetória e perspectivas**. São Paulo: RT, 2016.

Matrix Revolutions (*The Matrix Revolutions*). Direção: As Irmãs Wachowski. Produção: Joel Silver. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2003.

MAZEAUD, Denis. Diritto dei contratti: la riforma all'orizzonte! **Rivista di Diritto Civile**, v. 60, n. 4, Padova, lug./ago. 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Mulher-Maravilha (*Wonder Woman*). Direção: Patty Jenkins. Produção: Charles Roven, Deborah Snyder, Richard Suckle, Zack Snyder. Estados Unidos: Warner Bros., 2017.

O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias. Direção: Cao Hamburger. Produção: Cao Hamburger, Caio Gullane, Fabiano Gullane. Brasil: Buena Vista Internacional, 2006.

O Jogo da Imitação (*The Imitation Game*). Direção: Morten Tyldum. Produção: Nora Grossman, Ido Ostrowsky, Teddy Schwarzman. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2014.

O Livro de Eli (*The Book of Eli*). Direção: Allen Hughes, Albert Hughes. Produção: Andrew A. Kosove, Broderick Johnson, Joel Silver, David Valdes, Denzel Washington. Estados Unidos: Sony Pictures, 2010.

O Nascimento de uma Nação (*The Birth of a Nation*). Direção: D. W. Griffith. Produção: D. W. Griffith, Harry Aitken. Estados Unidos: *Epoch Producing Co.*, 1915.

O Nascimento de uma Nação (*The Birth of a Nation*). Direção: Nate Parker. Produção: Nate Parker, Kevin Turen, Jason Michael Berman, Aaron L. Gilbert, Preston Holmes. Estados Unidos: *Fox Searchlight Pictures*, 2016.

O Poderoso Chefão (*The Godfather*). Direção: Francis Ford Coppola. Produção: Albert S. Ruddy. Estados Unidos: *Paramount Pictures*, 1972.

O Poderoso Chefão, Parte II (*The Godfather Part II*). Direção: Francis Ford Coppola. Produção: Francis Ford Coppola, Gray Frederickson, Fred Ross. Estados Unidos: *Paramount Pictures*, 1974.

O Quinto Poder (*The Fifth Estate*). Direção: Bill Condon. Produção: Michael Sugar, Steve Golin, Brad Dorros. Estados Unidos: *Walt Disney Pictures*, 2013.

O Senhor dos Anéis: As Duas Torres (*The Lord of the Rings: The Two Towers*). Direção: Peter Jackson. Produção: Barrie M. Osborne, Fran Walsh, Peter Jackson. Nova Zelândia: *New Line Cinema*, 2002.

O Sorriso de Mona Lisa (*Mona Lisa Smile*). Direção: Mike Newell. Produção: Fredward Johanson. Estados Unidos: *Columbia Pictures*, 2003.

Okja. Direção: Bong Joon-ho. Produção: Dede Gardner, Jeremy Kleiner, Lewis Taewan Kim, Dooho Choi, Seo Woo-sik, Bong Joon-ho, Ted Sarandos. Coreia do Sul, Estados Unidos: *Netflix*, 2017.

Olhos da Justiça (*Secret In Their Eyes*). Direção: Billy Ray. Produção: Mark Johnson, Juan José Campanella. Estados Unidos: *Diamond Films*, 2015.

Os Croods (*The Croods*). Direção: Chris Sanders, Kirk DeMicco. Produção: Jane Hartwell, Kristine Belson. Estados Unidos: *20th Century Fox*, 2013.

Os Oito Odiados (*The Hateful Eight*). Direção: Quentin Tarantino. Produção: Richard N. Gladstein, Shannon McIntosh, Stacey Sher. Estados Unidos: *The Weinstein Company*, 2015.

PEREIRA, Gustavo Oliveira de Lima. **A pátria dos sem pátria: direitos humanos & alteridade**. Porto Alegre: *Uniritter*, 2011.

Quem Quer Ser Um Milionário? (*Slumdog Millionaire*). Direção: Danny Boyle. Produção: Christian Colson, Simon Beaufoy. Reino Unido: Warner Bros, 2008.

RODOTÀ, Stefano. Editoriale. **Rivista critica del diritto privato**, v. 25, n. 1, Napoli, mar. 2007.

Saneamento Básico, o Filme. Direção: Jorge Furtado. Produção: Zu Escobar. Brasil: Globo Filmes, 2007.

Sangue Negro (*There Will Be Blood*). Direção: Paul Thomas Anderson. Produção: JoAnne Sellar, Paul Thomas Anderson, Daniel Lupi. Estados Unidos: Miramax Filmes, 2007.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira da; PEZZELLA, Maria Cristina Cereser (Coords.). **Mitos e rupturas no direito civil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

Sogra Infernal (*Psycho In-Law*). Direção: Jeff Hare. Produção: Ken Sanders. Estados Unidos: Reel One Entertainment, 2017.

STRECK, Lenio. **Dicionário de hermenêutica**. São Paulo: Casa do Direito, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2010.

Velozes e Furiosos 5: Operação Rio (*Fast Five*). Direção: Justin Lin. Produção: Neal H. Moritz, Vin Diesel, Michael Fottrell. Estados Unidos: Universal Pictures, 2011.

Sobre os autores

Amanda Maqueli da Silva é Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT e, atualmente, trabalha no Poder Judiciário da Comarca de Três Coroas/RS.

Ana Luísa SchalleMBERGER Alves é Consultora de Relacionamento na Empresa TicketLog e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Ane Caroline de Oliveira Riva é Bacharel em Educação nas Organizações pela ULBRA e Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Bruna Corbellini é Empregada em uma pousada familiar em Gramado/RS e Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Caroline Menegazzo Vargas é Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Caroline Tassiane Keller é Empreendedora e Fundadora da Loja Santíssima, Graduada em Administração, com ênfase em Marketing, pela UNINTER e Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Denise Bühler é Formada em Licenciatura Plena em Matemática, Acadêmica no Curso de Direito da FACCAT, e Professora na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.

Eduarda Ortiz Ermel é Técnica em Meio Ambiente pela Escola Técnica Estadual Monteiro Lobato-CIMOL e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Geison Dias é Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT e Estagiário de Direito na Área de Execução Trabalhista.

Gilza da Silva Machado é Analista de Recursos Humanos na Unimed – Encosta da Serra, Bacharela em Administração de Empresas pela Universidade Anhanguera, Especialista em Gestão de Recursos Humanos pela UNINTER e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Heitor Barbosa da Silva é Estagiário e Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Izabel Cristina da Silva Trentin é Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Josiani da Silva Pospichil é Monitora Educacional da Prefeitura Municipal de Rolante, Licenciada em Letras e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Karina de Oliveira Reis é Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Luana Patrícia Fonseca Ferreira é Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Lucas Guilherme Soares é Identificador Veicular Documental, Funcionário do Tabelionato e Registro Civil de Rolante/RS e Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Lucas Mateus Jungthon é Militar Estadual da Ativa e Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Marcelo Müller é Bacharel em Administração de Empresas, Pós-Graduado em Controladoria e Finanças, Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT, e Gerente de Relacionamento no Banco do Brasil em Gramado.

Maiara Arnold Corrêa é Subsecretaria da Receita Estadual – Agência de Gramado/RS e Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Maiara da Rosa Martins é Vendedora e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Maiara Zandoná é Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Marciana Bernardes da Silva é Formada em Letras Português/Inglês pela UNISINOS e Pós-Graduada em Gestão Escolar pela Faculdade de Jacarepaguá, Servidora Pública do Poder Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Marco Aurelio Duarte da Costa é Comerciante de Veículos e Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Maria Leatrice Saldanha Pacheco é Pedagoga e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Pâmela Schwerz é Assessora Administrativa no Município de Araricá e Estudante no Curso de Direito da FACCAT.

Régis Bento de Souza é Motorista de Ônibus, Dirigente Sindical, Vereador Reeleito no Município de Taquara em 2013-2016 e 2017-2020, e Acadêmico do Curso de Direito da FACCAT.

Silvio Luis Cecilio Da Silva é Empresário, Técnico Eletricista, Técnico Eletrônico, Graduado em Administração de Pequenas e Médias Empresas e Graduando em Direito pela FACCAT.

Thais Lenz é Gerente Financeira do O Varejão Supermercado e Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Victória Gabriela da Silva é Estagiária no Fórum da Comarca de Três Coroas e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Vitória dos Reis Siepmann é Estagiária Auxiliar de Juiz de Direito em Santo Antônio da Patrulha/RS e Estudante do Curso de Direito da FACCAT.

Viviane da Silva é Licenciada em Ciências/Matemática pela ULBRA, Empresária na Imunizadora Igrejinha Ltda. e na AgroInset, e Acadêmica do Curso de Direito da FACCAT.

Sobre os organizadores

Idola Regina dos Santos Campos é Assistente Social graduada pela PUCRS e Técnica Superior Penitenciária com atuação no Conselho de Ética em Pesquisa e na Divisão de Ensino da Escola Superior Penitenciária do Rio Grande do Sul.

Veyzon Campos Muniz é Professor Universitário, Advogado, Jornalista e Servidor Público. Doutorando em Direito Público pela Universidade de Coimbra, Mestre e Bacharel em Direito pela PUCRS, Especialista em Direito Tributário pela UNIP e em Direito Público pela UCS/ESMAFE-RS.

Lista de filmes presentes na coleção

1. 12 Anos de Escravidão, de Steve Mc Queen (2)
2. 12 Horas Para Sobreviver – O Ano da Eleição, de James DeMonaco (3)
3. 13º Distrito, de Camille Delamarre (3)
4. 1911, de Jackie Chan (1)
5. 1984, de Michael Radford (1)
6. A Bruxa, de Robert Eggers (2)
7. A Ilha, de Michael Bay (2)
8. A Lenda de Tarzan, de David Yates (2)
9. A Lista de Schindler, de Steven Spielberg (1)
10. A Menina que Roubava Livros, de Brian Percival (2)
11. A Onda, de Dennis Gansel (1)
12. A Revolução dos Bichos, de John Stephenson (1)
13. A Vida é Bela, de Roberto Benigni (2)
14. A Vida de David Gale, de Alan Parker (1)
15. A Saga Crepúsculo: Lua Nova, de Cris Weitz (3)
16. Até o Último Homem, de Mel Gibson (3)
17. Bastardos Inglórios, de Quentin Tarantino (2)
18. Batismo de Sangue, de Helvécio Ratton (2)
19. Branca de Neve e o Caçador, de Rupert Sanders (3)
20. Chove sobre Santiago, de Helvio Soto (1)
21. Cidade de Deus, de Fernando Meirelles (2)
22. Cidade do Silêncio, de Gregory Nava (3)
23. Coach Carter – Treino para a Vida, de Thomas Carter (3)
24. Códigos de Guerra, de John Woo (1)
25. Corra!, de Jordan Peele (3)
26. Daens, um grito de justiça, de Stijn Coninx (2)
27. Deus Não Está Morto, de Harold Cronk (2)
28. Divergente, de Neil Burger (3)
29. Dr. Fantástico, de Stanley Kubrick (2)
30. Eles Não Usam Black-Tie, de Leon Hirszman (3)
31. ELIS, de Hugo Prata (3)
32. Ensaio Sobre a Cegueira, de Fernando Meirelles (2)
33. Equilibrium, de Kurt Wimmer (1)

34. Estrelas Além do Tempo, de Theodore Melfi (2)
35. Fahrenheit 451, de François Truffaut (2)
36. Footloose, de Craig Brewer (3)
37. Gladiador, de Ridley Scott (2)
38. Gran Torino, de Clint Eastwood (3)
39. Guerra dos Mundos, de Steven Spielberg (2)
40. Histórias Cruzadas, de Tate Taylor (3)
41. Jogos Vorazes, de Gary Ross (1)
42. Jornada pela Justiça, de Tom McLoughlin (3)
43. Little Boy: Além do Impossível, de Alejandro Monteverde (1)
44. Mad Max: Estrada da Fúria, de George Miller (1)
45. Mãos Talentosas, de Thomas Carter (2)
46. Memórias Secretas, de Atom Egoyon (1)
47. Mulher-Maravilha, de Patty Jenkins (3)
48. O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias, de Cao Hamburger (3)
49. O Diabo Veste Prada, de David Frankel (1)
50. O Grande Ditador, de Charles Chaplin (1)
51. O Jogo da Imitação, de Morten Tyldum (3)
52. O Livro de Eli, de Allen Hughes (3)
53. O Menino do Pijama Listrado, de Mark Herman (2)
54. O Nascimento de uma Nação, de D. W. Griffith (3)
55. O Nascimento de uma Nação, de Nate Parker (3)
56. O Poderoso Chefão, Parte II, de Francis Ford Copolla (3)
57. O Quinto Poder, de Bill Condon (3)
58. O Regresso, de Alejandro G. Iñárritu (1)
59. O Segredo dos Seus Olhos, de Juan José Campanella (1)
60. O Senhor dos Anéis: As Duas Torres, de Peter Jackson (3)
61. O Sorriso de Mona Lisa, de Mike Newell (3)
62. Oblivion, de Joseph Kosinski (1)
63. Obrigado por Fumar, de Jason Reitman (2)
64. Okja, de Bong Joon-ho (3)
65. Olhos da Justiça, de Billy Ray (3)
66. Olga, de Jayme Monjardim (1)
67. Onde os Fracos Não Têm Vez, de Joel e Etham Coen (2)
68. Os Croods, de Chris Sanders e Kirk DeMicco (3)
69. Os Meninos que Enganavam Nazistas, de Christian Duguay (2)
70. Os Oito Odiados, de Quentin Tarantino (3)
71. Pump Fiction: Tempo de Violência, de Quentin Tarantino (1)
72. Quem Quer Ser Um Milionário?, de Danny Boyle (3)
73. Robin Hood, de Ridley Scott (1)
74. Saneamento Básico, o Filme, de Jorge Furtado (3)

75. Sangue Negro, de Paul Thomas Anderson (3)
76. Selma: Uma Luta pela Igualdade, de Ava DuVernay (2)
77. Sem Prada, Nem Nada, de Angel Garcia (2)
78. Sociedade dos Poetas Mortos, de Peter Weir (1)
79. Sogra Infernal, de Jeff Hare (3)
80. Stars Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith, de George Lucas (2)
81. Stars Wars: O Despertar da Força, de J.J. Abrams (2)
82. Stonewall, de Roland Emmerich (2)
83. Teorema, de Pier Paolo Pasolini (1)
84. Tropa de Elite 2: o Inimigo agora é Outro, de José Padilha (2)
85. Uma Noite de Crime 2: Anarquia, de James DeMonaco (2)
86. V de Vingança, de James McTeigue (1)
87. Velozes e Furiosos 5: Operação Rio, de Justin Lin (3)
88. Velozes e Furiosos 7, de James Wan (2)
89. Wiplash – Em busca da perfeição, de Damien Chazelle (2)
90. Zuzu Angel, de Sergio Rezende (1)